

REDIS

Alexandra Pinto
Janaina Silva
Valdir Barzotto
ORG.

REVISTA DE
ESTUDOS DO
DISCURSO

2014

REDIS

REVISTA DE
ESTUDOS DO
DISCURSO

FLUP/CLUP
FFLCH - USP
EDI.

Nº3 ANO 2014
ISSN 2183-3958

Editada pelo CLUP - Centro de Linguística da Universidade do Porto em parceria com a Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, a revista “REDIS: Revista de Estudos do Discurso” é uma publicação científica cuja edição digital respeita integralmente os critérios da política do acesso livre à informação.

Published by CLUP - Centro de Linguística da Universidade do Porto in partnership with Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, “REDIS: Revista de Estudos do Discurso” is a scientific open access journal whose digital version follows all the criteria of OA publishing policy.

FICHA TÉCNICA

TÍTULO	<i>REDIS: REVISTA DE ESTUDOS DO DISCURSO</i> NRº 3, ANO 2014
EDITORES	CENTRO DE LINGUÍSTICA DA UNIVERSIDADE DO PORTO FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO ESTE TRABALHO É FINANCIADO POR FUNDOS NACIONAIS, ATRAVÉS DA FUNDAÇÃO PARA A CIÊNCIA E A TECNOLOGIA, NO ÂMBITO DO PROJETO PEST-OE/LIN/ UI0022/2014 & FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
LOCAL DE EDIÇÃO	PORTO, PORTUGAL
ISSN	2183-3958
PERIODICIDADE	ANUAL
DIREÇÃO DA REDIS	ALEXANDRA GUEDES PINTO (FLUP; CLUP) & VALDIR HEITOR BARZOTTO (FFLCH; FE - USP)

FICHA TÉCNICA

CONSELHO CIENTÍFICO	ALDINA MARQUES (ILCH - UM; CEHUM), ANTÓNIO BRIZ (UNIVERSIDAD DE VALENCIA), CATHERINE KERBRAT-ORECCHIONI (ICAR CNRS-UNIVERSITÉ LUMIÈRE LYON 2), CHRISTIAN PLANTIN (UNIVERSITÉ DE LYON 2; ICAR), DOMINIQUE MAINGUENEAU (UNIVERSITÉ PARIS IV- SORBONNE), ISABEL MARGARIDA DUARTE (FLUP; CLUP), JOAQUIN GARRIDO (UCM), JOSÉ PORTOLÉS (UAM), LUIZ ANTÔNIO DA SILVA (FFLCH - USP), RUI RAMOS (IE - UM), SÓNIA RODRIGUES (FLUP; CLUP) & ZILDA AQUINO (FFLCH - USP)
DESIGN E PAGINAÇÃO	SILVANA COSTA & MARIA ELENA ORTIZ
ACESSO EM LINHA	http://ler.letras.up.pt/site/default.aspx?qry=id05id1446&sum=sim

Os artigos publicados na REDIS – *Revista de Estudos do Discurso* estão sujeitos a *peer review*.

ÍNDICE

DUARTE, ISABEL MARGARIDA & RODRIGUES, SÓNIA VALENTE Modalisation et distance énonciative dans des rapports d'évaluation d'activités de formation de professeurs	11 - 30
GOMES, CARLOS & SILVA, FÁTIMA Mecanismos de atenuação e intensificação no ensino-aprendizagem do Português como língua estrangeira	32 - 66
KOPYTOWSKA, MONIKA Modality, distance, and the television news genre	68 - 92
MARQUES, MARIA ALDINA Linguagem coloquial e modalização	94 - 106
PINTO, ALEXANDRA GUEDES & PEREIRA, CARLA Modalização e Construção do Humor nas crónicas de Ricardo Araújo Pereira	108 - 124
PITA, SARA & PINTO, ROSALICE Construção dos <i>ethè</i> em discursos políticos em Portugal e no Brasil: um estudo comparativo	126 - 154
RAMOS, RUI Construção dos objetos de discurso em artigos mediáticos de divulgação científica para crianças	156 - 182
WARROT, CATARINA VAZ Modalité expressive en portugais dans le texte littéraire (littérature lusophone) et sa traduction en français: l'expression de l'émotion	184 - 200

NOTA EDITORIAL

A REDIS, Revista de Estudos do Discurso, é uma iniciativa de duas instituições académicas e de investigação parceiras que uniram esforços na concretização de um projeto editorial conjunto: a Universidade de São Paulo, por intermédio das Faculdades de Educação (FEUSP) e de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH-USP) e a Universidade do Porto, por meio da Faculdade de Letras (FLUP) e do Centro de Linguística (CLUP).

Trata-se de uma publicação que reúne trabalhos no domínio dos Estudos Linguísticos do Discurso, facto que justifica a sua designação, pretendendo albergar estudos das diferentes linhas de investigação coexistentes nesta área, reveladoras da heterogeneidade epistemológica do objeto *discurso* e da interdisciplinaridade teórico-metodológica que os investigadores tendem a adotar neste domínio científico.

A revista é uma publicação anual sujeita a peer review e com algumas orientações temáticas por número, inspiradas nos tópicos abordados nas Jornadas Anuais de Análise do Discurso – JADIS - realizadas na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, pelas mesmas entidades promotoras da Revista.

O presente volume acolhe artigos subordinados à temática “Modalização e géneros de discurso”, esperando trazer novas perspetivas sobre a forma como os processos de modalização marcam os diferentes géneros discursivos.

Isabel Margarida Duarte e Sónia Valente Rodrigues, a partir de um corpus formado por relatórios de formadores em cursos de formação contínua de professores, desenvolvem uma descrição da configuração discursiva do género textual *relatório*, considerando, para

o efeito, os indicadores ‘marcas linguísticas de modalização do discurso’ e ‘posicionamento enunciativo de quem escreve’.

Carlos Gomes e Fátima Silva centram a sua reflexão no ensino-aprendizagem de estratégias de modalização discursiva do Português como língua estrangeira, com o tratamento de alguns marcadores de atenuação e intensificação no discurso oral.

Monika Kopytowska, trabalhando a partir de um *corpus* sobre a cobertura da fome na Somália pela NBC, centra-se na tríade *modalidade, distância* e o *género notícia televisiva*, assumindo a centralidade da noção de “distância” para o funcionamento e o impacto dos meios de difusão da informação em geral. A modalidade desempenha um papel importante neste estudo, que integra a análise de “mecanismos modalizadores” usados por jornalistas como estratégias de proximização que tornam a realidade (re) construída e (re) apresentada mais relevante e emocionalmente envolvente para o público.

Maria Aldina Marques, num quadro teórico da análise linguística dos discursos, e privilegiando uma perspetiva enunciativa, examina o funcionamento da unidade linguística *pronto* num *corpus* de interações verbais orais, à luz do conceito de modalização.

Alexandra Guedes Pinto e Carla Pereira analisam as principais recorrências na construção do humor em crónicas de Ricardo Araújo Pereira, verificando como certos mecanismos de modalização contribuem para esta construção.

Sara Pita e Rosalice Pinto estudam a materialidade linguístico-textual dos *ethè* construídos em mensagens políticas de final de ano de estadistas de Portugal e do Brasil de 2011 e 2012, a partir de um enquadramento teórico centrado nos atos de fala de Searle, nas marcas de responsabilidade enunciativa e nas estruturas léxico-textuais utilizadas.

Rui Ramos centra o seu estudo em aspetos da construção textual de artigos mediáticos de divulgação científica com destinatário explícito infantojuvenil, assumindo como fundamento que a relação que o sujeito estabelece com as instâncias discursivas pode ser reconhecida a

partir dos objetos de discurso nele identificáveis.

Catarina Vaz Warrot reflete sobre a expressão linguística da emoção através da análise de traduções para francês de obras literárias lusófonas contemporâneas, particularizando passagens em que a modalidade expressiva se encontra presente.

Assim, percorrendo um espectro grande de géneros e modos discursivos, os trabalhos aqui publicados fornecem uma visão abrangente e variada sobre a forma como certos mecanismos de modalização se comportam nos discursos e a forma como contribuem para o seu funcionamento.

Dezembro de 2014

Alexandra Pinto

Valdir Heitor Barzotto

REDIS – Revista de Estudos do Discurso

Centro de Linguística da Universidade do Porto

Número 3, 2014

Modalisation et distance énonciative dans des rapports d'évaluation d'activités de formation de professeurs

DUARTE,
ISABEL MARGARIDA
iduarte@letras.up.pt

Professora Associada da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal
Investigadora e membro dos Conselhos Diretivo e Científico do Centro de Linguística da Universidade do Porto, Portugal

RODRIGUES,
SÓNIA VALENTE
srodrigues@letras.up.pt

Professora Assistente Convidada da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal
Investigadora do Centro de Linguística da Universidade do Porto, Portugal

PALAVRAS-CHAVE:
relatório;
modalização;
distância enunciativa.

RESUMO: A análise de textos autênticos permite aprofundar o conhecimento formal sobre a sua configuração discursiva e a sua circulação comunicativa e social com vista a um aumento da eficácia pragmática. O relatório como género possui um valor social elevado, sendo constante a sua circulação em diversas situações socio-comunicativas de responsabilidade. É requerido como garante de avaliação e de melhoria de funcionamento organizativo e funcional em (quase) todas as áreas. Por isso, a este género textual está vulgarmente associada uma natureza objetiva. No entanto, uma análise mais pormenorizada de relatórios de determinadas áreas profissionais revela o pendor subjetivo deste material textual. O objetivo deste estudo é contribuir para a descrição da configuração discursiva deste género textual, mediante a análise de texto, considerados dois tipos de indicadores: (i) as marcas linguísticas de modalização do discurso; (ii) o posicionamento enunciativo de quem escreve. O *corpus* é formado pelos relatórios redigidos por formadores de cursos de formação contínua de professores, em 2011, num Centro de Formação de professores. Esta análise contribuirá tanto para a descrição linguística dos relatórios como discurso de avaliação como para a indicação de elementos concretos para uma construção eficaz.

KEYWORDS:
report;
modalization;
enunciative distance.

ABSTRACT: The analysis of authentic texts increases formal knowledge of its discursive configuration and of its social and communicative circulation, enabling a better pragmatic effectiveness. The report, as a genre, has a high social value, as its circulation is constant in various situations of socio-communicative importance. It is a required as a guarantee of the evaluation and the improvement of organizational and functional operation in (almost) every area. Therefore, this textual genre is commonly thought of as having an objective nature. However, a more detailed

analysis of reports from certain professional areas reveals the subjective nature of this kind of text. The goal of this study is to contribute to the description of the discursive configuration of this genre, through text analysis, considering two types of indicators: (i) linguistic marks of discourse modalization; (ii) the enunciative position of the writer. The *corpus* is formed by reports written by trainers in continuous education courses for teachers, in 2011, in a Training Center for teachers. This analysis will contribute both to the linguistic description of the reports and as evaluative speech and the indication of concrete elements for its effective construction.

1. INTRODUCTION

L'analyse des relations entre les pratiques linguistiques et les pratiques sociales exige que les produits linguistiques authentiques soient observés dans leur contexte de production. De son côté, l'analyse linguistique de textes authentiques permet d'approfondir la connaissance formelle de leur configuration discursive et de mieux connaître leur circulation communicative et sociale, ayant aussi pour but d'améliorer leur efficacité pragmatique.

La linguistique s'occupe de plus en plus des discours produits en situation de travail, ce qui découle de ses préoccupations sociales et d'applicabilité (Cislaru *et al.*, 2008). Le rapport est un genre discursif qui a une grande importance sociale et informationnelle, puisqu'il circule constamment dans des situations socio-communicatives de responsabilité institutionnelle, professionnelle et politique. Nous pouvons dire que tous les champs professionnels, institutionnels, toutes les organisations exigent à un moment donné la production de rapports qui assurent l'évaluation et font des recommandations pour en améliorer le fonctionnement.

Les rapports sont tellement importants pour les systèmes d'information et le développement d'activités que l'on a ressenti le besoin d'en normaliser la structure et la présentation. De là découle la norme internationale ISO 5966-1982 (*Information and documentation — Guidelines for the presentation of technical reports*), revue depuis¹.

La tentative de contrôle de la façon dont les rapports techniques et scientifiques doivent être présentés, selon des règles pouvant conduire à une procédure uniforme, ne couvre pas les questions liées au langage² et au discours, fortement conditionnées par des aspects comme leur visée pragmatique, les représentations linguistiques de leur auteur, de leur destinataire et du contexte professionnel où ils s'inscrivent.

Dans le contexte professionnel de l'enseignement, le rapport critique est le document de travail de l'organisation et de la formation le plus demandé. C'est un sous-genre de large diffusion dans le domaine de la coordination et de la supervision pédagogique, du fonctionnement des

1. La révision de la norme 5966-1982 survient après la publication de la norme ISO 10444:1994, *Information and documentation - International standard technical report number* (ISRN), qui établit le numéro d'identification des rapports techniques. Cette révision permet d'appliquer la norme ISO 5966-1982 à la rédaction de rapports en format électronique.

2. Le livre de Sussams, J. (1996), par contre, donne beaucoup de conseils du point de vue linguistique et stylistique.

écoles, de l'évaluation des enseignants ainsi que dans celui de la fréquentation d'une formation permanente et des activités de développement professionnel des enseignants.

Les exigences actuelles de recherche documentaire et d'analyse des rapports critiques de la part de différents services, éventuellement soumis à différents systèmes d'information, impliquent l'utilisation de dispositifs électroniques pour la production textuelle. C'est pourquoi certaines institutions exigent la soumission des rapports critiques en format électronique prédéterminé par l'entité responsable de leur analyse et de leur approbation.

Ce genre textuel est notre objet de recherche, analysé à partir du discours produit dans des rapports critiques en format électronique, par des formateurs de cours de formation continue pour enseignants. Notre objectif est de vérifier quelle est la position énonciative construite par le rapporteur dans un texte qui se prétend à la fois objectif (parce que c'est un rapport) et subjectif (parce que c'est un rapport critique, une réflexion). Quels mécanismes linguistiques sont activés par le formateur / rapporteur pour régler le degré de proximité ou d'éloignement du locuteur?

2. CADRE THÉORIQUE

Si notre *corpus* est constitué de rapports critiques, il faut s'attendre à pouvoir relever des processus de modalisation, par lesquels l'énonciateur donne son opinion sur les faits qu'il rapporte. Il peut aussi, parce qu'il s'agit de rapports, essayer d'effacer son point de vue personnel. L'idée qu'un rapport soit tout à fait objectif est cependant contrariée par notre analyse, surtout parce qu'il s'agit de rapports critiques. Nous verrons que la position du rapporteur sur ce qu'il rapporte se manifeste à travers ses choix linguistiques. Le jeu entre prise de position, d'un côté, et souci d'objectivité, de l'autre, est intéressant, surtout parce qu'il se manifeste de différentes façons dans les différentes sections du rapport et selon les sujets abordés.

3. Notre traduction: «modalidade é a gramaticalização de atitudes e opiniões dos falantes».
4. Centro de Formação da Associação de Escolas de Paços de Ferreira, de Paredes e de Penafiel.
5. Estatuto da Carreira docente (Dec.-Lei n° 75/2010, de 23 de junho); Regime Jurídico da Formação Contínua (decreto-Lei n.º 249/92, de 9 de novembro), republicado pelo decreto-lei n°207/96, de 2 de novembro e alterado pelo decreto-lei n° 155/99, de 10 de maio, e pelo decreto-lei n° 15/2007, de 19 de janeiro), despacho n° 2506/2007; Regulamento para a acreditação e creditação de acções de Formação (Conselho Científico-pedagógico da formação contínua).
6. Traduction: « [...] un rapport final circonstancié sur le déroulement de l'action, les modifications apportées au plan initial et leur justification, les résultats obtenus et leurs implications pour l'évolution des pratiques professionnelles et / ou le développement professionnel des enseignants, les matériaux produits, l'intervention de chaque professeur en formation et l'évaluation de l'action. »

Selon Mateus *et alii* (2003: 245) la modalité est «la grammaticalisation d'attitudes et d'opinions des locuteurs»³. Dans ce texte, nous allons nous occuper de certains cas de modalité, surtout épistémique, celle qui, selon Pottier (1992: 210), «exprime le degré d'adhésion du JE vis-à-vis de son propos» et axiologique ou appréciative, qui s'occupe du «jugement de valeur porté par l'énonciateur sur son propos» (1992: 218). La première est évidente dans les verbes qui introduisent les propos de l'énonciateur, les verbes d'opinion, épistémiques ou d'attitude propositionnelle, tels que *julgar, crer, achar, pensar, considerar, acreditar*, qui régissent une proposition. Mais, selon Pottier, il existe «d'autres parcours épistémiques» (idem: 211) et d'autres marqueurs modaux. N'oublions pas que, comme il l'écrit, «[l]a modalité peut se couler dans toutes sortes de moules syntaxiques» (1992: 206).

3. CORPUS ET MODE D'ANALYSE

3.1. LA CONSTITUTION DU CORPUS

Notre *corpus* est constitué de 20 rapports élaborés par les formateurs responsables des cours de formation continue d'enseignants ayant eu lieu en 2011 et en 2012, au CFAEPPP⁴.

Selon la législation portugaise⁵ et pour ce qui nous intéresse, à la fin de chaque formation, le formateur doit produire

[...] um relatório final circunstanciado sobre o decorrer da acção, as alterações efectuadas no projecto inicial e a sua justificação, os resultados alcançados e as suas implicações para a mudança das práticas profissionais e/ou desenvolvimento profissional dos professores, os materiais produzidos, a intervenção de cada um dos formandos e ainda a avaliação da acção. (Despacho n.º 2506/2007)⁶

Ces contraintes doivent être mises en relation avec l'analyse des traits linguistiques de la modalisation dans le produit discursif qu'elles définissent.

Dans chaque rapport analysé, nous avons repéré les énoncés relatifs aux éléments et structures linguistiques qui font l'objet de notre recherche. Ces énoncés constituent l'échantillon sur lequel se fonde l'analyse des différents modes d'organisation du discours.

3.2. CATÉGORIES D'ANALYSE

Soulignons que l'analyse de rapports produits par les formateurs dans le domaine de la formation continue des enseignants a pour but de répondre à deux questions:

- (i) Quels sont les traces linguistiques de la modalisation dans le discours?
- (ii) Comment peut-on définir la position énonciative de celui qui écrit?

L'analyse tiendra donc compte des catégories liées à la position énonciative du rapporteur et à la fréquence de modalisateurs dans le discours.

Pour l'analyse de la position énonciative du rapporteur, nous examinerons trois indicateurs: les constructions à la voix passive, les constructions portugaises du verbe avec le pronom – se et l'emploi de noms collectifs dans le groupe nominal en fonction de sujet.

Pour l'analyse de la modalisation, nous examinerons surtout les mécanismes (éléments et structures) associés à la modalité appréciative.

4. CONFIGURATION DES DOCUMENTS ÉTUDIÉS

4.1. ORIENTATIONS LOCALES

Les rapports produits dans ce domaine de travail correspondent à des orientations venues des entités de formation de professeurs. De l'ensemble des lignes directrices émises par les centres de formation, nous soulignons la nécessité pour le rapporteur d'intégrer une dimension critique et réflexive dans son discours, le concept de «rapport critique» étant d'ailleurs habituel.

Ce concept est habituel dans le domaine de l'éducation et de la santé des entités publiques, où il est associé à l'évaluation de l'exercice des fonctions d'enseignant et d'infirmier, par exemple. «Rapport critique», «rapport de réflexion» et «rapport d'auto-évaluation» sont des désignations équivalentes dans ces domaines d'activité.

Vu qu'il s'agit d'un discours critique, nous nous attendons à la présence manifeste du locuteur en tant que producteur d'un jugement critique cohérent. Donc, nous nous attendons à repérer la présence énonciative bien nette du locuteur, chargé de rapporter de façon critique le processus de formation qui vient de se terminer.

4.2. CADRE INTERACTIONNEL

Le rapport en analyse s'adresse à des destinataires diversifiés.

Le destinataire premier est le spécialiste de la formation chargé de valider, à partir de chaque rapport, les notes que le formateur a attribuées à chaque enseignant en formation.

Mais le rapport se destine aussi au directeur du centre de formation, responsable de l'accueil (notamment présentation de la demande de formation au centre national d'accréditation, diffusion de la formation, inscription d'un minimum de professeurs en formation pour que l'action puisse avoir lieu et création de conditions physiques appropriées pour une dynamique adéquate de la formation).

Le dernier destinataire, c'est le conseil pédagogique du centre de formation, formé par l'ensemble des directeurs des groupements d'écoles affectées à ce même centre de formation, responsables de l'approbation de tous les documents de la formation et de l'autorisation de fonctionnement de la formation dans les locaux de chaque groupement d'écoles aussi bien que de l'organisation d'horaires de travail pour les enseignants qui soient compatibles avec ceux de la formation.

4.3. SUPPORT PHYSIQUE

Il y a des rapports sur support informatique orienté (Excel) d'autres sur papier.

La structure du texte est imposée. Il doit y avoir 10 sections, dont voici la liste:

0. Introduction
1. Respect des conditions d'agrément
2. Conditions physiques et documents distribués
3. Analyse critique des activités proposées pour le groupe
4. Dynamique de groupe
5. Forces/ Faiblesses
6. Travail autonome (atelier ou projet)
7. Évaluation individuelle et suggestion d'évaluation
8. Réflexions finales
9. Liste des travaux pour l'évaluation

Si l'on compare les rapports sur support informatique que nous avons étudiés avec les rapports plus traditionnels sur papier, nous remarquons tout de suite quelques différences dont nous n'allons pas nous occuper ici, mais qui méritent quand même d'être relevées⁷: des premiers se dégage une idée de liste, de formulaire qui est rempli. Nous pouvons parler à ce propos d'une espèce d'hybridation de genres textuels, c'est-à-dire qu'il y a un mélange entre les caractéristiques d'un rapport et celles d'un formulaire. Nous soulignons la tendance à un discours laconique où l'on estompe la construction textuelle proprement dite. La plupart de ces rapports informatiques sont constitués par des phrases que l'on ajoute à d'autres phrases mais qui n'en deviennent pas pour autant un vrai texte. Nous comptons donc comparer plus tard ces

7. Par contre, dans les rapports sur papier, il y a, selon une première analyse rapide, plus de textualisation, des segments textuels plus longs et plus d'articulation discursive. Nous essayerons de confirmer cette hypothèse dans la suite de ce travail de recherche.

rapports avec ceux plus traditionnels sur papier, en tant que texte formant un tout dont l'auteur était responsable. Notre hypothèse est qu'il y avait, dans ces documents, plus de texte, plus de présence de l'énonciateur, plus de modalisation.

5. CONFIGURATION DISCURSIVE GÉNÉRALE

5.1. LONGUEUR DU TEXTE

La longueur du texte a été mesurée, dans chaque section, en nombre de phrases.

1	R1	R2	R3	R4	R5	R6	R7	R8	R9	R10	R11	R12	R13	R14	R15	R16	R17	R18	R19	R20	T
0.	4	4	3	2	5	5	6	1	4	1	4	4	2	4	3	6	4	3	4	4	73
1.	1	2	3	1	2	9	4	1	6	2	4	1	1	0	1	5	8	3	1	1	56
2.	5	5	3	2	3	3	2	1	3	1	2	2	1	2	4	3	3	3	4	2	54
3.	3	3	5	2	7	6	1	3	4	2	6	4	2	2	8	4	3	3	5	1	74
4.	2	2	4	3	3	3	3	2	5	1	5	2	1	1	10	3	2	4	3	1	60
5.	2	2	2	2	2	4	8	1	8	1	2	2	1	3	2	1	2	3	2	1	51
6.	6	0	3	0	3	0	0	3	5	1	3	2	1	3	3	2	4	5	0	3	47
7.	2	2	6	8	4	5	8	4	8	2	6	7	2	6	7	67	6	7	5	7	169
8.	3	3	4	2	9	3	0	1	7	2	0	1	0	1	0	0	5	1	2	2	46
9.	0	0	0	0	1	3	0	0	1	3	0	1	0	0	0	0	0	2	3	3	17
T	28	23	33	22	39	41	32	17	51	16	32	26	11	22	38	91	37	34	29	25	

TABLEAU 1 – NOMBRE DE PHRASES DANS CHACUNE DES SECTIONS DU RAPPORT

Comme on le voit, il s'agit d'un ensemble de textes courts, qui varient entre 11 et 41 phrases, à l'exception du rapport numéro 16, qui constitue un *outlier* en raison de son extension exceptionnelle. Chaque section varie entre une et dix phrases. Soulignons que, dans deux des textes, il y a même des sections du rapport qui ne comportent qu'un seul mot ou une seule expression : par exemple, dans la section 2 du Relat_10, où il n'y a que « Suffisants ».

De plus, nous pouvons constater que les sections du rapport critique où le rapporteur fournit le plus d'informations sont l'introduction (section 0.), l'analyse critique des activités proposées au groupe (section 3.), la dynamique de groupe (section 4.), l'évaluation individuelle et la proposition d'évaluation (section 7.). Ces mêmes sections sont celles qui présentent le plus d'énoncés modalisés, comme nous le verrons par la suite.

6. TRACES LINGUISTIQUES DE LA POSITION ÉNONCIATIVE DU LOCUTEUR

Il y a deux types de constructions qui contribuent à la non-identification du rapporteur avec le responsable de l'information fournie par l'énoncé: les constructions avec le verbe à la voix passive et les constructions à verbe pronominal.

6.1. L'EMPLOI DES CONSTRUCTIONS PASSIVES

Les constructions avec le verbe à la voix passive sont très fréquentes dans notre *corpus*, dans des énoncés tels que:

(1) «Foi feita uma avaliação diagnóstica (requisito PRESSE) utilizando os materiais previstos.»

Une évaluation diagnostique a été faite (condition PRESSE) en utilisant les matériaux prévus.

(2) «Em cada bloco temático foram seleccionadas do PRESSE actividades que demonstrassem a sua aplicação de uma forma prática e lúdica.»

Dans chaque segment thématique ont été choisies du PRESSE des activités illustrant son application de façon pratique et ludique.

(3) «Como sugestão foi verificado que alguns temas exigiam uma abordagem teórica mais profunda, sendo fundamental conferir-lhes mais tempo.»

En tant que suggestion, l'exigence d'une approche théorique plus approfondie pour certains sujets nécessitant de plus de temps a été constatée.

L'analyse de l'ensemble des occurrences d'énoncés avec le verbe à la voix passive a permis d'arriver aux données relatives à leur fréquence pour chacune des parties constituant les rapports, avec une répartition telle que celle représentée dans le tableau 2 (en annexe). Ce tableau nous montre que le nombre le plus élevé de constructions avec le verbe principal à la voix passive se trouve dans les sections 3 et 4 des rapports. Cet indicateur montre que le mode d'organisation discursive dominant dans ces sections est l'exposition / information.

6.2. CONSTRUCTIONS IMPERSONNELLES AVEC LE PRONOM –SE

Une autre construction utilisée pour donner l'information relative à la réalisation de la formation est celle qui emploie le pronom –se à côté du verbe principal, comme dans les exemples suivants:

(4) « Cumpriram-se as condições de acreditação. »

Les exigences d'accréditation ont été remplies.

(5) « Criou-se uma dinâmica de formação muito rica e interessante sendo o relacionamento entre formandos e formador muito bom. »

Une dynamique de formation très riche et très intéressante a été construite, les rapports entre formateurs et professeurs en formation étant très bons.

La traduction des exemples (4) et (5) en français ne donne pas la structure impersonnelle du portugais. Nous devons employer la passive en français, tandis que ce n'est pas la passive qui est employée en portugais, mais une construction impersonnelle d'un autre type.

L'existence de cette construction renforce la conclusion de la section précédente (voir 6.1.).

6.3. L'EMPLOI DE NOMS COLLECTIFS

Nous avons encore relevé l'emploi de noms collectifs tels que «groupe» ou d'expressions telles que «centre scolaire» (Agrupamento) qui font partie du groupe nominal sujet, dans des phrases où l'information fournie est spécifique. Dans ces cas, l'agent humain disparaît sous le voile d'entités plus génériques. Mêmes les choses deviennent des agentifs, comme dans la phrase « les salles se sont montrées adéquates ».

Nous avons constaté qu'il y a un effacement énonciatif (Vion, 2001) de la part de l'auteur du texte étudié. En fait, il y a deux figures: l'auteur du rapport et le formateur. Vu qu'ils sont une seule et même personne physique et sociale, on s'attendrait à ce qu'ils soient une même entité discursive. Ce n'est pas le cas. Le rapporteur s'éloigne du formateur, comme s'il s'agissait d'une 3^e personne qui est en dehors de la situation et ce, même dans les moments très peu fréquents où il parle de lui-même. C'est-à-dire que le formateur s'annule en tant que protagoniste. Il subit une sorte de dépersonnalisation.

Selon Amossy (2010), «l'effacement énonciatif et l'élaboration d'un discours impersonnel apparaissent comme un moyen de présenter une image appropriée et crédible d'homme de science» (Amossy 2010, 192). Dans le contexte étudié, l'effacement énonciatif est au service de la création d'un *ethos* discursif d'un rapporteur qui veut donner de soi l'image d'un être capable d'objectivité, d'impartialité, de neutralité, surtout parce qu'il s'agit d'un rapport qui peut le remettre en question en tant que formateur. Malgré cette impartialité prétendue du rapport, le rapporteur ne manque pas de faire l'éloge des professeurs qui suivent sa formation, comme nous le montrerons par la suite.

7. TRACES LINGUISTIQUES D'APPRÉCIATION

Nous avons retenu pour l'analyse critique, les segments textuels produits dans la section 3 des rapports.

A) CONSTRUCTIONS CONTRASTIVES

(6) «O grupo foi constituído por professores do 1º ciclo do Agrupamento de Escolas de Frazão, apresentando-se motivados, porém expectantes em relação à forma como as sessões seriam conduzidas (...).»

Le groupe se formait de professeurs du 1^{er} cycle du groupement des écoles de Frazão; ils étaient motivés, cependant ils étaient dans l'attente à propos de la façon dont les séances seraient menées.

(7) «A grande mais valia desta formação foi, sem dúvida o interesse, vontade de aprender/refletir, colaboração e entajuda dos participantes. Como constrangimento gostaria de salientar o número reduzido de horas o que condicionou, em algumas situações, o aprofundamento das temáticas.»

La valeur ajoutée de cette formation a été sans aucun doute l'intérêt, la volonté d'apprendre / de réfléchir, la collaboration et le soutien mutuel des participants. Pour ce qui est des contraintes, je tiens à souligner le nombre réduit d'heures, ce qui a limité, dans certains cas, l'approfondissement des thèmes.

Les énoncés concessifs et les jeux d'implicites auxquels on a affaire, jouent un rôle fondamental dans la prise de position plus ou moins assumée: les constructions contrastives (tant concessives qu'adversatives) produisent des mouvements argumentatifs intéressants. Pour ce qui est de l'analyse actionnelle, il s'agit d'actes de parole d'éloge suivis de critique. Des constructions syntaxiques relevées par la suite découlent des séquences argumentatives où l'auteur du rapport mélange éloge et critique de façon savante pour pouvoir être bien accepté.

Cependant, la vraie critique est presque totalement absente des rapports étudiés, elle est même évitée. Elle n'existe qu'à l'intérieur de séquences d'éloge, à la suite de l'éloge ou incorporée à l'éloge. La critique se fait toujours sur des aspects peu importants, comme l'insuffisance des heures prévues pour la formation, le moment de l'année scolaire choisi pour cette formation, etc.

B) C S'EST MONTRÉ {S'EST RÉVÉLÉ, A MONTRÉ} Y

L'analyse a montré la concentration d' énoncés contenant une évaluation positive de différentes entités dans des segments textuels spécifiques, comme ceux correspondant aux sections 4, 5, 6 et 7. Il s'agit d' énoncés tels que ceux-ci:

(8) «O grupo interagiu positivamente, demonstrando agrado, empenho e partilha».

Le groupe a interagi positivement, avec satisfaction, application et esprit de partage.

(9) «Os formandos mostraram-se motivados e participativos nas atividades propostas, contribuindo para uma dinâmica formativa extremamente interessante.»

Les professeurs en formation se sont montrés motivés et participatifs pendant les activités proposées, ce qui a contribué à une dynamique de formation extrêmement intéressante.

(10) «O grupo de formandos teve um desempenho excelente. Todas as atividades propostas foram desenvolvidas com motivação e empenho pelo grupo de formandos. Durante a apresentação e discussão dos trabalhos todos participaram de um modo ativo e entusiástico. Em termos individuais todos atingiram os objetivos propostos.»

Le groupe en formation a eu d'excellents résultats. Toutes les activités proposées ont été réalisées par le groupe de professeurs en formation avec motivation et application. Lors de la présentation et de la discussion des travaux, tous ont participé de façon active et enthousiaste. Individuellement, tous les enseignants ont atteint les objectifs proposés.

Comme nous avons essayé de le montrer, tout ce qui a été fait pendant la formation continue à été valorisé de façon positive par le choix du lexique des rapports. Une valeur positive est attribuée aux apprenants, à l'interaction entre formateur et apprenants, au matériel de formation, aux conditions offertes par l'institution d' accueil de la formation, à la réalisation des objectifs. En ce qui concerne les apprenants, les jugements de valeur portent sur le travail accompli individuellement, la participation aux séances, l'attitude face à l'approfondissement des connaissances.

Les énoncés relatifs à la qualification des apprenants, selon les paramètres mentionnés, ont un poids significatif dans le tissu discursif des rapports critiques et ne contiennent que des jugements de valeur positifs. Si l'on compare le tableau 3 (en annexe) avec le tableau 2, on constate que les énoncés valorisant les apprenants se situent à la fin des rapports, une position textuelle argumentative très significative. L'éloge prédomine.

L'objet de l'éloge, ce sont toujours les enseignants en formation auxquels est attribuée une valeur doxale dominante et commune: l'ethos collectif des professeurs en tant que professeurs en formation. Cette doxa dont nous parlons peut se définir de la façon suivante : les professeurs en formation sont toujours très intéressés, ils participent de façon très pertinente, ils sont motivés et appliqués. Cet *ethos* contraste avec l'idée selon laquelle «la formation a été fondamentale pour accomplir une formalité légale».

C. ÉNONCÉS MODALISÉS

L'atténuation de la responsabilité face à ce qui est dit apparaît surtout dans les considérations finales des rapports, où la modalité épistémique se manifeste de différentes façons, le locuteur présentant «son opinion comme le produit d'une réflexion» (Kerbrat-Orecchioni, 1980: 105) qui ne lui permet toutefois pas d'être certain: soit par le «futuro perfeito» (*terá contribuído*), soit par les expressions de doute (*sem dúvida*), soit par les verbes modaux (*poder afirmar; deverá ser*), soit par le verbe d'opinion (*penso*) ou l'expression de l'opinion (*em meu entender*). Ces traits linguistiques d'atténuation de l'adhésion du locuteur à la vérité de ce qu'il affirme contrastent avec le choix du lexique évaluatif très positif, par exemple: «correu muito bem», «bons resultados alcançados», «balanço extremamente positivo». C'est comme si, à travers la modalisation de son dire, le locuteur ne voulait pas être accusé de se vanter de ses qualités en tant que formateur.

(11) «Em meu entender esta Ação de Formação correu muito bem tendo-se alcançado todos os objetivos propostos. Foi minha preocupação recorrer a estratégias ativas que fomentassem a participação, empenho e motivação dos formandos o que terá contribuído, sem dúvida, para os bons resultados alcançados. Penso poder afirmar que esta formação funcionou como um espaço de partilha, reflexão e discussão que permitiu que cada um de nós, no final da mesma, fosse um profissional mais competente e com uma sensibilidade mais apurada para trabalhar com um público tão especial como são as crianças e jovens com NEE. Sem dúvida que o balanço é extremamente positivo.»

À mon avis, cette formation s'est très bien déroulée, tous les objectifs ayant été atteints. L'utilisation de stratégies actives favorisant la participation, l'application et la motivation des professeurs en formation était ma préoccupation, ce qui aura contribué sans aucun doute aux bons résultats obtenus. Je pense pouvoir affirmer que cette formation a fonctionné comme un espace de partage, de réflexion et de discussion qui a permis à chacun de nous, à la fin, d'être un professionnel plus compétent avec une sensibilité plus grande pour le travail avec un public aussi particulier que les enfants et les jeunes ayant des besoins éducatifs spécifiques. Il ne fait aucun doute que le bilan est extrêmement positif».

(12) «Assim, desde a preparação e apresentação dos diferentes conteúdos, até à participação e auto-aprendizagem dos formandos, os objetivos da formação contínua de professores foram plenamente atingidos, pelo que a sua repercussão na prática profissional deverá ser uma evidência.»

Ainsi, depuis la préparation et la présentation des différents contenus jusqu'à la participation et à l'auto-apprentissage des professeurs en formation, les objectifs de la formation continue des enseignants ont été pleinement atteints, de sorte que son impact sur la pratique professionnelle devrait être évidente.

8. CONCLUSION

Les différentes sections du rapport montrent une composition de différents modes d'organisation discursive, associés à une prédominance de certaines constructions. Dans certaines sections du rapport, il est évident que les énoncés sont orientés vers l'exposition ou l'information, avec une prépondérance de constructions passives et de constructions avec pronom –se,

tandis que d'autres sections sont formées par des énoncés d'appréciation, avec un nombre élevé de constructions prédicatives (à verbe copule). Nous avons constaté que le mode expositif / informatif prédomine dans la première partie des rapports tandis que le mode d'organisation appréciatif est plus dense dans les sections finales.

En tant que discours d'évaluation en situation de formation continue, certains textes du genre rapport présentent un très fort engagement dans des stratégies discursives de modalisation épistémique et appréciative. Celles-ci contribuent à la construction d'une image de rapporteur impartial et objectif, elles permettent aussi d'ajouter des caractéristiques d'un professionnel critique, capable de réflexion, et de protéger le rapporteur afin qu'il ne soit pas obligé d'assumer les responsabilités du rapport et de la critique.

Nous avons aussi constaté une division entre deux entités énonciatives : le formateur et le rapporteur.

Dans le type de rapport étudié, il n'y a jamais de différenciation ni quant aux comportements ni quant aux résultats entre les professeurs en formation. Ils sont appréciés en tant que groupe et jamais individuellement. Il n'y a pas non plus de recommandations, sauf celles qui suggèrent la répétition de l'action de formation.

Nous avons retenu la présence très nette du locuteur dans les séquences où il y a de la modalité appréciative, ce qui témoigne d'un locuteur impliqué dans son *dictum*. Par contre, il y a absence ou effacement du locuteur dans des séquences où il y a plutôt de la modalité épistémique, ce qui va dans le sens d'un non-engagement du locuteur.

Des mécanismes tels que la construction à la voix passive, le pronom impersonnel et passivisant *-se*, ainsi que la désignation «l'apprenant(e)» et les noms collectifs contribuent à une stratégie discursive de construction d'une image de neutralité et de rationalité du rapporteur/formateur qui veut aussi être reconnu pour sa compétence évaluative pour valider l'évaluation des apprenants et de la formation, ce qui comprend non seulement l'attribution d'appréciations élevées (très bien et excellent), mais surtout l'absence de distinction entre apprenants.

RÉFÉRENCES

- Amossy, R. (2010). *La présentation de soi. Ethos et identité verbale*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Cislaru, G., Pugniere-Saavedra, F. & Sitri, F. (Coord.). (2008). *Analyse de discours et demande sociale. Le cas des écrits de signalement*. Paris: Presses Sorbonne Nouvelle.
- Le Querler, N. (1996). *Typologie des modalités*. Caen: Presses Universitaires de Caen.
- Kerbrat-Orecchioni, C. (1980). *L'énonciation. De la subjectivité dans le langage*. Paris: Armand Colin.
- Mateus, M. H. et al., (2003). *Gramática da Língua Portuguesa*. 5^e éd., Lisboa: Editorial Caminho.
- Plantin, C. (2004). On the inseparability of emotion and reason in argumentation. In: E. Weigard (Ed.) *Emotions in Dialogic Interactions*. Amsterdam: John Benjamins, 265-276.
- Pottier, B. (1992). *Sémantique générale*. Paris: Presse Universitaires de France.
- Sussams, J. (1996). *Como fazer um relatório*. Lisboa: Editorial Presença, 3^a ed.
- Vion, R. (2001). Effacement énonciatif et stratégies discursives, in Joly A. et De Mattia M. (éds), *De la syntaxe à la narratologie énonciative. Textes recueillis en hommage à René Rivara*. Paris: Ophrys, 331-354.

ANNEXE

**TABEAU 2 –
 NOMBRE DE CONSTRUCTIONS PHRASIQUES AYANT LE VERBE PRINCIPAL À LA VOIX PASSIVE**

	0.	1.	2.	3.	4.	5.	6.	7.	8.	9.
Rel01	2 em 4		3 em 3	2 em 3	1 em 2					
Rel02	2 em 4		3 em 5	2 em 3	1 em 2					
Rel03	1 em 3	1 em 3	1 em 3	1 em 5			1 em 3	3 em 6		
Rel04				2 em 2	2 em 3	1 em 2		2 em 8	2 em 2	
Rel05			1 em 3	1 em 2	1 em 2	1 em 2			1 em 9	
Rel06		1 em 8	2 em 3	4 em 6	1 em 3	1 em 4			1 em 3	1 em 3
Rel07		3 em 4		1 em 1				5 em 8		
Rel08			1 em 1	3 em 3						
Rel09	1 em 5	4 em 6	1 em 3	2 em 4		1 em 8	1 em 5	5 em 8	1 em 7	
Rel10	1 em 2			1 em 2						
Rel11	1 em 4	5 em 4		1 em 6						
Rel12	1 em 4	2 em 1		1 em 4	1 em 2					
Rel13	1 em 2			1 em 2						
Rel14	1 em 4							3 em 6		
Rel15	1 em 3	1 em 1		2 em 8	2 em 10			3 em 7		
Rel16	1 em 6	5 em 5	2 em 3	1 em 4	2 em 3	1 em 1	2 em 2	16 em 65		
Rel17			3 em 3		1 em 2		2 em 4		1 em 5	
Rel18	1 em 3									
Rel19	1 em 4	1 em 1	1 em 4	5 em 5						
Rel20	1 em 4	1 em 1		1 em 1				3 em 7		1 em 3

ANNEXE

**TABLEAU 3 –
 NOMBRE D'ÉNONCÉS VALORISANTS**

	0.	1.	2.	3.	4.	5.	6.	7.	8.	9.
Rel01	1 em 4			1 em 3	1 em 2	1 em 2		1 em 2	1 em 3	
Rel02	2 em 4			1 em 3	1 em 2	1 em 2			1 em 3	
Rel03	1 em 3			1 em 5		1 em 2	1 em 3	4 em 6		
Rel04	2 em 2			1 em 2	1 em 3			4 em 8		
Rel05	1 em 6							1 em 4	2 em 9	
Rel06	1 em 5									1 em 3
Rel07	1 em 6				2 em 4	2 em 8		3 em 8		
Rel08	1 em 1			1 em 3	1 em 2			4 em 4	1 em 1	
Rel09	2 em 5				5 em 6	3 em 8	2 em 5	2 em 8	3 em 7	
Rel10					1 em 1					
Rel11				1 em 6	4 em 5	1 em 2	2 em 3			
Rel12				1 em 4	1 em 2		2 em 2	4 em 7		
Rel13				1 em 2	1 em 1			1 em 2		
Rel14	1 em 4				1 em 1			3 em 6		
Rel15					5 em 10		2 em 3			
Rel16				1 em 4				20 em 65		
Rel17	1 em 4			2 em 3	1 em 2		1 em 4	3 em 6	3 em 5	
Rel18	1 em 3				4 em 4			4 em 7		
Rel19					1 em 3			3 em 5		
Rel20					1 em 1			1 em 7	1 em 2	1 em 3

Mecanismos de atenuação e intensificação no ensino-aprendizagem do português como língua estrangeira

GOMES, CARLOS
carlos_gommes@msn.com

Mestre em Português Língua Segunda/Língua Estrangeira, pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal
Investigador do Centro de Linguística da Universidade do Porto

SILVA, FÁTIMA
mhenri@letras.up.pt

Professora Auxiliar da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal
Investigadora e membro do Conselho Científico do Centro de Linguística da Universidade do Porto, Portugal

PALAVRAS-CHAVE:
atenuação;
intensificação;
português;
língua;
estrangeira.

RESUMO: O trabalho apresentado é o resultado de um projeto de investigação-ação efetuado no âmbito do Mestrado em Português Língua Segunda/Língua Estrangeira na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, e consiste na apresentação de resultados decorrentes de um caso em estudo centrado no ensino-aprendizagem de mecanismos de atenuação e intensificação, efetuado numa turma de nível C (QÉCR). Este projeto de investigação-ação teve como objetivos fazer uma exploração linguístico-pragmática da atenuação e da intensificação, e, de seguida, proceder a uma fundamentação pedagógico-didática dos dois mecanismos no âmbito do ensino do Português Língua Estrangeira, e, por fim, implementar em sala de aula um plano de ação decorrente da investigação efetuada. Os resultados obtidos permitiram verificar uma aplicação correta e eficaz dos mecanismos de atenuação e intensificação por parte dos aprendentes quer na escrita, quer na oralidade, além da utilização de diferentes tipos destes mecanismos que, consequentemente, resultaram em termos globais num desenvolvimento da competência comunicativa.

KEYWORDS:
attenuation;
intensification;
portuguese;
foreign;
language

ABSTRACT: The present work is the result of an action research project made under the Portuguese as a Foreign Language Master's in FLUP, and consists on the presentation of results arising from a case study centered on the teaching-learning of attenuation and intensification mechanisms, made in a level C class. This action research project aimed at making a pragmatic-linguistic exploration of attenuation and intensification, then, to make a pedagogical-didactic of the two mechanisms under Portuguese as a Foreign Language teaching, and, lastly, to implement on classroom an action plan arising from the research conducted. The results obtained in this work showed a correct and effective application of the attenuation and intensification mechanisms by the learners either in writing or in oral, besides the use of different kinds of these mechanisms that, consequently, resulted in an overall development of communicative competence.

INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta o resultado de um projeto de investigação-ação efetuado no âmbito do Mestrado em Português Língua Segunda/Língua Estrangeira na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, um caso em estudo centrado no ensino-aprendizagem de mecanismos de atenuação e intensificação numa turma de português língua estrangeira (PLE) de nível C¹.

1. Este nível foi atribuído em função dos descritores de desempenho definidos no *Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas* (2001).

O trabalho desenvolvido reflete uma pedagogia centrada no oral, mais concretamente, na conversação, assumindo como objetivo central o desenvolvimento da competência conversacional dos aprendentes. Neste sentido, este projeto de investigação-ação estrutura-se a partir destes dois conceitos-chave: conversação e competência conversacional. A conversação

es la forma más natural, habitual y espontánea de comunicación interactiva humana, y, además, la constatación de que únicamente a través de la interacción comunicativa oral y, más concretamente, de la práctica conversacional es posible adquirir gran parte de las estructuras sintácticas complejas de una lengua, la mayoría de sus elementos discursivos o conversacionales y las funciones y actos comunicativos lingüístico-pragmáticos (Cestero Mancera, 2012: 33).

Por sua vez, a competência conversacional deve ser entendida

la capacidad de participar en una comunicación bilateral o multilateral donde la distribución de turnos es administrada libremente por las partes, que se alternan en la posesión de la palabra. La conversación se basa en una cooperación entre los participantes con vistas a establecer una comunicación congruente y a crear una interacción coherente común (Ambjoern, 2008: 3).

Tendo como ponto de referência estes princípios, definimos como objeto específico deste projeto o ensino-aprendizagem de mecanismos de atenuação e intensificação como estratégias de modalização do discurso oral, por considerarmos que o seu tratamento é pertinente e necessário, na medida em que constituem um mecanismo recorrente nas interações orais dos falantes de uma língua, pois todo o indivíduo, enquanto membro de uma sociedade, procura, através da interação oral com o outro, manifestar o acordo, mediar o desacordo, ou

ainda enfatizar o acordo ou o desacordo. Trata-se, por conseguinte, de estratégias linguístico-discursivas que contribuem de forma relevante para a eficácia comunicativa dos falantes e que fazem parte do conhecimento interiorizado dos falantes com essa L1, mas que, para um falante dessa língua como L2, são frequentemente opacos, devendo, por isso, ser objeto de uma atenção particular, que contemple o seu tratamento implícito e explícito em sala de aula, cumprindo os seguintes objetivos gerais: i) desenvolver as estratégias de gestão da interação verbal; ii) promover o uso adequado de mecanismos de atenuação e intensificação no discurso; iii) desenvolver a competência linguístico-discursiva dos estudantes; e iv) potenciar a sua competência pragmático-discursiva.

À formulação destes objetivos estão subjacentes três questões centrais de pesquisa:

— Qual é a relevância da aprendizagem dos mecanismos de atenuação e de intensificação para os estudantes uma língua estrangeira (LE)?

— Que mecanismos de atenuação e de intensificação devem ser trabalhados com os estudantes?

— Como se deve operacionalizar uma ação pedagógica que promova nos aprendentes a aquisição destas duas estratégias de modalização discursiva, com consequências positivas no desenvolvimento da sua competência conversacional?

A resposta a estas questões está na base do projeto de investigação-ação proposto, cuja descrição corresponde à estrutura deste artigo, visto que se centra em dois domínios distintos, a fundamentação teórica e a aplicação, subdivididos em quatro secções, nas quais se procede, respetivamente, 1) ao enquadramento teórico da atenuação e da intensificação, através de uma exploração linguístico-pragmática do problema; 2) à fundamentação pedagógico-didática do tema, com a definição do seu lugar e da sua pertinência no ensino do PLE e a sistematização das estruturas atenuadoras e intensificadoras utilizadas na intervenção pedagógico-didática; 3) à descrição da intervenção pedagógico-didática, considerando a metodologia utilizada, os

participantes do estudo, os objetivos da intervenção, a planificação efetuada e as atividades implementadas; e 4) à apresentação e análise dos resultados obtidos, assim como a algumas considerações finais sobre o projeto implementado.

1. ENQUADRAMENTO TEÓRICO LINGUÍSTICO-PRAGMÁTICO

O enquadramento teórico linguístico-pragmático deste estudo parte dos conceitos de Cortesia Linguística (Grice), Face (Goffman 1967), Princípio da Cooperação, Máximas Conversacionais, de Grice (1975), e Princípio da Cortesia, de Leech (1983). A teoria de Brown e Levinson (1987) e de Kerbrat-Orecchioni (1996), que relacionam cortesia e face, têm também um papel fundamental neste trabalho, assim como a inclusão da atenuação e da intensificação como formas de modalização do discurso. A fase complementar do enquadramento teórico diz respeito à descrição, explicação e exemplificação da atenuação e da intensificação, com base em Briz (2005) e Albelda Marco (2005), respetivamente.

1.1. QUADRO TEÓRICO GERAL SOBRE A CORTESIA LINGUÍSTICA

O quadro teórico que suporta o trabalho centra-se em princípios de análise pragmática e interacional, entre os quais a cortesia linguística, que tem como objeto de estudo as produções verbais e não-verbais que expressam cortesia e descortesia, utilizadas pelos falantes nas mais variadas formas de interação e funcionando como um conjunto de normas sociais impostas pela sociedade como auxiliares da regulação do comportamento dos seus membros (cf. Escandell Vidal, 1996: 36). Haverkate (1994: 14) utiliza o termo “contrato social-conversacional”, que remete para o cariz sociolinguístico, de boa educação e delicadeza, mas também, interacional, dos mecanismos de cortesia linguística.

Neste sentido, os participantes da interação verbal apoiam-se nessa espécie de “contrato”, que, segundo Grice (1975), assenta num esforço cooperativo por parte dos intervenientes e se pode designar como Princípio da Cooperação, uma regra implícita da comunicação linguística

fulcral para a sua eficácia e objetivo, que consiste em: “Make your conversational contribution such as required, at the stage at which occurs, by the accepted purpose or direction of the talk Exchange in which you are engaged (Grice, 1975: 45). De forma a complementar o Princípio da Cooperação, Grice formulou quatro Máximas Conversacionais (qualidade, quantidade, relação e modo), que constituem princípios gerais, normas específicas, que estão na base do Princípio da Cooperação, e são indispensáveis para o sucesso da interação (cf. Grice, 1975: 45-46).

Um dos problemas inerentes à teoria das máximas conversacionais de Grice prende-se com o facto de elas poderem ser desrespeitadas², ainda que, na maioria das vezes, intencionalmente, de modo a obter-se uma finalidade específica, originando assim uma implicatura que decorre da capacidade de interpretar e compreender enunciados desrespeitadores das máximas conversacionais, mas que segue, num nível superior, o Princípio da Cooperação.

De forma análoga a Grice, Leech (1983) estabeleceu o Princípio de Cortesia, que funciona para garantir a manutenção da cooperação na interação e pode ter dois polos, um positivo e um negativo, e formulou também um conjunto de máximas baseadas em fatores minimizadores e maximizadores: tato, generosidade, aprovação, modéstia, unanimidade e simpatia (cf. Leech, 1983: 132).

1.2. RELAÇÃO CORTESIA-FACE

Claramente associado a estes conceitos e com papel relevante neste domínio, consideramos o conceito de face³, desenvolvido por Goffman (1987), que consiste na construção de uma autoimagem por parte do “eu”, com o intuito de a resguardar, no entanto, no caso de alterar a sua linha de ação, o falante pode perder a sua face, levando a uma desaprovação social. Todos os indivíduos possuem uma face positiva e negativa: a positiva diz respeito à imagem positiva que o indivíduo tem de si próprio e quer ver reconhecida socialmente; a negativa refere-se ao desejo de cada indivíduo de que os seus atos não sejam ameaçados por outros membros da sociedade. (cf. Haverkate 1994: 18).

2. Sobre a violação das máximas e produção de cortesia, Lauerbach (1989: 30) afirma: “We know that when we are being polite, we tend not to be as truthful as Grice enjoins us to be, nor as brief and clear to the point – politeness has to be paid for, with insincerity, vagueness and verbosity.”

3. “The term face may be defined as the positive social value a person effectively claims for himself by the line others assume he has taken during a particular contact. Face is an image of self-delineated in terms of approved social attributes (...)” (Goffmann, 1987: 5).

4. Originalmente editada em 1978 com o título *Questions and Politeness* – *Strategies in Social Interaction*.

Brown e Levinson, através da obra intitulada *Politeness: Some Universals in Language* (1987)⁴ contribuíram de forma significativa para a relação entre cortesia linguística e face através do conceito de “Atos Ameaçadores de Face” (AAF), isto é, atos que podem ameaçar ambas as faces dos interlocutores. Para estes autores, existem três fatores fundamentais que orientam a escolha de manifestações linguísticas corteses, em termos de avaliação da gravidade dos AAF: i) a relação de poder, ii) a distância social entre os interlocutores e iii) o grau de imposição do ato de fala em determinada cultura. Com base nestes critérios, distinguem entre estratégias de cortesia positiva, que facilitam a aproximação e a solidariedade entre os interlocutores e têm como objetivo compensar a face positiva do interlocutor, e estratégias de cortesia negativa, que intensificam a distância entre locutor e interlocutor e diminuem o peso da solidariedade. Neste contexto, a cortesia é fundamental na mediação entre a vontade do falante em atingir um objetivo e o cuidado em não produzir um ato ameaçador de face.

5. Tradução nossa.

Considerando esta teoria redutora e excessivamente pessimista no que toca às relações sociais, Kerbrat-Orecchioni (1996: 51-54) introduziu o conceito de FFA's (face flattering acts), ou atos valorizadores de face⁵, de comportamento estimulante e valorativo para a relação dos interlocutores, que manifesta uma visão mais positiva em relação à manutenção das faces, funcionando como complemento à teoria dos AAF de Brown e Levinson, pois distingue cortesia negativa e cortesia positiva, acentuando o seu caráter valorizador e positivo, em detrimento do caráter mais ameaçador e negativo da teoria dos AAF. No seu sistema de cortesia, Kerbrat-Orecchioni definiu ainda um conjunto de princípios reguladores dos comportamentos linguísticos que o locutor deve adotar em relação ao seu interlocutor e em relação a si próprio, e que podem ser favoráveis ou desfavoráveis, sendo materializados através de atos de cortesia positiva e negativa.

A autora refere ainda dois conceitos-chave para este estudo: cortesia mitigadora e cortesia valorizadora. A mitigadora é de natureza abstencionista ou compensatória e consiste em evitar produzir um AAF, enquanto a valorizadora efetua atos valorizadores de face sem risco de

ameaças. Assim, a cortesia mitigadora implica distanciamento do locutor da mensagem para se aproximar do interlocutor e evitar tensões, enquanto a valorizadora expressa proximidade social através de atos verbais valorizadores. Por isso, a cortesia mitigadora está ligada, tendencialmente, a mecanismos de atenuação e a valorizadora, a mecanismos de intensificação.

1.3. ATENUAÇÃO E INTENSIFICAÇÃO COMO ESTRATÉGIAS DE MODALIZAÇÃO DO DISCURSO

Tanto a atenuação como a intensificação são formas de modalização do discurso, integrando-se no fenómeno linguístico da modalização.

Coletta (1998 : 72) considera que a modalização

consiste pour le locuteur et en se positionnant dans l'interlocution par rapport à son interlocuteur, par rapport à soi-même et par rapport au monde référence, à modérer son propos, à en atténuer la force, à moduler sa responsabilité, à ne pas présenter les faits de manière trop abrupte ou négative son interlocuteur.

Charaudeau, por sua vez, considera a modalização como “une partie du phénomène d'énonciation...qui permet d'expliciter ce que sont les positions du sujet parlant rapport à son interlocuteur, à lui-même, et à son propos” (1992: 572) e pode recair sobre o enunciado, sobre parte dele, ou sobre todo o texto ou discurso.

Há essencialmente três tipos de operações de modalização que afetam a atenuação e a intensificação: i) modalização ilocutória, que diz respeito à forma como o locutor realiza a sua ilocução; ii) modalização enunciativa, utilizada pelo locutor para atenuar e intensificar a força da sua ilocução, mas também para relativizar ou distanciar-se do seu objetivo; e iii) modalização referencial, que consiste na forma como o locutor apresenta o referente na sua proposição.

Os fenómenos em análise neste estudo exibem muitas vezes marcas do 'eu' no discurso, ou, no caso de elas não existirem, apresentam um objetivo que faz parte da estratégia enunciativa. Desta forma, trata-se de dois processos complementares da modalização dos discursos, que

representam uma estratégia, na maioria das vezes consciente, de provocar determinado efeito no interlocutor. Neste contexto, a modalização avaliativa é a que melhor enquadra a atenuação e a intensificação, pois está ligada às escolhas, objetivos, avaliações e juízos de valor dos locutores.

1.4. ATENUAÇÃO

Em traços gerais, a atenuação, também referida na literatura como ‘mitigação’⁶, opera essencialmente como uma medida preventiva para suavizar, mitigar, reduzir e debilitar efeitos nefastos decorrentes de determinados atos de fala, podendo atuar ao nível do conteúdo proposicional ou da força elocutiva de um enunciado.

Ainda que grande parte da literatura atual estabeleça um paralelismo entre atenuação e cortesia linguística, por considerar que a atenuação é um modo de expressão de cortesia, isto é, a face linguística do que é cortês, não partilhamos esta orientação, preferindo a proposta de Briz (1998), que defende que a atenuação é uma estratégia que se usa mais por eficácia do que por cortesia e que os atenuantes funcionam como movimentos táticos “para ganhar o jogo conversacional” (1998: 146), no contexto do qual a cortesia é uma das forças motrizes da atenuação, mas não a única.

Esta distinção é reforçada por Briz (2003, 2004) na sua afirmação de que a atenuação está socialmente relacionada com a proteção de imagem, com ou sem cortesia, e linguisticamente relacionada com a argumentação e minimização do benefício do locutor ou do descordo, enquanto a cortesia representa socialmente aproximação, mas distanciamento em termos linguísticos linguisticamente. Assim, em geral, o grau de atenuação é proporcional ao grau de formalidade da situação comunicativa: em contextos mais formais existe maior necessidade de preservação das faces, traduzida em parte pela maior ocorrência de mecanismos de atenuação, o que não acontece em contextos menos formais, visto que o maior grau de familiaridade e, por vezes, de coloquialidade, faz com que haja um menor risco de ameaça da face.

6. Denominação utilizada por autores como Fraser (1980), Caffi (1999); Brown e Levinson (1987), Leech (1983), Kerbrat-Orecchioni (1996), entre outros.

Os mecanismos de atenuação, que cumprem três funções – autoproteção, prevenção e reparação – são influenciados por três tipos de fatores - estruturais, enunciativos e situacionais -, apresentam vários tipos e atualizam diferentes procedimentos linguísticos, sintetizados no quadro 1⁷.

TIPOS DE ATENUAÇÃO	MECANISMOS LINGUÍSTICO-DISCURSIVOS
<p>ESTRITAMENTE PRAGMÁTICA</p> <p>↓</p> <p>Mitigação da força ilocutiva de um ato assertivo, exortativo ou comissivo, com minimização do papel do “eu” e do “tu”</p>	<ul style="list-style-type: none"> – verbos performativos que expressam ação, intenção ou ponto de vista – modificação do verbo performativo – modificações modalizadoras «na margem» (fórmulas rituais, locuções, modismos e outras expressões) – invocação de outras vozes – elipse da conclusão – impessoalização do ‘eu’ (‘-se’; ‘ninguém’) – despersonalização do ‘tu’
<p>SEMÂNTICO-PRAGMÁTICA</p> <p>↓</p> <p>Minimização das ações através da modificação direta de algum dos elementos que a compõem</p>	<ul style="list-style-type: none"> – atenuação de um elemento por modificação gramatical ou léxica – atenuação de toda a proposição
<p>DIALÓGICA</p> <p>↓</p> <p>Mitigação do desacordo em relação à intervenção do outro, no intercâmbio linguístico</p>	<ul style="list-style-type: none"> – expressão de incerteza ou fingimento de ignorância ou incompetência perante o dito do interlocutor – manifestação de concordância parcial – redução ao mínimo o desacordo – impessoalização do desacordo

7. Para uma descrição mais pormenorizada das funções dos mecanismos de atenuação e dos fatores que os influenciam, cf. Briz (2005: 237-244), que seguimos de perto nesta classificação.

Quadro 1 - Tipos de atenuação e respetivos mecanismos linguístico-discursivos (cf. Briz, 2005)

1.5. A INTENSIFICAÇÃO

A intensificação configura um fenómeno sócio-pragmático, contextual e de negociação de conflitos interpessoais, que foi objeto de análise por vários autores, entre os quais Matte Bon (1992), Álvarez Menéndez (1995), Albelda Marco (2005) e Mancera Rueda (2009), sendo também denominado de superlação, reforço, ênfase, etc.

De forma global, o tratamento da intensificação no discurso implica a consideração de quatro questões basilares, formuladas no quadro 2, cuja resposta é fundamental para a delimitação e descrição dos tipos e mecanismos de intensificação.

Quadro 2 - Questões centrais para a descrição do fenómeno da intensificação

O que se intensifica?	A atitude, direta ou indiretamente
Com que se intensifica?	Com um Conjunto de procedimentos de intensificação
Sobre o que incidem os intensificadores?	Sobre as categorias lexicais, sintáticas, semânticas e estruturais, e sobre os elementos da modalização
Para que se intensifica?	Para conseguir determinados objetivos conversacionais

Na opinião de Albelda Marco (2005), cujo trabalho nos serviu de referência para este estudo, a intensificação consiste, em termos gerais, numa estratégia que dá pistas sobre a nossa interpretação do estado das coisas, permitindo alcançar determinados objetivos comunicativos e apoiando a argumentação.

Briz (1998) considera a existência de dois âmbitos afetados pela intensificação, o conteúdo proposicional e o domínio modal, que estão na base de dois tipos distintos de intensificação: i) a intensificação do dito, que consiste na quantificação semântica analisada de uma perspectiva pragmática, isto é, o seu valor como estratégia de comunicação e o seu contributo para fins comunicativos; ii) a intensificação do dizer, que corresponde à intensificação da atitude

propriamente dita, ou seja, a que atua sobre o âmbito da modalidade e cujos fins são sempre comunicativos. Também Albelda Marco (2005) aponta dois tipos de intensificação: a da modalidade (*modus*), que se refere à atitude que o falante tem sobre o conteúdo, e a do conteúdo proposicional (*dictum*), que se refere ao conteúdo representativo.

O quadro 3 sintetiza os níveis e mecanismos linguísticos de cada um destes tipos de modalidade, tendo, no entanto, sido sobre a intensificação proposicional que se centrou o trabalho desenvolvido em sala de aula, já que é mais facilmente materializável no sentido pedagógico-didático.

TIPOS DE INTENSIFICAÇÃO	NÍVEIS	MECANISMOS LINGUÍSTICOS
PROPOSICIONAL	morfológico	sufixos e prefixos
	lexical	substantivos, verbos, adjetivos e advérbios
	sintático	modificações de categorias gramaticais nucleares, estruturas sintáticas, repetições, enumerações
	semântico	figuras de estilo ou retórica
	fônico	entoação, alargamentos fonéticos, onomatopeias, entre outros
DE MODALIDADE	Modalidade da enunciação ↓ atitude do falante perante o interlocutor	verbais (nomeadamente indicativo, conjuntivo, imperativo) morfemas gramaticais Modalidades oracionais (declarativas, expressivas, interrogativas, exortativas)
	Modalidade do enunciado ↓ atitude do falante perante o dito	através da expressão das modalidades lógicas (alética, epistêmica e deontica) expressão das modalidades apreciativas (emocionais, não emocionais), através, sobretudo, de advérbios ou locuções adverbiais

Quadro 3 - Questões centrais para a descrição do fenómeno da intensificação (cf. Albelda Marco, 2005)

2. MECANISMOS DE ATENUAÇÃO E INTENSIFICAÇÃO NO ENSINO-APRENDIZAGEM DO PLE

Na sequência da delimitação do quadro teórico linguístico-discursivo que sustenta a nossa intervenção pedagógico-didática, salientamos, ainda numa perspectiva da sua justificação, os princípios e processos subjacentes ao ensino dos mecanismos de atenuação e de intensificação no ensino-aprendizagem de PLE, através da consideração dos seguintes parâmetros: desenvolvimento da competência conversacional dos aprendentes de uma LE, pertinência do ensino-aprendizagem dos mecanismos de atenuação e intensificação e opções metodológicas a adotar para esse desenvolvimento.

2.1. DESENVOLVIMENTO DA COMPETÊNCIA CONVERSACIONAL DOS APRENDENTES DE UMA LE

A competência conversacional pode ser definida como a capacidade de participar numa comunicação bilateral ou multilateral, onde a distribuição dos turnos é administrada livremente por todas as partes, que alternam na posse da palavra. Baseia-se numa cooperação entre os participantes, com o intuito de estabelecer uma comunicação coerente e eficaz (cf. Ambjoern, 2008: 3). Assim, o desenvolvimento desta competência está claramente associado ao princípio de que

o uso de uma língua abrangendo a sua aprendizagem inclui as acções realizadas pelas pessoas que, como indivíduos e como atores sociais, desenvolvem um conjunto de competências gerais e particularmente, competências comunicativas em língua (QECR, 2001: 29)

No contexto dessas competências comunicativas, destacamos uma competência comunicativa mais relacionada com a língua. E, “neste sentido mais restrito, a competência comunicativa compreende as seguintes componentes: competências linguísticas, competências sócio-linguísticas e competências pragmáticas” (QECR, 2001:156). Apesar de o QECR não referir explicitamente a competência conversacional, a conversação exige a articulação de algumas

das competências consagradas no mesmo documento, Ou seja, as competências referidas no QEER sustentam o desenvolvimento da competência conversacional, que por sua vez, em conjunto essas competências, está na base do desenvolvimento da competência comunicativa.

A conversação, ainda que não esteja explicitamente referida no QEER, é uma forma de comunicação interativa das mais comuns, e, tal como outras formas de comunicação, persegue objetivos fundamentais. No caso da conversação esses objetivos passam essencialmente pelo intercâmbio de informação/opiniões e o estabelecimento (e conseqüente manutenção) de relações sociais. É ainda relevante o facto de a conversação ser eminentemente espontânea e de ocorrer num registo coloquial, uma vez que ocorre em contextos informais onde a falta de tempo e a imediatez de resposta desempenham um papel fundamental na estruturação do discurso, diferenciando-a de outras modalidades discursivas. Para definir de forma mais concisa a modalidade discursiva da conversação quanto ao seu registo coloquial, outro conceito deve ser referido, o de registo formal, como par antagónico de registo coloquial, possuindo ambos uma determinada finalidade comunicativa que faz com que ocorram em função do contexto situacional. O registo coloquial e o registo formal são, portanto, variedades linguísticas determinadas pelo contexto, e o seu ensino na aula de LE pode ser bastante profícuo, uma vez que, para serem eficazes, os falantes devem adequar os recursos linguísticos ao contexto comunicativo no qual se encontram.

A conversação coloquial permite trabalhar com um contexto e, desta forma, possibilita aos aprendentes apreender não só as estruturas mas também as funções comunicativas, assim como uma ampliação da capacidade de compreender os significados e inferir os seus sentidos e usos. Desta forma, a capacidade de processamento da língua por parte dos aprendentes é desenvolvida, pois permite-lhes adequar as formas linguísticas a uma situação, interpretando mais facilmente determinados fenómenos pragmático-semânticos da língua-meta (cf. Albelda Marco e Colomer 2006: 3).

Por isso, a conversação e o seu ensino, apesar de poderem ocorrer no nível A ou no nível B, revestem-se de uma maior importância de sistematização e utilização no nível C. Ainda assim, nos níveis iniciais, não é de descurar a introdução dos aprendentes a formas de conversação, nomeadamente ao nível do léxico, que facilita o seu uso numa fase mais adiantada do processo de aprendizagem de uma LE. No entanto, a maior proficiência na linguagem e o seu maior domínio fazem com que o ensino da conversação nos níveis mais altos seja mais eficaz e facilite a aprendizagem dos mecanismos de atenuação e de intensificação, uma vez que estes se encontram embutidos na competência sócio-pragmática e conversacional.

2.2. PERTINÊNCIA DO ENSINO-APRENDIZAGEM DOS MECANISMOS DE ATENUAÇÃO E INTENSIFICAÇÃO

A pertinência deste tipo de mecanismos na aula de PLE estende-se a vários domínios.

Desde logo, tal como aponta Briz (2005: 227-228), a maioria das interações orais busca o acordo, na busca do qual a atenuação e a intensificação desempenham um papel importantíssimo. O aprendente de PLE, mesmo em níveis avançados, apresenta lacunas no que toca à instrução sócio-pragmática, até porque este é um campo da língua portuguesa muito complexo e de difícil compreensão, inclusivamente para os falantes nativos, e, dessa forma, atenuar ou intensificar o que se diz, ou o objetivo do dito, é ainda uma atividade mais complexa.

Outro aspeto relevante para o ensino-aprendizagem destes mecanismos em PLE prende-se com a gestão da face/imagem. Como foi dito anteriormente, atenuação e intensificação podem expressar acordo e desacordo, logo, constituem-se como processos fundamentais na gestão da face dos interlocutores e funcionam como estratégias de distanciamento e de aproximação em relação ao dito, residindo neste facto outro ponto a favor do seu ensino. De referir ainda que a frequência de utilização destes processos por parte dos falantes nativos do português faz com que a sua abordagem em PLE seja relevante.

O objetivo principal deste projeto de investigação-ação dos mecanismos de atenuação e intensificação é a consciencialização dos aprendentes para este tipo de mecanismos, o que eles representam na língua, e, acima de tudo, qual a sua funcionalidade, e para isso, outro dos objetivos deste trabalho passa por fornecer aos aprendentes um conjunto sistematizado de mecanismos de atenuação e de intensificação que possam servir para análises e reflexões futuras, que ajudarão os aprendentes a refletir sobre aspetos de modalização do discurso, ainda pouco aprofundados no ensino-aprendizagem de PLE.

2.3. OPÇÕES METODOLÓGICAS A ADOTAR

De forma a desenvolver a competência conversacional, a adoção-aplicação da Gramática Comunicativa (Matte-Bon, 2007) manifesta-se como instrumento relevante. Deste modo, consideramos, reiterando a proposta de Ambjoern (2008: 3), que a aula de LE assente numa gramática comunicativa permite desenvolver a competência comunicativa dos estudantes no que se refere à sua capacidade de: i) construir e manter uma conversação com debate integrado; ii) utilizar fórmulas de abertura de conversação; iii) formular perguntas reveladoras de interesse; iv) produzir os atos de fala para tomar o turno de fala, mantê-lo e assumi-lo; v) utilizar marcadores conversacionais com diferentes funções para regular a posse de palavra; vi) marcar as mudanças de tema adequadamente; vii) participar e cooperar numa conversação; viii) aplicar estratégias de comunicação para superar as dificuldades que possam surgir na comunicação; ix) observar características da língua falada.

Para um desenvolvimento destas capacidades é fundamental relacionar de forma estreita o material selecionado, as atividades e os exercícios propostos.

O tipo de materiais a utilizar em atividades de ensino-aprendizagem da conversação coloquial deve ser material autêntico da língua-meta, pois oferece aos estudantes amostras ‘reais’ de interação. No entanto, nem sempre é fácil encontrar ou conseguir amostras de língua autêntica, e nesse caso, produções orais retiradas de programas de televisão ou de rádio parecem ser as

que mais se aparentam com uma amostra mais ou menos fiável de conversação coloquial, pois possuem já um conjunto interessante de características observáveis para posterior reflexão e tratamento, assumindo-se como uma ferramenta relativamente fiável de amostras orais da língua meta.

A proposta adotada foi a de Porroche (2009: 43), que defende, no que toca às atividades de compreensão e produção oral, duas etapas: um primeiro período de “uso recetivo” no qual o professor deve apresentar e delimitar o que quer trabalhar assegurando a compreensão por parte dos alunos; e um período produtivo, no qual os estudantes, perante determinada situação, sejam capazes de fazer uso dos mecanismos coloquiais aprendidos.

Parte integrante da instrução são as atividades levadas para a sala de aula, que podem ser controladas ou livres e ter objetivos muito distintos, destacando-se, entre outras, as conversações casuais, discussões formais e informais, debates, entrevistas, negociações, planificações conjuntas, cooperação centrada em objetivos. Todas elas apresentam um grau de interatividade grande, e, no caso deste trabalho, promovem a produção de mecanismos de atenuação e intensificação. Outra variante tida como facilitadora do processo de investigação-ação desenvolvido é a opção por trabalhos de grupo, que, segundo Renzábal (1993: 37), apresenta vantagens, sobretudo no produto elaborado, que costuma ser melhor do que o elaborado individualmente.

Ainda em relação ao tipo de atividades, as propostas que mais se adequam a este trabalho são as de Porroche (2009) e de Ambjoern (2008).

A proposta de Porroche assenta no princípio de que qualquer explicação de coloquialidade deve ser convenientemente contextualizada, formulando assim para o nível discursivo/interacional as seguintes atividades (cf. Porroche 2009: 86-87;140-145; 182-186)⁸: preenchimento de textos conversacionais lacunares com marcadores discursivos com ou sem escolha múltipla; ordenação de um texto conversacional fragmentado; audição e identificação e reconhecimento de marcadores discursivos; identificação do contraste de significado entre os marcadores; exercícios estruturais para reconhecimento e manipulação da polifuncionalidade dos marcadores discursivos.

8. É importante referir que a proposta de Porroche se centra em marcadores discursivos, enquanto a proposta aqui formulada, ainda que baseada nas atividades do autor, centra-se no ensino de mecanismos de atenuação e intensificação.

Já a proposta de Ambjoern centra-se no desenvolvimento da competência conversacional através das seguintes atividades: responder a perguntas teóricas sobre fenómenos comunicativos; descrever fenómenos comunicativos; estabelecer relações entre forma, significado/função; sistematizar os fenómenos comunicativos a partir de determinadas regras; deduzir regras comunicativas; analisar fenómenos comunicativos contrastivamente; solucionar problemas comunicativos; avaliar produtos comunicativos próprios e alheios.

Ambas as propostas promovem a consciencialização da forma, neste caso, dos mecanismos de atenuação e intensificação, e a identificação das suas funções. Promovem ainda a compreensão e produção oral de diferentes tipos de enunciados. Para a realização de práticas comunicativas, no contexto sala de aula, a intervenção pedagógico-didática consistiu em atividades que fomentassem o incremento da competência conversacional através de um tratamento explícito de fenómenos de conversação. Para a materialização deste tipo de atividades foi adotada uma complementaridade entre dois métodos, o direto e o indireto (cf. Richards 1990: 84). Enquanto o método indireto funciona como elo de ligação entre as diferentes atividades comunicativas com o objetivo de criar interação conversacional entre os aprendentes, o método direto permite analisar e refletir explicitamente sobre os fenómenos conversacionais e é ainda fundamental em atividades de produção/prática da competência conversacional. A adoção destes dois métodos permite criar um balanço entre o tratamento implícito e explícito dos fenómenos conversacionais envolvidos, permitindo também uma adaptação pedagógico-didática mais abrangente, uma vez que facilita a adaptação de materiais e atividades que se coadunem com as necessidades e problemas observados nos aprendentes. Para uma utilização mais eficaz do método direto e indireto, foram ainda tidas em conta estratégias de instrução, também adotadas de forma concomitante. A complementaridade instrução explícita-instrução implícita afigurou-se fundamental, pois são duas estratégias que permitem uma reflexão mais abrangente e, ao mesmo tempo, particularizada, sobre o tema desenvolvido, já que a instrução explícita, de cariz mais teórico, funciona como um marco importante para assimilação e reflexão da metalinguagem a ser utilizada, fornecendo ainda aos aprendentes explicações sistemáticas

das relações forma-função. Já a instrução implícita, uma vez que assenta no pressuposto de utilização de *input* autêntico, permite, depois de uma assimilação das relações forma-função, uma prática extensiva deste fenómeno pragmático. Subjacente à instrução explícita temos o conceito de instrução dedutiva, que é construída no mesmo pressuposto de explicitação das formas-função dos mecanismos pragmáticos, enquanto a sua outra face, ou seja, a instrução implícita, tem subjacente a instrução indutiva, visto que, através da prática extensiva dos fenómenos pragmáticos através de amostras autênticas de língua, o aprendente cria regras. Como é possível verificar através dos conceitos referidos, a complementaridade entre métodos e estratégias atravessa todo o planeamento da ação pedagógico-didática aqui desenvolvida, tal como é defendido por Albelda Marco e Fernández (2008: 44), que consideram que os métodos e estratégias assumidos devem adaptar-se aos interesses e necessidades dos aprendentes por permitirem uma maior liberdade e flexibilidade na planificação pedagógico-didática.

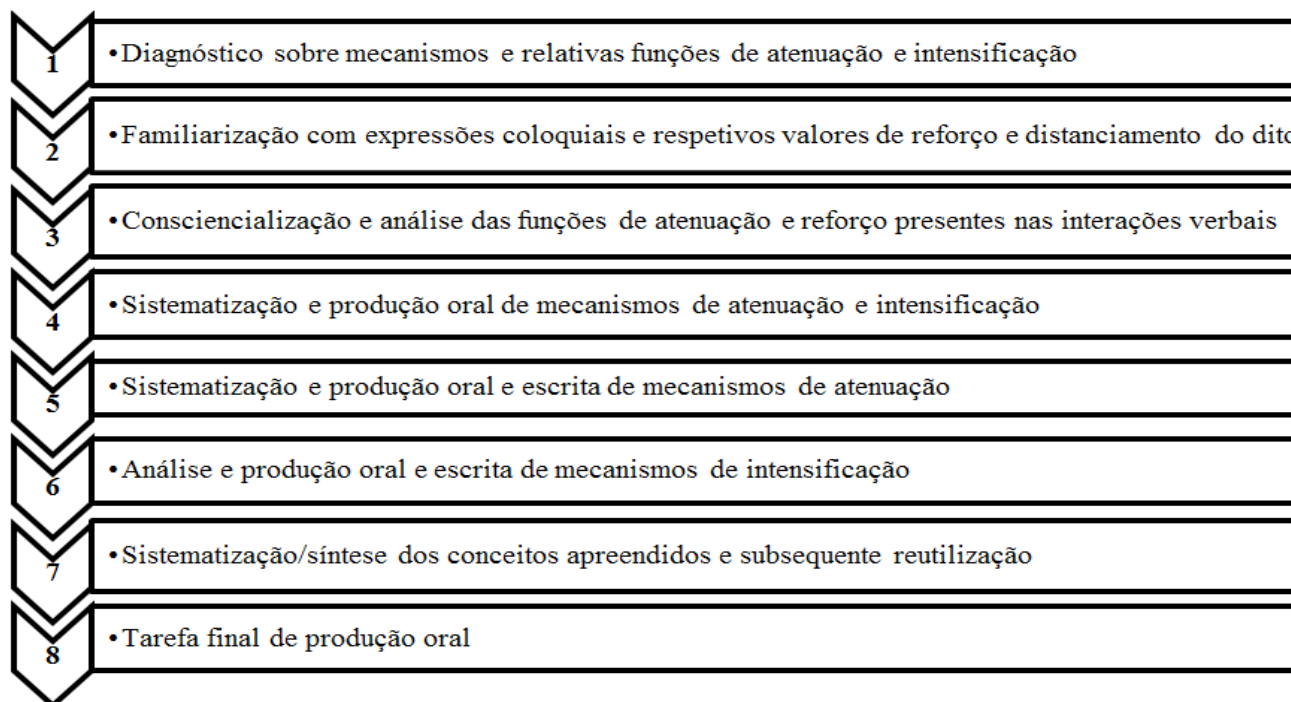
3. INTERVENÇÃO PEDAGÓGICO-DIDÁTICA

No seguimento da exposição dos princípios teóricos e operatórios expostos nas secções 1 e 2, descrevemos seguidamente a intervenção pedagógico-didática realizada.

O método selecionado para este projeto de investigação-ação foi o estudo de caso, cujos princípios e linhas orientadoras foram adaptados ao contexto concreto em que se operacionalizou este projeto. A opção por essa metodologia decorre do facto de se considerar que apresenta os atributos básicos com os quais, pela sua natureza, o projeto implementado se coaduna: participação de um número pequeno de estudantes, desenvolvimento do trabalho num período curto de tempo, especificação de objetivos para o desenvolvimento de conteúdos e competências bem delimitados, incidência numa questão particular para, a partir dela, poder compreender um fenómeno mais geral.

Neste âmbito, foram estabelecidos os seguintes objetivos gerais para esta intervenção: i) construir uma proposta didática consistente e em consonância com as necessidades pedagógicas dos aprendentes no que concerne ao tema de trabalho; ii) apresentar uma variedade de materiais e atividades que funcionem como elemento propulsor do interesse dos alunos pelos temas; iii) utilizar amostras autênticas de língua para uma maior facilidade de aproximação dos aprendentes à língua-meta; e iv) desenvolver a competência comunicativa dos aprendentes (estratégias de gestão da interação verbal, mecanismos de atenuação e intensificação do discurso, conhecimento sócio-pragmático e conhecimento linguístico-discursivo).

Ao cumprimento destes objetivos está subjacente a proposta de um esquema concetual, apresentado no esquema 1.



Esquema 1 - Esquema de implementação pedagógico-didática

Como o esquema concetual apresentado mostra, o plano de intervenção pedagógico-didática desenrolou-se em três etapas centrais: diagnóstico, intervenção pedagógico-didática e avaliação dos resultados.

3.1. DIAGNÓSTICO

O diagnóstico foi efetuado com base em dois elementos: estabelecimento do perfil dos estudantes e realização de um exercício.

Os participantes do estudo foram uma turma de nível C do curso anual de Português para Estrangeiros da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, que, muito sumariamente, apresentou o seguinte perfil: seis participantes, quatro do sexo feminino e dois do sexo masculino. Quanto às nacionalidades, existiam 4 participantes de nacionalidade espanhola, uma venezuelana e uma alemã, todos incluídos na faixa etária entre os 18 e os 25 anos de idade. Relativamente ao nível de proficiência, a turma era algo heterogénea, o que resultou numa dificuldade acrescida, já que os aprendentes oscilavam entre o nível B2 e o nível C1.

O diagnóstico inicial teve como intuito principal perceber, através de uma análise formativa e qualitativa, qual a relação dos aprendentes com os mecanismos de atenuação e de intensificação, mais concretamente a capacidade em reconhecê-los num enunciado oral, e entender a sua função em determinado contexto. O exercício consistiu no visionamento de um *sketch* humorístico dos Gato Fedorento, onde existe uma interação oral que contém uma abundância de diminutivos com valor intensificador ou atenuador. Embora se trate de um documento humorístico, em que o elemento em apreço ocorre de forma muito mais frequente e caricaturada do que será previsível num outro tipo de documento, considerou-se que isso podia focar a atenção dos estudantes nesse domínio específico de análise.

Os resultados da produção e análise dos estudantes nestes exercícios mostraram essencialmente que os aprendentes tinham dificuldades no reconhecimento dos contextos do seu uso, com conseqüente inadequação da leitura do mecanismo utilizado. De facto, em termos

genéricos houve evidência de: i) dificuldade no reconhecimento das expressões que marcam os dois polos da modalização, por não serem capazes de lhes associar comunicativamente consequências para a interpretação discursiva; ii) incapacidade de distinguir e até de aceitar o valor linguístico-pragmático do diminutivo como potencialmente intensificador; iii) dificuldade em explicitar alguns efeitos da utilização de marcadores de atenuação e intensificação no discurso oral analisado.

3.2. IMPLEMENTAÇÃO PEDAGÓGICO-DIDÁTICA

Com base nos resultados obtidos, estabeleceu-se um plano de intervenção pedagógico-didática, que se subdividiu em quatro partes, que dizem, respetivamente respeito ao diagnóstico inicial, já referido, às duas propostas didáticas desenvolvidas, apresentando cada uma das propostas três atividades diferentes, e a um diagnóstico final.

Não pretendendo discriminar de forma pormenorizada todas as tarefas desenvolvidas, a sua apresentação faz-se sob a forma de bolsa de atividades, com exceção de uma delas que, a título de exemplo, será descrita de forma mais detalhada, no sentido de exemplificar o modelo seguido.

3.2.1. BOLSA DE ATIVIDADES

As atividades realizadas, enquadradas no contexto da pedagogia do oral que sustenta este trabalho, assentam numa abordagem comunicativa e subdividem-se em atividades de compreensão oral (cf. quadro 4) e atividades de produção oral (cf. quadro 5). Estas atividades, que têm objetivos bem definidos no âmbito do desenvolvimento da competência conversacional dos aprendentes, promovendo a aquisição dos mecanismos de atenuação e intensificação e a sua utilização conversacionalmente adequada, consistem num processo faseado suportado pelo recurso a materiais autênticos, essencialmente da modalidade oral, com um grau crescente de controlo e complexidade.

Compreensão Oral	
Objetivos comunicativos	Atividades propostas
Desenvolvimento da compreensão oral	Visionamento do sketch do programa “Estado de Graça” sobre festivais de verão (00:00:00’ – 00:01:05’) https://www.youtube.com/watch?v=c47dW95I_JI
Familiarização com expressões típicas da oralidade	Exercício de preenchimento de espaços com expressões coloquiais presentes no sketch (2 visionamentos); Correção do exercício e elicitación das expressões coloquiais presentes no referido diálogo
Reconhecer enunciados atenuados	Exercício de escolha múltipla – função das expressões coloquiais presentes no mesmo diálogo
Reconhecer e explicitar funções de expressões coloquiais	Exercício de manipulação de enunciados – atenuar ou reforçar o que é dito
Reconhecer mecanismos de reforço	Visionamento do vídeo “Soja um alimento completo” (00:13:00 – 00:14:10’) https://www.youtube.com/watch?v=NS2lkH_zNhY Escuta global (1º visionamento)
Reconhecer a atenuação e o reforço – aplicação das respetivas funções	Preenchimento de uma tabela com mecanismos de reforço (2º e 3º visionamento) Classificação das expressões de reforço encontradas no vídeo quanto à sua categoria gramatical
Sintetizar informação	Visionamento do vídeo “Saber poupar nas férias” (00:00:00’ – 00:01:35’) https://www.youtube.com/watch?v=mtuJEMPI2rc Pré-leitura de um texto com espaços para completar
Reescrever frases tornando-as enunciados de atenuação ou de reforço	Audição orientada – preenchimento de espaços com informações que faltam Manipulação de frases do texto em enunciados atenuados ou intensificados Preenchimento de tabelas relativas à atenuação e intensificação, com os mecanismos linguísticos, respetiva função e exemplos

Quadro 4 - Atividades de compreensão oral

Produção/Interação Oral	
Objetivos comunicativos	Atividades propostas
Desenvolver a produção oral	Debate – “Prós e Contras das Redes Sociais” Preenchimento de um quadro com vantagens e desvantagens das redes sociais, com base num texto previamente explorado Distribuição de um guião do debate e de um conjunto de expressões que se utilizam no debate Em pares, troca de informações relativas ao quadro anteriormente preenchido Execução do debate
Desenvolver a competência conversacional	
Desenvolver a capacidade de argumentação	
Cooperar em pares	
Debater ideias sobre determinada temática	
Reflexão sobre mecanismos que permitem não ameaçar a face do outro;	Diálogos sobre temas relacionados com Desporto Fornecimento de um guião para o diálogo, com obrigatoriedade de uso de mecanismos de atenuação Treino oral, em pares, do diálogo Execução da tarefa de diálogo (com gravação para posterior análise)
Reflexão sobre mecanismos de salvaguarda do ‘eu’	
Dialogar sobre determinado tema tendo como base um guião	
Utilizar mecanismos de atenuação na oralidade	Exercício de expressão oral “Passa a palavra” Instrução – em pares, simulação de um pequeno diálogo sobre o tema “férias” – utilização de um mecanismo ou de atenuação ou de reforço sorteado; Sorteio dos mecanismos a utilizar; Execução da tarefa (gravada para posterior análise)
Utilizar mecanismos de na oralidade	
Ser capaz de utilizar no mesmo enunciado oral mecanismos de reforço e de atenuação	

Quadro 5 - Atividades de produção/ interação oral

No contexto destas atividades, foram produzidos e usados dois quadros-síntese, um sobre a atenuação (cf. quadro 6), outro sobre a intensificação (cf. quadro 7), constituindo uma adaptação da teoria sobre atenuação (cf. Briz: 2005) e intensificação (cf. Albelda: 2005), referidas na secção 1 deste trabalho, às necessidades e objetivos do ensino destes mecanismos em sala de aula. Os quadros apresentados refletem o processo de compreensão-reflexão/interiorização-produção efetuado pelos aprendentes ao longo da intervenção, uma vez que apresentam exemplos de produções, retiradas de diferentes exercícios, que vão ao encontro da intervenção pedagógico-didática centrada na atenuação e na intensificação, no que se refere à fase de sistematização, tendo servido como guião para a aquisição destes mecanismos.

TIPOS DE ATENUAÇÃO	EXEMPLOS	FUNÇÕES
ATENUAÇÃO ESTRITAMENTE PRAGMÁTICA	a) “(...)no entanto eu acho que há outras (...)”	a) Utilização do verbo performativo “achar” com o intuito de minimizar a força do ato ilocutório
	b) “(...) e(-) queria acrescentar também que faz que as pessoas (...)”	b) Modificação do verbo performativo “querer”, mitigando o dito.
	c) “Boa tarde, na minha opinião acho que (...)”	c) Minimização do papel do ‘eu’ através de uma expressão modalizadora «na margem».
	d) “(...)é sabido que muita gente diz que esta disciplina não é muito importante, mas eeh (...)”	d) Novamente a minimização do papel do ‘eu’, mas agora através da invocação de outras vozes.
ATENUAÇÃO SEMÂNTICO-PRAGMÁTICA	e) “(...) a minha situação é igual que a sua mas possivelmente vou ficar em casa (...)”	e) Atenuação através da modificação de um elemento (advérbio).
	f) “(...) a verdade é que não tenho planos porque estou um bocadinho confusa com a minha vida (...)”	f) Atenuação através da modificação de um elemento da frase – utilização de um sufixo diminutivo.

Quadro 6 - Quadro síntese do processo de atenuação

TIPOS DE INTENSIFICAÇÃO	EXEMPLOS	FUNÇÕES
SINTÁTICA	g) “(...) mas os meus são mais gostosos ”	g) Utilização do comparativo relativo de superioridade, intensificando a qualidade descrita.
	h) “ Que beleza de mulher! ”	h) O enuncia do exclamativo intensifica o atributo da pessoa descrita.
	i) “O teu bolo era tão doce que parecia que usaste 3 kilos de açúcar”	i) A oração subordinada adverbial consecutiva permite o reforço do dito
	j) “Sim, que olhos, que sorriso, que pernas! ”	j) A enumeração dá ênfase às qualidades referidas pelo locutor.
MORFOLÓGICA	k) “Era mesmo um bolão (...)”	k) O sufixo aumentativo intensifica a avaliação feita pelo locutor.
	l) “(...) eu prefiro uma com muita gordurinha de salame.”	l) Neste caso, o sufixo diminutivo realça a quantidade de do que o locutor quer.
	m) “(...) porque acho que é super-interessante conhecer outros países.”	m) O prefixo aumentativo permite intensificar a qualidade descrita.
SEMÂNTICA	n) “O teu bolo era tão doce que parecia que usaste 3 kilos de açúcar. ”	n) A utilização da hipérbole intensifica o dito.
LEXICAL	o) “(...) era simplesmente inesquecível! ”	o) O adjetivo utilizado é intensificador.
	p) “ Adorei! ”	p) O verbo utilizado funciona como um reforço do verbo ‘gostar’.
	q) “Zé, não sejas tão animal! ”	q) O advérbio intensifica, neste caso, o insulto que o locutor profere.

Quadro 7 - Quadro-síntese do processo de intensificação

3.2.2. APRESENTAÇÃO DE UMA DAS ATIVIDADES IMPLEMENTADAS

No sentido de mostrar de modo mais pormenorizado uma das atividades experimentadas em sala de aula, apresentamos o seu guião e respetiva sequenciação, inscritos nos quadros 8 e 9, respetivamente.

Atividade 'Festivais de Verão'	
Tema	Festivais de Verão
Objetivos	Ordenação de um texto escrito Compreensão audiovisual Reconhecimento de expressões coloquiais Interpretação dos valores semântico-pragmáticos de atenuação e intensificação Manipulação de enunciados escritos
Trabalho	Individual e em pares
Materiais	Quadro e canetas; colunas de som; fichas de trabalho; projetor; computador
Duração	70 minutos
Tipo de avaliação	Observação direta e formativa do desempenho dos alunos nas atividades

Quadro 8 - Descrição da atividade 'Festivais de Verão'

Quadro 9 - Sequenciação da atividade 'Festivais de Verão'

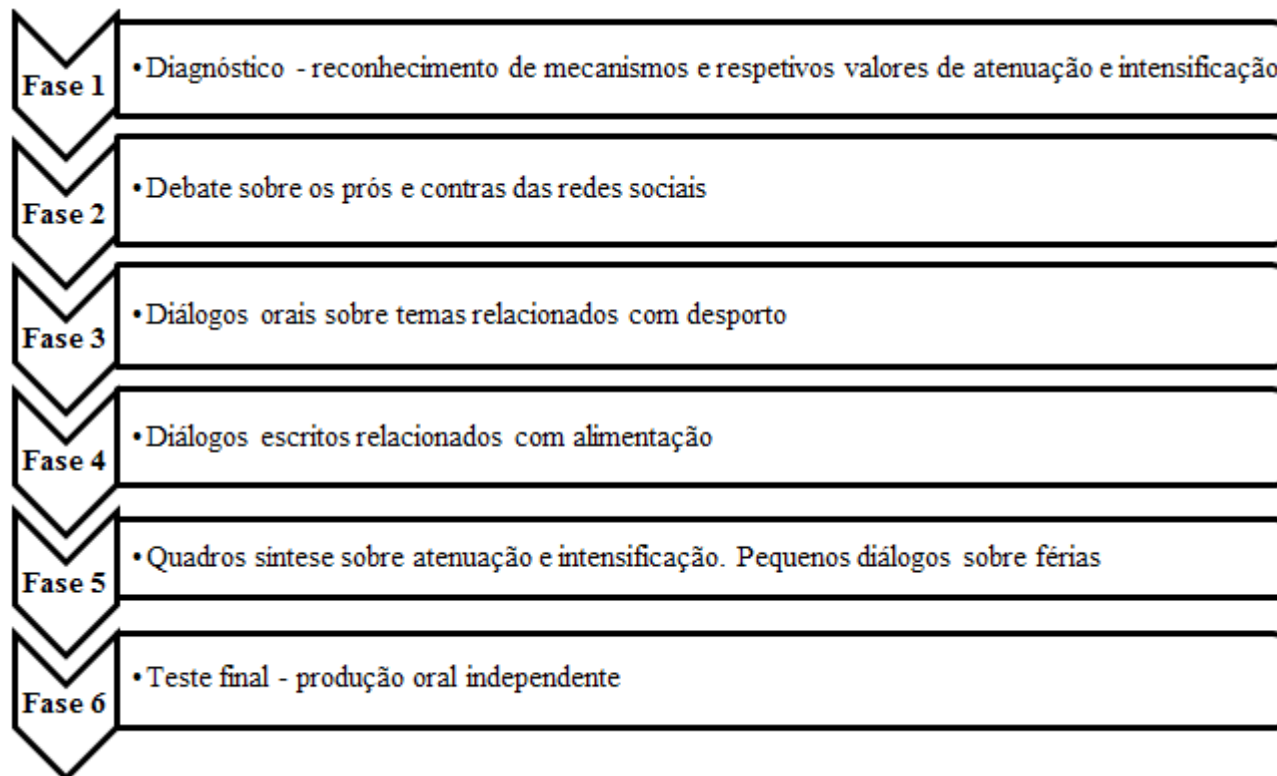
Sequenciação da atividade 'Festivais de Verão'	
Pré-atividade	Motivação – Texto “Coura é rock desde 1993” Exercício de ordenação de parágrafos Correção do exercício e distribuição do texto devidamente ordenado com algumas palavras e expressões sublinhadas Explicação, em pares, do que está sublinhado no texto
Atividade	Visionamento de um Sketch do programa “Estado de Graça” sobre festivais de verão Distribuição de uma ficha com espaços para completar o diálogo presente no sketch humorístico Correção do exercício e elicitación das expressões coloquiais presentes no referido diálogo
Pós-atividade	Escolha múltipla e manipulação de enunciados Exercício de escolha múltipla – função de expressões coloquiais presentes no mesmo diálogo Exercício de manipulação de enunciados – atenuar ou reforçar o que é dito

4. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Na sequência da implementação pedagógico-didática, foram analisados os resultados obtidos nessa intervenção. O *corpus* de análise foi constituído pelo produto de quatro atividades diferentes e dois diagnósticos qualitativos, um inicial e outro final.

Como é possível observar, no esquema 2, as produções analisadas foram de diferentes tipos, incluindo um debate, diálogos orais e um diálogo escrito. Esta variedade de produções foi ao encontro de um dos propósitos deste projeto, que foi a sensibilização dos aprendentes para o facto de os mecanismos de atenuação e intensificação poderem ocorrer em diferentes tipos de discurso e texto. De acrescentar ainda que a discussão dos resultados obtidos não pôde incidir

diretamente numa perspetiva comparativa ou contrastiva, devido à falta de homogeneidade entre os resultados obtidos. Este facto não afeta, contudo, a sua validade já que o objetivo nesta fase do trabalho foi fazer uma análise detalhada, sobretudo de cariz qualitativo, dessas produções.



Esquema 2 - Sequenciação da análise de resultados efetuada

Em seguida, temos exemplos de resultados dos mecanismos de atenuação usados nos diálogos orais do exercício da fase 3, seguidos de um esquema que apresenta o número de ocorrências de mecanismos de atenuação nesse exercício:

— Exemplo 1: “então pode ser isso o que acontece (...)” -> A utilização do verbo modal “poder” mitiga a asserção, reduzindo a sua força ilocutória.

— Exemplo 2: “eu acho que pode ser um problema (...)” -> Expressão da opinião do locutor, salvaguardando a sua face e a do outro, através da subjetividade do dito dada pelo emprego do verbo “achar”,

— Exemplo 3: “o país devia proteger mais os desportos em geral (...)” -> A utilização do verbo modal “dever” no imperfeito do indicativo atenua a força ilocutória do dito.

— Exemplo 4: “é sabido que muita gente diz que esta disciplina não é muito importante (...)” -> Recorrência à ‘voz do povo’ como forma de legitimação do dito, mas ao mesmo tempo como forma de não se responsabilizar pelo dito.

Os gráficos 1 e 2 demonstram, de forma quantitativa, a utilização de mecanismos de atenuação e intensificação em dois dos exercícios propostos.

Gráfico 1- Número de ocorrências de mecanismos de atenuação nos diálogos orais do exercício da fase 3



Os exemplos que se seguem foram retirados do diálogo escrito do exercício da fase 4, no qual os alunos tinham que utilizar obrigatoriamente mecanismos de intensificação segundo o tema dado⁹, seguido de um esquema que atesta a variedade de mecanismos de intensificação utilizados pelos aprendentes:

- Exemplo 1: “Sim, **adoraria mesmo** jantar uma francesinha!”
- Exemplo 2: “ Está **muito melhor** assim. Então, vou pedir uma pizza com muitos verdes.”
- Exemplo 3: “Como quiseres...eu prefiro uma com muita **gordurinha** de salame. **Umm!**

Só de pensar nisso babo-me toda!”

9. Os mecanismos de intensificação encontram-se sublinhados e a negrito.

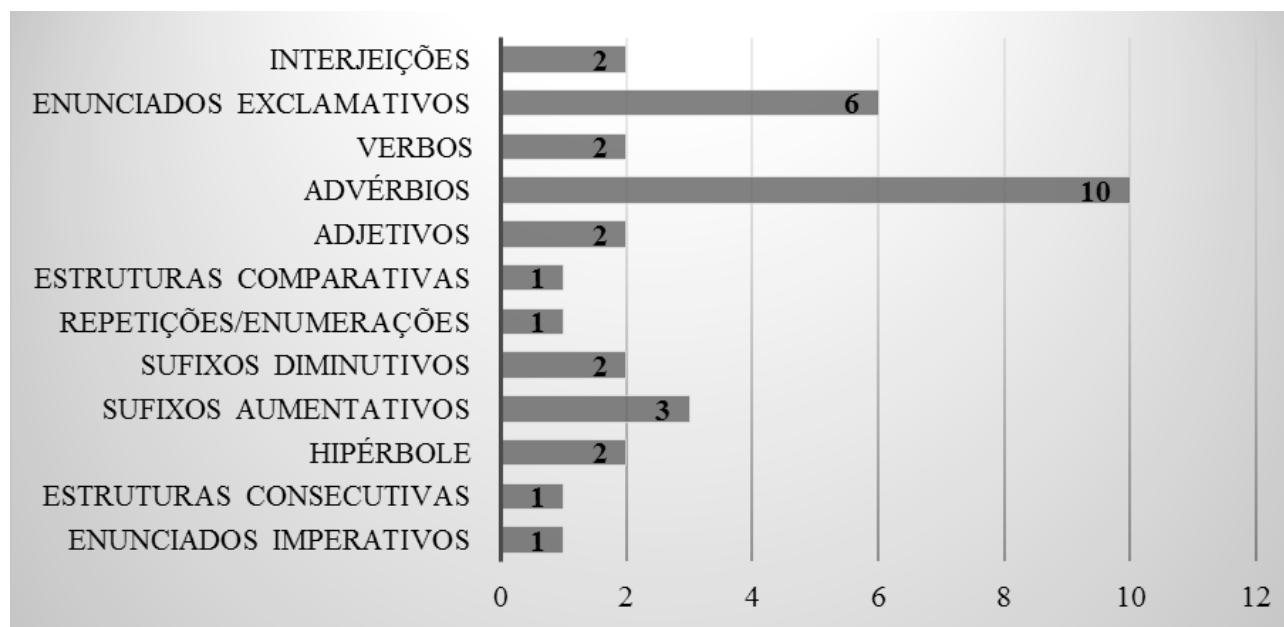


Gráfico 2 - Categorias dos mecanismos de intensificação presentes nos diálogos escritos do exercício da fase 4

Através da análise dos exemplos e dos gráficos anteriores é possível concluir que, na sequência do plano de intervenção pedagógico-didático efetivado, houve uma aplicação eficaz e correta de mecanismos de atenuação e intensificação nos exercícios propostos; registou-se uma maior ocorrência de mecanismos de intensificação do que de atenuação; e houve utilização de diferentes tipos de recursos de atenuação e intensificação. De facto, globalmente, os aprendentes reagiram bem aos materiais e as suas produções foram satisfatórias, ou seja, o estudo dos mecanismos de atenuação e de intensificação permitiu aos alunos terem um maior controlo e uma melhor gestão das suas interações orais, e até mesmo escritas.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em consideração os objetivos delineados para este projeto de investigação-ação, concluímos que os objetivos propostos no plano conceptual desenvolvido foram em grande parte alcançados. Assim, compreende-se a importância do ensino deste tipo de mecanismos nas aulas de PLE, apoiado num enfoque comunicativo e numa investigação centrada na pragmática e nas formas de modalização do discurso, conducente ao incremento da competência comunicativa do aprendente.

No entanto, nesta parte final, importa ainda referir as vantagens e desvantagens do estudo. Começando pelas vantagens, é possível concluir que este trabalho contribuiu para o desenvolvimento da abordagem da modalização no ensino-aprendizagem do PLE; que a opção por uma abordagem comunicativa, orientada para a ação, apoiada por material autêntico e diferentes tipos de atividades se afigurou apropriada; que, em termos globais, se verificou o desenvolvimento da competência conversacional e comunicativa dos aprendentes e ainda, como já foi referido, em relação aos mecanismos de atenuação e intensificação, foi notório o desenvolvimento dos aprendentes. Já as desvantagens do estudo prendem-se sobretudo com as suas limitações, uma vez que algumas limitações internas e externas não permitiram extrair

generalizações quanto aos resultados obtidos, por um lado devido à inexistência de uma turma de controlo, por outro lado, devido ao reduzido número de aprendentes (6). Estas limitações resultaram num ajustamento da metodologia de caso em estudo utilizada neste trabalho, sem lhe retirarem a legitimidade que os resultados apresentam e a pertinência da proposta apresentada no âmbito do ensino-aprendizagem do PLE.

REFERÊNCIAS

- Albelda Marco, M. (2005). *La intensificación en el español coloquial: Tesis doctoral*. Valencia: Universitat de Valencia.
- Albelda Marco, M. & Fernández Colomer, M. J. (2006). La enseñanza de los registros lingüísticos en ELE. Una aplicación a la conversación coloquial. Marcoe: *Revista Didáctica*, 3. Disponible em: <http://www.marcoele.com/num/3/0218f5989b0f06708/coloquial.pdf>, accedido em 12/02/2013.
- _____ (2008). *La enseñanza de la conversación coloquial*. Madrid: Arco/Libros.
- Álvarez Menéndez, A. I. (1995). *Las construcciones consecutivas*. Madrid: Arco/Libros.
- Ambjoern, L. (2008). Enseñanza y aprendizaje de la competencia conversacional en español: planteamientos del problema y propuestas de solución. *Revista redELE*, 13, 1-15. Disponible em: <http://www.educacion.gob.es/redele/revistaRedEle/2008/segunda.html>, accedido em 12/02/2013.
- Benítez, P. Buesco, I. Gelabert, M. J. (2002). Producción de materiales para la enseñanza de español. In: *Cuadernos de Didáctica del español/LE*. Madrid: Arco Libros.
- Briz, A. (1998). *El español coloquial en la conversación: Esbozo de pragmatogramática*. Barcelona: Ariel.
- _____ (2004). Cortesía verbal codificada y cortesía verbal interpretada. In Bravo, D.; A. Briz (eds.) *Pragmática sociocultural: estudios sobre el discurso de cortesía en español*. Barcelona: Ariel.
- _____ (2005). Atenuación y cortesía verbal en la conversación coloquial: su tratamiento en la clase de ELE: *Actas del Programa de Formación para el profesorado de Español como Lengua Extranjera*. Munique. Disponible em: http://cvc.cervantes.es/ensenanza/biblioteca_ele/publicaciones_centros/PDF/munich_2005-2006/02_briz.pdf, accedido em 23/02/2013.
- Brown, P. Levinson, S. (1987). *Politeness: Some universals in language use*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Caffi, C. (1999). *Journal of Pragmatics*. 3: On mitigation.
- Cestero Mancera, A. M. (2012). La enseñanza de la conversación en ELE: Estado de la cuestión y perspectivas de futuro. *Revista Internacional de Lengua Extranjeras*. 1. Disponible em: <http://www.revistes.publicacionsurv.cat/index.php/rile/article/view/7/8>, accedido em 10/08/2014.
- Charaudeau, P. (1992). *Grammaire du sens et de l'expression*. Paris: Hachette.

Colletta, J. M. (1998). *A propos de la modalisation en français oral*. In G. Ruffino (coord.) *Atti del XXI Congresso Internazionale di Linguistica et Filologia Romanza*, Università di Palermo. Tübingen: Niemeyer Verlag. Disponível em: http://w3.u-grenoble3.fr/lidilem/labo/file/Palerm-me_95.pdf, acessado em 24/06/2013.

Conselho da Europa. (2001). *Quadro Europeu comum de referência para as línguas: Aprendizagem, ensino, avaliação*. Lisboa: Edições ASA.

Escandell Vidal, M. (1996). *Introducción a la pragmática*. Barcelona: Ariel.

Fraser, B. (1980). *Journal of Pragmatics*. 4: Conversational mitigation.

Goffman, E. (1967). *Interaction ritual - essays on face-to-face behavior*. Nova Iorque: Garden City.

Grice, H. P. (1975). Logic and Conversation. In Cole & Morgan (orgs). *Syntax and Semantics*, 3: Speech Acts. New York: Academic Press.

Haverkate, H. (1994). *La cortesía verbal: Estudio pragmatolinguístico*. Madrid: Editorial Gredos.

Kerbrat-Orecchioni, C. (1996). *La conversation*. Paris: Seuil.

Lauerbach, G.E. (1989). 'We don't want war, but...?Speech act schemata and inter-schema-inference transfer. *Journal of Pragmatics*. XIII.

Leech, G.N. (1983). *Principles of Pragmatics*. California: Longman.

Mancera Rueda, A. (2009). Una aproximación al estudio de los procedimientos de intensificación presentes en el discurso periodístico. *Tonos: Revista electrónica de estudios filológicos*, 17. Disponível em: <http://www.um.es/tonosdigital/znum17/secciones/estudios-10-Intensificadores.htm>, acessado em 12/02/2013.

Matte Bon, F. (1992). *Gramática comunicativa del español*. Madrid: Edelsa.

_____(2007). En busca de una gramática para comunicar. *Marcoele: Revista Didáctica*, 6. Disponível em: http://www.marcoele.com/num/5/02e3c0996c1120f05/En_busca_de_una_gramatica_para_comunicar.pdf, acessado em 12/02/2013.

Porroche, M. (2009). *Aspectos de gramática del español coloquial para profesores de español como L2*. Madrid: Arco/Libros.

Renzábal, M. V. (1993). *La comunicación oral y su didáctica*. Madrid: La Muralla.

Richards, J. C. (1990). *The language teaching matrix*. Cambridge: Cambridge University Press.

Modality, distance, and the television news genre

**KOPYTOWSKA,
MONIKA**
mkopytowska@uni.lodz.pl

Assistant Professor in the Department of Pragmatics, University of Lodz, Poland
Co-editor in chief of Lodz Papers in Pragmatics (de Gruyter)

KEYWORDS:
distance;
discourse;
television news;
modality;
proximization.

ABSTRACT: The present article focuses on the triad of modality, distance and the television news genre. It assumes the centrality of the notion of “distance” to functioning and impact of the news media in general. Distance, in its different dimensions, which will be discussed in the paper, is something that needs to be overcome and/or skillfully manipulated by journalists. In order to make the reality they (re)construct and (re)present more relevant and emotionally-engaging for the audience, news makers will “proximize” selected aspects of this reality, bringing them cognitively and affectively “closer” to those who watch or read the news. It is claimed here that this work on distance, shaping the form and function of news discourse understood as both a product and a process, may be used to account for mass and social impact of the news media, including the “CNN effect”, or recently the “Al-Jazeera effect”, and is the underlying mechanism of the “mediatization” process. As will be demonstrated, modality plays an important role here, with “modality cues” acting as proximization triggers both verbally and visually. On the theoretical level, the article proposes a new integrated approach towards news discourse, combining critical discourse analytic and Discourse Space Theory perspectives with the insights from semiotics and mass communication studies. The data used to illustrate distance-related operation comes from the NBC coverage of the famine in Somalia.

1. TELEVISION, NEWS GENRE AND DISTANCE

The news media, a major source of definitions and “pictures in our heads” have long influenced the audiences’ reception of the external world that is “out of reach, out of sight, out of mind” (Lippmann 1922: 29). Many a time, such mental images of the events happening beyond the viewers’ and readers’ immediate experience have considerably determined public judgement and emotional attitude concerning these events, inciting both outcry and collective compassion.

Already in the previous century, Mirzoeff (1999: 1) observed that “life is mediated through television”, while Fiske and Hartley (1978: 86) argued that television, in particular television news, can be placed at the center of culture, rather than at its periphery. More recently, the concept of “mediatization” has surfaced in communication, media and cultural studies to capture the dynamics of the functioning and effects of contemporary media (Agha 2011; Bennet and Entman 2001; Ekström 2001; Hjarvard 2008; Schulz 2004; Hepp 2013). Researchers see it as a dynamic process, enabled by technological development, through which media transform both social and cultural processes (Hjarvard 2004; Krotz 2007, 2009). For Schulz (2004: 94), mediatization is a product “of the television era”, which is not surprising if we consider the public appeal and impact of this medium. People turn to television not only for entertainment but also for information about the local and global affairs (Bilandzic 2006; Gunter 2005; Schaap 2009). Its credibility as a source of information derives predominantly from immediacy it offers and the prevailing assumption that “pictures do not lie” (Kress and van Leeuwen 1996/2006).

The genre of television news encapsulates two key components: the language of the news story and the images that accompany the narrative. Most research so far, in particular within linguistics, has concentrated on the first element, based on the assumption that it is the text of the news that encodes the values which both reflect and affect the world outside. This article focuses on the interaction between the text and the image in the generation of meaning. The term “discourse” will be understood here in its broad sense, as referring to the totality

of the ways of representing reality in broadcast news, and viewed within a representational and critical, rather than interactional framework (O’Keeffe 2006: 1).

According to Cotter (2001: 416), the news discourse encompasses the news story in its spoken or written form, and the process involved in the production of this story, including the norms and routines of the community of news practitioners. This claim seems compatible with the observation that media discourse is shaped both by linguistic rules, and by what becomes a norm of practice in a particular social context, or that it is a way of talking about and acting upon the world which both constructs and is constructed by a set of social practices (Candlin and Maley 1997: 202). The news genre is thus understood not as a static artifact, but as an ideology-bearing representation dynamically developing over time, as part of culture and context. Consequently, it is regarded as both “process” and “product”. Such a view is not new; it was already postulated, among others, by Jacobs (1999) and Richardson (2007, 2009).

It has been generally accepted that any analysis of media discourse should start with the idea that news is not out there, waiting to be talked about by journalists, but it is the journalists who have to make the news by writing about it. Hence, Thompson (1995) treats the break between sender and receiver as one of the central defining features of today’s news, and argues that the evolution of the technical and institutional apparatuses of the media has crucially extended the availability of news events beyond contexts of co-presence to a wide range of absent recipients. Indeed, the fact that many events are only available thanks to the media lies at the basis of the journalists’ newsmaking ability, their symbolic power to actively create events. In the words of Thompson (1995: 216), “our experience of events which take place in contexts that are spatially and temporally remote, from strikes and demonstrations to massacres and wars, is an experience largely mediated by the institutions of mass communication; indeed, our experience of these events as ‘political’, as constitutive of the domain of experience which is regarded as politics, is partly the outcome of a series of institutionalized practices which endow them with the status of news.” Hence, one of the definitions of news formulated within the Uses and

Gratifications theory postulates that news is a combination of what audiences need to know and want to know, while Bennet (1983: 85) emphasizes the fact that news is “information that is timely, relevant to the concerns of its audience, and presented in a form that is easy to grasp”.

The dominance of television as a news medium comes partly from the perceived impartiality of news broadcasting, and partly from its immediacy, since television news can present events just as they are happening (Kopytowska, forthcoming.). And modality, in both its verbal and visual dimension, plays a major role here. News both shapes and reflects the dominant notion of what is significant, because what is significant is in the news, and contributes to the ongoing process of a dominant ideology (Bignell 2002: 112). The news anchor mediates reality for the audience, by symbolically connecting the newscast, correspondents, sources, and viewers. Rather than simply reading the news, he or she brings closer, or “proximizes” selected parts and aspects of the reality which the audience cannot experience directly. On the one hand, in the presentation of news, the anchorperson connotes authority, balance and objectivity through a formal dress-code and a neutral vocal delivery. Also, the attribution of information to multiple sources or weak hedges like “allegedly” are intended to reinforce the news media’s position as a cautious, reliable, and unbiased authority and reporter of what is happening in the world. On the other hand, with less emphasis on reading a script and more emphasis on personal presentation via eye contact through a teleprompter as if the viewer was the third party in conversation, he or she creates “a studied informality” (Bignell 2002), “simulacrum of conversational give and take”, whereby an illusion of a face to face relationship is created between the viewer and the person appearing on the screen (Meyrowitz 1985: 119), or “broadcast sociability” (Scannell 1996).

As argued by Hartley (1982: 118-119), news stories make use of four main narrative functions: framing, focusing, realizing and closing. Framing means establishing the topic by a “mediator”, news presenter, in the discursive code which will be dominant in the story. The topic is “focused” by reporters and correspondents with “institutional” voices (ibid. 110-111)

explaining the significance of the news event in detail. “Realizing” is the process of lending authority to the story and confirming it as real by using actuality footage, interviews and “accessed voices” shots from the exterior of a building where the event is taking place, footage from a demonstration, and interviews with eye-witnesses (ibid. 111). “Closing” refers to the movement throughout the story towards a preferred meaning, which means insisting on the point of view connoted by the frame or focus and thus discounting any alternative points of view.

Unlike in the case of photography, television gives a possibility of instant transmission, providing the medium with one of its defining characteristics, namely “liveness”. Due to this temporal alignment, “the basic attraction is not so much the subject matter it [television] presents but the realization that whatever is happening is happening at the time” (Caughie 1991: 32). Another consequence of “liveness” is “putting home and studio or home and world into temporary co-presence” (Corner 1999: 40), thereby enabling the viewer to be in two places simultaneously, giving him access to various fictional or factual spaces. Television “realism”, consists in providing visible evidence instantaneously, and in the capacity to show movement and action, and to indicate physical causality and chronology. News image sequences can be used in an evidential way, in a supportive and illustrative way, as well as highly indirect and indicative way. Archive footage may include material from feature fiction interwoven with actuality sequences. Importantly, the images are framed and composed (focus, spatial positioning, figure/background relations, indicators of size and distance, etc.), with the potential (referred to as “figuration”) to generate associative resonance beyond literal depiction (Corner 1999: 45). There are conventional coded ways of representing press conferences, children in developing countries. The news presenter is showed in medium close-up, full face and naturally lit. Accessed voices in television news may be either empowered or disempowered by connotations produced by the signs of situation present in the shots.

The dominance of iconic visual signs has a significant effect on the news value of television news stories, as the news stories lacking pictures will be less likely to be included. In the words of Caldwell (1995: 152) the success of television is not built on the “reality effect” but the “picture effect”. Still, it is extremely rare to show pictures without accompanying voice-over by an institutional voice. The connotations which support the framing and closing narratives of a news story are provided by iconic signs and linguistic signs supporting each other.

The intertextual context of television news also has to be taken into account. Television proclaims its ability to bring what is different, strange and interesting into the viewer’s familiar and domestic world. It has a mythic identity as something that bridges the gap between private and public. Hall et al. (1978: 61) claim that this process of reinflecting a news topic into a variant of public service similarly serves “to translate into the public idiom the statements and viewpoints of primary definers. The translation of official viewpoint into a public idiom not only makes the former more ‘available’ to the uninitiated; it invests them with popular force and resonance, naturalising them within the horizon of understandings of the various publics.” In this way the definitions, interpretations and inferences of the powerful are embedded, to varying degrees, into the everyday language of the public.

The parameters characterizing news discourse are textual, technical and ideological, and include: newsworthiness, the structural organization of the story, target audience, technical constraints, and attribution practice. Since news reporting and presentation are socially, economically and politically situated news is invariably reported from some particular angle (Fowler 1991: 10). Hence, apart from being a primary source of information, the media play an important role in the transmission of attitudes, perceptions and beliefs, as in the words of Tuchman (1978: 2) “[b]y seeking to disseminate information that people want to know, need to know and should know, news organisations both circulate and shape knowledge.” In Blumler’s (1977: 24) words they provide “the informational building blocks to structure views of the world... from which may stem a range of actions.” Although these informational building blocks

combine with a multiplicity of political and social functions to direct an individual's action, they do determine the limits of his or her knowledge as well as perceptions of events and their causes.

The analyses of news values suggest that that the information chosen is not a random selection of events. There is a clear pattern indicating a hierarchy of seemingly important events and individuals (Galtung and Ruge 1965; Bell 1991; Fuller 1996; Brighton and Foy 2007). Elite groups, nations, and individuals as well as large-scale dramatic events dominate the news, and the prominence accorded to them is not simply an outcome of judgements of what is or is not intrinsically important. Thus, "the news values and news judgements which determine the content of the media not only direct our thinking to specific areas which the media define as important, but, conversely, direct our thinking away from other unimportant areas. In this way they contribute to our mental maps of the world" (Negrine 1994: 4).

Since the media do not simply and transparently report events which are naturally newsworthy in themselves, news is not a self defining phenomenon but rather the end-product of a complex set of journalistic processes "which begin with a systematic sorting and selecting of events and topics according to a socially constructed set of categories" (Hall 1973 cit. in Fowler 1991: 12). The news media select events for reporting according to a set of criteria of newsworthiness, which are referred to as news values (Galtung and Ruge 1965; Bell 1991; Fuller 1996; Brighton and Foy 2007; Harcup and O'Neill 2001). It is with reference to these values than one fact is judged more newsworthy than another. Accordingly, Philo (1983: 135) puts forward a claim that "news is not found or even gathered so much as made."

Hartmann and Husband (1976: 276) distinguish two kinds of characteristics that make events newsworthy. Firstly conflict, threat and deviance make the news, not only because information about these factors has a real importance to society, but also due to the fact that for various reasons people enjoy hearing about them. Secondly, what makes events more newsworthy is their ability to be interpreted within a familiar framework or in terms of existing

images, stereotypes and expectations (see also Shoemaker et al. 1991). The framework and the expectations may originate in the general culture, or they may originate in the news itself and pass from there into the culture. There appears to be a continuous interplay between events, cultural meanings and news frameworks. The way events are reported helps structure expectations. Subsequent events that conform to the expectation stand a better chance of making the news than those that do not. Such processes of selection and inclusion, and by implication, of exclusion, are in fact one of the most effective way of implementing bias, the public would be never aware of. News reports offer only a selection of those events, which has major implications for the news and its claims to truth. As argued by Lippmann (1922: 216), news and truth are not the same: “the function of news is to signalize an event, the function of truth is to bring to light the hidden facts, to set them in relation with each other and make a picture of reality on which man can act.”

An important factor in the construction of the news is the role played by a journalist, ranging from a fairly neutral observer to an active participant. While the former is linked to the view of the media as a mirror reflecting the reality, and their function of informer and interpreter, the latter is connected with the notion of the “fourth estate”, and the function of a representative of the public, a critic of the government and a policy-maker). Another division of roles, formulated in the 1970s, includes: the “interpreter” responsible for analyzing and interpreting complex questions, investigating claims made by the government, and discussing the national policy, the “disseminator” in charge of “getting information to the public quickly” and appealing to “the largest possible audience”, and the “adversarial” role consisting in scrutinizing government’s statements and determining their truth.

2. REALITY, PROXIMIZATION AND MODALITY

In his seminal work on the construction of social reality John Searle (1995: 1) makes the following claim: "...there are portions of the real world, objective facts in the world, that are only facts by human agreement. In a sense there are things that exist because we believe them to exist." Hence, social reality, as he argues is co-constructed by language, or as he puts it, "X counts as Y in (context) C" (Searle 1995, 2010). In other words, individuals, groups, events, issues, phenomena and relations have the form and status they have as a result of language constitutive potential coupled with public collective agreement. Such a claim is compatible with Critical Discourse Analysis perspective on discourse as "a form of social practice" (Fairclough and Wodak 1997) and the assumption is that it is socially constituted and socially constitutive (ibid.). In the words of Fairclough and Wodak (1997: 258): "Describing discourse as social practice implies a dialectical relationship between a particular discursive event and the situation(s), institution(s) and social structure(s) which frame it: the discursive event is shaped by them but it also shapes them." Hence interest in the notions of power and ideology visible already in the early publications *Language and Control* (1979) and *Language as Ideology* (1979) within critical linguistics. One of the most important assumptions of CDA is that all discourses are historical and, being a form of "social practice", can only be understood with reference to their context, namely such extralinguistic factors as culture, society, and ideology (Fairclough and Wodak 1997). Equally important seems to be the claim that the power of language resides not in language itself, but in its being used by powerful people, in particular in new public spaces and new genres provided by the globalized media (Fairclough 2000, see also Kalyango and Kopytowska 2014). The assumption on which the present article is based is that, to a considerable extent, "journalists/media create context C by *proximizing* selected aspects of reality", and in this way shape, perpetuate or challenge existing ideologies and power relations. The "proximization" proces consists in reducing the "distance" between the audience and the reality presented in the form of news events. Regarded by its original proponents as the main

tool of legitimization, it is linked to the symbolic construal of relations between entities within the Discourse Space (DS) and convergence of the “deictic centres” of the speaker/author and the audience through the process of symbolic discursive shifts (Chilton 2004, 2005, 2010; Cap 2006, 2008, 2010, 2013). A claim is made here that the mechanism, rather than performing only a legitimizing function in public/political discourse, is inherent in the very nature of mass-mediated communication and enabled by the semiotic properties of various media. Television is characterized with a considerable potential to reduce “distance” between the audience and selected aspects of reality transformed into news events. The dimensions of distance that the journalists have to overcome to bring the reality presented “closer” to the viewers, include spatial, temporal, axiological, epistemic and emotional distance. The temporal and spatial dimensions are related to the fact that the events presented happened or happen out there in the world, beyond the audience’s immediate experience. The epistemic distance results from the fact that the audience is not necessarily familiar with the events and phenomena presented in the news, while the axiological distance means that such events have to do with different cultural values, beliefs and practices. Finally, emotional distance has to do with various degrees of emotional involvement on the part of the audience. If one looks at the news discourse as a “process”, that is journalistic strategies of news selection and production, most of the “news values” are correlated with the five types of distance (Fig. 1). Events “out there in the world” are chosen to be included in the news bulletin because they are temporally, spatially, axiologically, epistemically or emotionally “close” to the audience. At the same time, however, journalists’ work consists in enhancing newsworthiness of these events, which means making them even “closer” (Kopytowska, forthcoming). Importantly, throughout the whole process, they have to make assumptions as to what will be relevant to the audience, and these are both culturally embedded and ideologically based.

In news discourse as product proximization takes place at the verbal and visual level. In both cases, as argued in this article, modality is one of the main “proximization cues”. Its proximizing potential lies in the fact that in addition to encoding speakers’ claims about the necessity,

probability or possibility of beliefs and actions, it is a means of establishing a three dimensional relationship between the news being reported, the journalists and potential readers (Fairclough 1989).

Traditional accounts of modality distinguish between “epistemic modality” which has to do with knowledge, and “deontic modality” which has to do with right and wrong according to some system of rules (Portner 2009: 2). Portner (2009) further distinguishes sentential modality, sub-sentential modality and discourse modality, which makes modality a multi-dimensional phenomenon. Importantly, as argued by Nuyts (2000), it is a cognitive rather than only linguistic category. In other words, it both reflects and shapes individuals’ conceptualisations of truth and relations between both objects and persons, and this observation is of particular significance to proximization mechanism.

Modality is also linked to power differences in communication (Fowler et al. 1979; Kress and Hodge 1979) and thus central to ideology critique (Fowler 1991). It not only influences relations and interdependencies, but also, in its affinity dimension, expresses the status of knowledge or the facticity of its mimetic system (news, with its unquestioning claims about the world – high affinity). Hence, as argued by Kress and van Leeuwen (2006: 24), “modality refers to the status, authority, and reliability of a message, its ontological status, or its value as truth or fact”. Fairclough (1989: 26) distinguishes here between relational modality, which concerns participant’s relation to others) and expressive modality, which refers to writer’s authority with respect to the truth or probability of a representation of reality. What also deserves attention is the fact that modality is both genre-dependent and genre-constitutive. In the words of Kress and van Leeuwen (2006: 142): “different genres, whether classified by medium (e.g. comic, film, cartoon, TV, painting) or by content (e.g. western, science fiction, romance, news) establish sets of modality markers, and an overall value which acts as a baseline for the genre”.

The theory of social semiotics also adopts a broader view of modality, as conveyed not only by the “fairly clear-cut linguistic systems” (Kress and Hodge 1979; Kress and van Leeuwen

2006: 155). Kress and Van Leeuwen (*ibid.*) further claim that “It does not express absolute truths or falsehoods; it produces shared truths aligning readers or listeners with some statements and distancing them from others. It serves to create an imaginary ‘we’. It says, as it were, these are the things ‘we’ consider true, and these are the things ‘we’ distance ourselves from”. And the visuals, referred to as “the grammar of visual design” play a significant role here too, as they can “represent people, places and things as though they are real, as though they actually exist in this way, or as though they do not – as though they are imaginings, fantasies, caricatures, etc” (Kress and van Leeuwen 2006: 156).

For this reason, modality becomes an important tool in the process of proximization, within all dimensions of distance. Spatiotemporally, events can be presented as happening here, right now in front of viewers’ eyes and as relevant because of their physical closeness. Epistemically, they can be constructed as familiar and predictable. Axiologically, they can be imbued with values with which the audience identifies or from which it distances itself. And emotional distance will be the result of all the above processes.

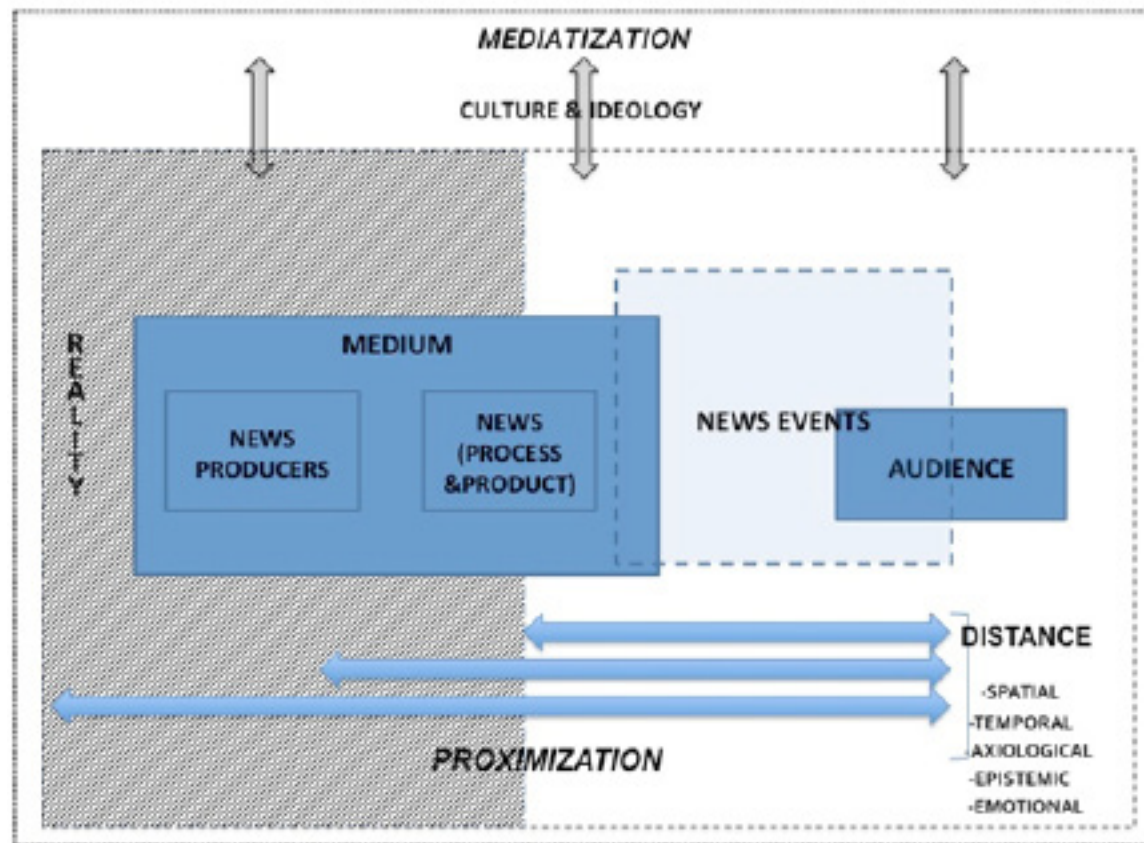


Fig. 1 - News discourse and proximization

3. REPRESENTING AFRICA IN THE NEWS

In the words of Hawk (1992: 4): “Africa is special because there is little common understanding between Africans and Americans to provide context for interpretation.”

Indeed, since it is the continent Western audiences are relatively unfamiliar with, the reporting on it, along with both relational and expressive modality, gains particular importance. It

is often pointed out in the literature discussing the representation of Africa that, instead of providing their viewers and readers with full, explanatory coverage, news organizations offer their stereotypical, superficial and decontextualised (mis)representations and racial imagining of the continent (Alozie 2005; Hagos 2000; Livingston and Eachus 2000; Kalyango 2011; Kalyango and Onyebadi 2012). Scholars analyzing the portrayal of Africa in the Western media have concluded that what the audience members are regularly presented with is Africa plagued with political and socio-economic upheavals, prone to violent conflicts and suffering from natural disasters, as well as disasters caused by humans (Fair 1992, 1993, 1996; Hawk 1992; Kopytowska 2008, 2009, 2014). The “African” events considered newsworthy usually fall within three categories: (a) stereotypical stories associated with pre-conceived images of the region, e.g. famine, (b) actual or threatened inter-state violence, and (c) stories concerning Westerners (e.g. kidnapping of white people) (Styan 1999: 289). As a result, events are frequently conceptualized in terms of irrational tribalism without an explanation of the real causes of the conflicts, the African people are as either irrational and primitive or brutal and inhumane (Hawk 1992; Maloba 1992), and a distorted picture of famine in Africa is construed with an excessive emphasis on the benevolence of the West (Benthall 1993; Fair 1992; Sorenson 1991; Kothari 2010).

The objective behind the present article is to demonstrate that the legacy from colonial times only one of the factors at play. What plays a more significant role is the distance between the Western audiences and African reality that needs to be overcome. In their attempt to reduce various dimensions of this distance with the use of available verbal and visual strategies, whether intentionally or not, news media perpetuate the existing power division between “us” and “them”, thereby enhancing the existing stereotypes based on the pre-attributed roles of heroes and victims.

4. ANALYSIS

The data used here comes from an NBC report (aired on July 21, 2011). Rather than being a quantitative study (for quantitative accounts see Kopytowska 2009, 2014, Kopytowska, forthcoming), this short analysis of one news report is meant to illustrate proximization strategies and the role of modality cues.

As far as the spatiotemporal distance is concerned, the audience is encouraged to believe that events presented on the screen are unfolding right now in front of their eyes making them witnesses of this distant suffering. Visually, distance and angle create a symbolic relation between the people on the screen and the viewer. The anchor person is shown frontally, from slightly below eye level, which enhances his authority (Fig. 2). This authority is also manifested verbally in statements confirming his knowledge of the events (and of how they will evolve), which will only now be revealed to the audience, and his right to attribute value judgements:

1) *Tonight we'll tell you about the next global crisis **you will be hearing about. It's bad and fair warning, it's hard to watch, and it's going to get worse.***

2) *Here's our report tonight from the Kenya - Somalia border, and again, a reminder, **these are some tough images.***



Fig. 2 - The (re)presentation of the news anchor person (NBC news)

His claims to knowledge are supported with both statistics and images “straight from the sight”, introduced by the phrase “here's our report tonight from the Kenya - Somalia border”. Progressive aspect is one of the key grammatical triggers here. In most cases the effect is intensified lexically, either by means of time adverbials like “just” and “now”, or lexical verbs themselves.

3) ***It's happening** in the Horn of Africa, triggered by years of drought and poverty and civil war in some cases and **setting off** a human tide of refugees.*

4) *All the while across parts of East Africa, **the conditions are worsening**, and the **famine is spreading**.*

The feeling of closeness is also constructed by proximal spatial deixis, including “here” and demonstrative “this”. There is thus “the effect of simultaneous (verbal and visual) reference” (Montgomery 2005: 246). The news correspondent in his video footage by using proximal demonstratives brings people, objects and phenomena within the scope of the audience's deictic centre:

5) *400,000 have come to **this** refugee camp in eastern Kenya.*

6) ***This** woman left home with her 12-year-old boy, mother and son together, but he collapsed from hunger and died on the way.*

Proximization along the time axis aims to bring past events (recency), present events (currency), and future events (imminence) to the Self in the DS, which is the audience's attention. Recency is constructed by means of perfective aspect, sometimes in combination with the progressive.

7) *Millions of people **have been forced** to flee their homes. 400,000 **have come** to this refugee camp in eastern Kenya, most from Somalia, and every day 1,500 more arrive, escaping war as well as famine.*

8) *To get here **Abby has walked** for almost a month with her five children.*

Temporal imminence (expressed both verbally and visually) often enables epistemic imminence and axiological urgency. The former is related to knowledge about the future, how the situation will develop, the latter has a deontic dimension and concerns actions that have to be taken:

9) *11 million people **are in urgent need of food assistance**, including millions of children.*

10) *In this village it hasn't rained heavily for two years, so children are starving, **desperately in need of help**.*

11) *They **really need it immediately**. It's a matter of urgency and some of them life or death.*

12) *It's hard to watch, and **it's going to get worse**.*

At the same time, visually the viewer is placed in an “empowered” position. As the camera presents African people from high angle the audience is vested with the feeling of control. The impression is created that the powerless are waiting for help from those who have the power to grant it. Their anticipation, which is full of hope, is also connoted by their frontal position and gaze directed straight at the camera (Fig. 3, 4).



Fig. 3 - Representation of a suffering African child (NBC news)



Fig. 4 - Representation of Africans in need (NBC news)

The audience is thus empowered to help, and the knowledge of this fact is also attributed to the news anchor, confirming his authority and omnipotence:

13) And we know a lot of our generous viewers will want to help the people in the Horn of Africa. There is a list of charities who are doing just that on our website.



Fig. 5 - Empowering/instructing the audience to help (NBC news)

Having being presented with the suffering of others in places featured in the reports, the viewers are encouraged to take action. Their mediated experience of contact with distant places, people and events may bring forward tangible behavioural results.

CONCLUSIONS

In contemporary mediatized world, the institutions of mass communication give their audiences an opportunity to experience distant reality in an indirect way. To make it possible, however, and – more than that – to make their audiences interested and emotionally involved, journalists need to overcome various dimensions of distance as the events reported happened or happen (or will happen) in places that are spatially remote. Epistemic distance exists as the audience may not have enough knowledge of the causes and possible implications of the events. And here again, the newsmakers make use of modality cues (in their both verbal and visual form) to assert their authority and knowledge which they possess about the past, present and the future. They have the power to make audiences emotionally involved by highlighting the axiological urgency and, at the same time, audience's potential to act after being a witness to an instance of "distant suffering".

Modality cues, and the proximization mechanisms they enable are embedded in the very genre of television news and enhanced by the semiotic properties of the medium. Journalists make judgements as to which aspects of reality presented will be brought closer to the audience based on their ideological motivations, previous knowledge and existing journalistic routines. They "mediate" reality for their viewers, inescapably creating pictures of this reality in their minds.

REFERENCES

- Agha, A. (2011). Meet mediatization. *Language & Communication*, 31, 163-170.
- Alozie, E. C. (2005). Sudan and South Africa – a Framing Analysis of *Mail and Guardian Online's* Coverage of Darfur. *Ecquid Novi*, 26,1, 63–84.
- Bell, A. (1991). *The Language of the News Media*. Oxford and Cambridge, MA: Blackwell.
- Bennet, W. L. (1983). *News: The Politics of Illusion*. New York: Longman.
- Bennett, L. and Entman, R. (2001). *Mediated Politics: Communication in the Future of Democracy*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Benthall, J. (1993). *Disasters, Relief, and the Media*. London: I. B. Tauris.
- Bignell, J. (2002). *Media Semiotics: An Introduction*. Manchester: Manchester University Press.
- Bilandzic, H. (2006). The Perception of Distance in the Cultivation Process: A Theoretical Consideration of the Relationship Between Television Content, Processing Experience and Perceived Distance. *Communication Theory*, 16, 3, 333–355.
- Blumler, J. (1977). *The Political Effects of Mass Communication*. Open University Mass Communication and Society Course.
- Brighton, P. and Foy, D. (2007). *News Values*. London: Sage.
- Caldwell, J.T. (1995). *Televisuality: Style, crisis and authority in American television*. New Brunswick, NJ: Rutgers University Press.
- Candlin, C. N. and Maley, Y. (1997). Intertextuality and interdiscursivity in the discourse of alternative dispute resolution. *The Construction of Professional Discourse*. London: Longman, ed. Gunnarsson, B. L., Linnel P. and Nordberg, B., 201-22.
- Cap, P. (2006). *Legitimation in Political Discourse: A Cross-Disciplinary Perspective on the Modern US War Rhetoric*. Newcastle: Cambridge Scholars Press.
- _____(2008). Towards the proximization model of the analysis of legitimization in political discourse. *Journal of Pragmatics*, 40, 17-41.
- _____(2010). Axiological aspects of proximization. *Journal of Pragmatics*, 42, 392-407.
- _____(2013). *Proximization: The pragmatics of symbolic distance crossing*. Amsterdam: Benjamins.

Caughie, J. (1991). Adorno's Reproach: Repetition, Difference and Television Genre. *Screen*, 32, 2, 127-53.

Chilton, P. (2004). *Analysing Political Discourse: Theory and Practice*. London: Routledge.

_____(2005). Discourse Space Theory: Geometry, brain and shifting viewpoints. *Annual Review of Cognitive Linguistics*, 3, 78-116.

_____(2010). From mind to grammar: Coordinate systems, prepositions, constructions. *Language, Cognition and Space: The State of the Art and New Directions*. London: Equinox, ed. V. Evans and P. Chilton, 499-514.

Corner, J. (1999). *Critical Ideas in Television Studies*. Oxford: Clarendon Press.

Cotter, C. (2001). Discourse and Media. *The Handbook of Discourse Analysis*. Oxford: Blackwell Publishers, ed. D. Schiffrin, D. Tannen and H. Hamilton, 416-436.

Cottle, S. (2006). *Mediatized Conflict*. Berkshire: Open University Press.

Ekström, M. (2001). Politicians interviewed on television news. *Discourse and Society*, 12, 563-584.

Fair, J. E. (1992). Are We the World? *Africa's Media Image*. New York: Praeger, ed. B. Hawk, 109-20.

_____(1993). War, Famine and Poverty: Race in the Construction of Africa's Media Image. *Journal of Communication Inquiry*, 17, 2, 5-23.

_____(1996). The Body Politic, the Bodies of Women, and the Politics of Famine in U.S. Television Coverage of Famine in the Horn of Africa. *Journalism and Mass Communication Monographs*, 158, 1-41.

Fairclough, N. (1989). *Language and Power*. London: Longman.

_____(2000). Discourse, social theory and social research: the discourse of welfare reform. *Journal of Sociolinguistics* 4, 163-195.

Fairclough, N. and Wodak, R. (1997). Critical discourse analysis. *Discourse Studies. A multidisciplinary Introduction. Discourse as Social Interaction*. London: Sage Publications, ed. T.A. van Dijk, 258-284.

Fiske, J. and Hartley, J. (1978). *Reading Television*. London: Methuen.

- Fowler, R, Hodge, B., Kress, G. and Trew, T. (1979). *Language and Control*. London: Routledge and Kegan Paul.
- Fowler, R. (1991). *Language in the News: Discourse and Ideology in the Press*. London: Routledge.
- Fuller, J. (1996). *News Values: Ideas for an Information Age*. Chicago: University of Chicago Press.
- Galtung, J. and Ruge, M. (1965). The structure of foreign news. *Journal of Peace Research*, 2/1, 64-91.
- Gunter, B. (2005). Trust in the news on television. *Aslib Proceedings: New Information Perspectives*, 57, 5, 384-397.
- Hagos, A. (2000). *Hardened Images: The Western Media and the Marginalization of Africa*. Trenton: African World Press.
- Hall, S., Critcher, C., Jefferson, T., Clarke, J. and Roberts, B. (1978). *Policing the Crisis: Mugging, the State and Law and Order*. London: Macmillan.
- Harcup, T. and O'Neill, D. (2001). What Is News? Galtung and Ruge revisited. *Journalism Studies*, 2, 2, 261-280.
- Hartley, J. (1982). *Understanding News*. London: Routledge.
- Hartmann, P. and Husband, C. (1976). The mass media and racial conflict. *The manufacture of news: social problems, deviance and the mass media*. London: Constable, ed. S. Cohen and J. Young, 270-283.
- Hawk, B. (1992). *Africa's Media Image*. New York: Praeger.
- Hepp, A. (2013). *Cultures of Mediatization*. Cambridge: Polity Press.
- Hjarvard, S. (2004). From Bricks to Bytes: The Mediatization of a Global Toy Industry. *European Culture and the Media*. Bristol: Intellect, ed. I. Bondebjerg and P. Golding, 43- 63
- _____(2008). The mediatization of society. A theory of the media as agents of social and cultural change. *Nordicom Review*, 29, 105-134.
- Höijer, B. 2004. The discourse of global compassion: the audience and media reporting of human suffering. *Media, Culture & Society*, 26(4): 513-531.

- Jacobs, G. (1999). *Preformulating the News: An Analysis of the Metapragmatics of Press Releases (Pragmatics & Beyond)*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Co.
- Kalyango, Y. (2011). Critical discourse analysis of CNN International coverage of Africa. *Journal of Broadcasting & Electronic Media*, 55, 2, 160–179.
- Kalyango, Y. and Kopytowska, M. (eds.) (2014). *Why Discourse matters: Negotiating Identity in the Mediatized World*. NY: Peter Lang.
- Kalyango, Y. and Onyebadi, U. (2012). Thirty Years of Broadcasting Africa on U.S. Network Television News. *Journal of Broadcasting & Electronic Media*, 56, 4, 669-687.
- Kopytowska, M. (2008). Framing Africa's problems – the analysis of a corpus of TV news reports. *Corpus Linguistics, Computer Tools and Applications – State of the Art*. Frankfurt am. Main: Peter Lang, ed. B. Lewandowska- Tomaszczyk, 533-577.
- _____ (2009). Corpus linguistics and an eclectic approach to the study of news – the mechanism of framing. *Studies in Cognitive Corpus Linguistics*. Frankfurt am Main: Peter Lang, ed. Barbara Lewandowska-Tomaszczyk and Katarzyna Dziwirek, 83-109.
- _____ (2014). Pictures in Our Heads: Crisis, Conflict, and Drama. *Why Discourse matters: Negotiating Identity in the Mediatized World*. NY: Peter Lang, ed. Y. Kalyango and M. Kopytowska, 89-109.
- _____ (forth.) Ideology of “here and now”: mediating distance in television news. *Critical Discourse Studies. Special issue on Time, Space and Evaluation in Ideological Discourse*.
- Kothari, A. (2010). The framing of the Darfur conflict in the New York Times: 2003-2006. *Journalism Studies*, 11, 2, 209-224.
- Kress, G. and Hodge, R. (1979). *Language as Ideology*. London: Routledge.
- Kress, G. and van Leeuwen, T. (1996). *Reading Images*. London: Routledge.
- _____ (2006). *Reading Images*. 2nd ed. London: Routledge.
- Krotz, F. (2007). The meta-process of mediatization as a conceptual frame. *Global Media and Communication*, 3, 256-260.
- _____ (2009). Mediatization: a concept with which to grasp media and societal change. *Mediatization: Concept, Changes, Consequences*. New York: Peter Lang, ed. K. Lundby, 21-40.
- Lippmann, W. (1922). *Public Opinion*. New York, NY: Harcourt, Brace and Co.

- Maloba, W. (1992). The Media and Mau Mau: Kenyan Nationalism and Colonial Propaganda. *Africa's Media Image*. Praeger, New York, NY, USA, ed. B. Hawk, 51–61.
- Meyrowitz, J. (1985). *No Sense of Place: The Impact of Electronic Media*. New York: Oxford.
- Mirzoeff, N. (1999). *An Introduction to Visual Culture*. London: Routledge.
- Montgomery, M. (2005). Television news and narrative: How relevant are narrative models for explaining the coherence of television news? *The Sociolinguistics of Narrative*. Amsterdam: John Benjamins, ed. J. Thornborrow and J. Coates, 239-260.
- Negrine, R. (1994). *Politics and the Mass Media in Britain*. London: Routledge.
- Nuyts, J. (2001). *Epistemic modality, Language and Conceptualization*. Amsterdam: John Benjamins.
- O'Keeffe, A. (2006). *Investigating Media Discourse*. New York: Routledge.
- Philo, G. (1983). *Bias in the media. Socialist Arguments*. Oxford: Martin Roberston, ed. Coates, D. and Johnston, G., 130 – 145.
- Portner, P. (2009). *Modality*. Oxford: Oxford University Press.
- Richardson, J. E. (2007). *Analysing newspapers: an approach from critical discourse analysis*. Basingstoke: Palgrave.
- Richardson, J. E. (ed.) (2009). *Language and Journalism*. New York: Routledge.
- Scannell, P. (1996). *Radio, Television & Modern Life*. Oxford: Blackwell.
- Schaap, G. (2009). *Interpreting Television News*. Berlin: Mouton de Gruyter.
- Schulz, W. (2004). Reconstructing mediatization as an analytical concept. *European Journal of Communication*, 19, 87-101.
- Searle, J. (2010). *Making the Social World: The Structure of Human Civilization*. Oxford: Oxford University Press.
- _____(1995). *The Construction of Social Reality*, London: The Penguin
- Shoemaker, P., Danielian, L. and Brendlinger, N. (1991). Deviant acts, risky business and US interests: The newsworthiness of world events. *Journalism & Mass Communication Quarterly*, 68, 4, 781–795.

Sorenson, J. (1991). Mass media discourse on famine in the Horn of Africa. *Discourse and Society*, 2, 4, 223-242.

Styan, D. (1999). Misrepresenting Ethiopia and the Horn of Africa? Constraint and dilemmas of current reporting. *Media of Conflict*. London and New York: Zed Books, ed. Allen, T. and Seaton, J., 287-304.

Thompson, J. (1995). *The Media and Modernity*. Cambridge: Polity Press.

Tuchman, G. (1978). *Making News: A Study in the Costruction of Reality*. London: Collier Macmillan.

Linguagem coloquial e modalização

MARQUES,
MARIA ALDINA
mamarques@ilch.uminho.pt

Doutorada em Ciências da Linguagem
Professora Auxiliar, Universidade do Minho
Investigadora do Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho, Portugal

PALAVRAS-CHAVE:
modalização;
marcadores discursivos;
oralidade;
enunciação.

RESUMO: Pretendemos analisar as ocorrências da unidade linguística *pronto* nos discursos orais do quotidiano. Ainda pouco estudado, *pronto* é um “marcador discursivo” frequente neste tipo de interações verbais orais.

O *corpus* na base desta análise é constituído por entrevistas, em gravação áudio, realizadas, no âmbito do projeto *Perfil sociolinguístico da fala bracarense*, com a referência FCT PTDC/CLE-LIN/112939/2009. É um *corpus* de interações verbais orais, com marcas de coloquialidade (Briz, 1998), de que *pronto* é exemplo.

Da análise realizada sobressai a polifuncionalidade deste marcador discursivo. No presente trabalho, pretende-se, no quadro teórico da análise linguística dos discursos e privilegiando uma perspectiva enunciativa, examinar alguns funcionamentos de *pronto* à luz do conceito de *modalização*.

A complexidade e heterogeneidade das abordagens teóricas da modalidade e/ou modalização impõem a clarificação, desde logo, da nossa proposta de análise. Assim, é privilegiada a abordagem da modalização na perspectiva desenvolvida por Vion (2005a, 2005b, 2006, 2010, entre outros), que define a modalização como “une double “énonciation” (Vion, 2010) e a distingue da noção próxima de modalidade.

KEYWORDS:
modalization;
discourse markers;
oral speeches;
enunciation.

ABSTRACT: The aim of this paper is to analyze the occurrences of the linguistic unit *pronto* in oral speeches. *Pronto* is a very frequent “discourse marker” in oral interactions of everyday life in the Portuguese Language.

The data under analysis consist of interviews, audio recordings, made within the project The Sociolinguistic Profile of Braga’s Speech Variety, with reference FCT PTDC / CLE-LIN / 112939/2009. It is a *corpus* of oral interactions with colloquial characteristics (Briz, 1998).

From this analysis, stands out the polyfunctionality of the discourse marker *pronto*. In this study, within an enunciative framework of discourse analysis, I aim to examine, in particular, the occurrences of *pronto* in relation with *modalization* according to Vion’s research (2005, 2006, 2010, etc.), which defines modalization as “une double “énonciation” (Vion, 2010) and distinguishes it from modality.

1. INTRODUÇÃO

A unidade linguística *pronto*, fora da sua função de adjetivo como em “O jantar está pronto.”, tem sido remetida para a categoria desvalorizada dos “bordões da fala”, mais um repositório de vícios dos usos da linguagem que uma categoria linguística-discursiva com funções na construção interacional.

Os bordões de fala ou de linguagem ganharam este estatuto marginal no quadro de análises tradicionais que valorizam a comunicação apenas como transmissão de informação. E, na verdade, neste enquadramento “informativo” da comunicação, estas unidades linguísticas não são mais do que obstáculos à transmissão da informação.

O que se pretende é exatamente questionar esta limitação. A consideração das ocorrências de *pronto* em (1) e (2) mostra que estas opacificam, uma questão a que voltaremos, o sentido dos enunciados (1') e (2'):

(1) A senhora era uma bolinha autêntica. •• *Pronto* •• imaginam que ela partiu a cama dos /nos/dos cuidados intensivos (09H1D)¹

(2) Acho que a pena de morte... •• Eu, *pronto*, embora não seja muito praticante, mas sou católico. Sim, matou. Pronto. Mas lá está. Mas mas eu para mim entendo que essas pessoas (18H2C)

(1') A senhora era uma bolinha autêntica. Imaginam que ela partiu a cama dos /nos/ dos cuidados intensivos

(2') Acho que a pena de morte... •• Eu, embora não seja muito praticante, mas sou católico. Sim, matou. Mas lá está. Mas mas eu para mim entendo que essas pessoas

Pronto, como marcador discursivo (MD), aponta um percurso discursivo de construção negociada do sentido.

Abordar a linguagem em discurso obriga a repensar a função destes “petits mots” na construção discursiva. Pouco estudado (para o PE, o texto de Augusto Silva (2001) constitui uma

1. A transcrição das interações orais foi simplificada pelo uso das convenções de pontuação da escrita. Salienta-se a marcação de pausas (•• e •••), a interrupção (...) e a reformulação (/). A cada excerto está apensa a indicação dos parâmetros relativos ao número da entrevista, género, idade e escolaridade, considerados para a estratificação da amostra. Os itálicos são da minha responsabilidade; são usados para salientar o excerto em análise.

exceção, tal como o de Christiano e Hora (1998) o é para o PB), *pronto* é um “marcador discursivo” polifuncional, frequente nas interações verbais orais do quotidiano².

A polifuncionalidade de *pronto* decorre do seu estatuto de marcador discursivo, com funções textuais, enunciativas e pragmáticas.

No presente trabalho, pretende-se, em particular, examinar alguns funcionamentos de *pronto* à luz do conceito de *modalização*, no quadro enunciativo da análise dos discursos.

2. QUADRO TEÓRICO E METODOLÓGICO

2.1. MODALIZAÇÃO E MODALIZADORES

A complexidade e heterogeneidade das abordagens teóricas da modalidade e/ou modalização impõe a clarificação, desde logo, do quadro teórico que define esta proposta de análise. Assim, é privilegiada a abordagem multidimensional da modalização, na perspetiva desenvolvida por Vion (2005a, 2005b, 2006, 2010, 2012, entre outros)³, que define a modalização como dupla enunciação e a distingue da noção próxima de modalidade. A modalização é, portanto, um processo dialógico: “... la modalisation se définit comme une double énonciation par laquelle le locuteur *commente de manière réflexive* un énoncé qu’il est en train de produire. » (Vion, 2010). Tendo em conta a heterogeneidade e complexidade dos discursos, a modalização tem de ser relacionada com outras vertentes como a construção de tarefas discursivas ou a gestão da relação social e interpessoal.

Os modalizadores são “... des unités d’énonciation en relation avec une unité phrastique...” » (Vion, 2010) e que se caracterizam por “... une prise *en charge renforcée d’un sujet en train de se repositionner aux niveaux des significations et de sa relation aux autres.*” (Vion, 2012:214). Operam a um nível metadiscursivo, marcando a construção conjunta da interação verbal em

2. A polifuncionalidade da categoria dos marcadores discursivos é sublinhada por todos os investigadores.

3. “...examiner la fonction [des modalisateurs] dans le cadre d’une analyse multidimensionnelle des comportements communicatifs, capable d’associer ces comportements énonciatifs à des comportements relevant de la mise en scène de la relation sociale, dans ses aspects interpersonnels et subjectifs, ainsi de la mise en scène des tâches discursives complexes effectuées par les interactants. (Vion, 2012:214).

curso. Em síntese, os modalizadores individualizam-se por complexificarem o posicionamento dos interlocutores, opacificando o semantismo do enunciado, que ancoram em exteriores discursivos (Vion, 2010).

2.2. OBJETIVOS, HIPÓTESES E CORPUS DE ANÁLISE

Operámos uma restrição decisiva neste quadro polifuncional dos marcadores discursivos para nos centramos na análise das ocorrências de *pronto* à luz da problemática da modalização. A partir dos dados do *corpus* de *fala bracarense*, iremos:

- a. elencar as ocorrências de *pronto*, as suas características distribucionais
- b. determinar as características de *pronto* com função de modalizador.

Estes objetivos estão alicerçados nas hipóteses de trabalho seguintes:

Hp1: *pronto* marca um modo particular de implicação enunciativa do locutor e do alocutário na gestão conjunta da interação;

Hp2: a polifuncionalidade de *pronto* integra um uso modalizador;

Hp3: no quadro da negociação do sentido entre locutor e alocutário, *pronto* orienta para um sentido partilhado por evidência doxal.

O *corpus* na base desta análise é constituído por entrevistas, em gravação áudio, realizadas, no âmbito do projeto *Perfil sociolinguístico da fala bracarense*, com a referência FCT PTDC/CLE-LIN/112939/2009. As entrevistas sociolinguísticas são interações verbais orais semiplaneadas, face a face, efetuadas por participantes que não partilham uma história discursiva, mas constroem uma relação discursiva que se pretende informal; os lugares interacionais ocupados são assimétricos⁴. A relação com os papéis comunicativos, de entrevistadora e informante, bem como os objetivos pré-negociados, de fazer falar o informante, por um lado, e de colaborar com a entrevistadora, por outro, durante uma hora, para recolher o maior número de dados de

4. Ver Labov (1972).

fala bracarense, justificam essa assimetria⁵. É, portanto, um *corpus* de interações verbais orais, com marcas de *coloquialidade* (Briz, 1998), de que pronto é exemplo. *Pronto* contribui para a construção de um registo oral informal; nomeadamente, coocorre com reformulações (3), interrupções (4), e expressões familiares ou mesmo calão (3), (5) e (6):

(3) ... praticamente ((hesitação)) criei o Rui, •• Não o criei até grande, mas, *pronto*.
•• Mas lá sapatadas no cu também levou poucas. (79M4A)

(4) (4) Saudades também. E eu sou franca, *é que sou mais...* •• *pronto*. Bem para já tenho família à minha volta (79M4A)(5) Mas eram mandados •• por um •• *gajo* mau, *pronto* (03H1B)

(6) ...andamos a penantes ••• ((risos)) ••• Mas, *pronto*, estamos *lixados*. (03H1B)

O *corpus* é constituído por 74 entrevistas sociolinguísticas com a duração aproximada de 1h cada uma, em gravação áudio, recolhidas em Braga (freguesias urbanas). É uma amostra estratificada, de acordo com as variáveis idade, sexo e escolaridade.

Quanto às ocorrências de *pronto*⁶, o *corpus* da fala bracarense apresenta um total de 2692 ocorrências. Das 74 entrevistas consideradas, ocorre em 73, sendo o número máximo de ocorrências por entrevista de 298 e o número mínimo de 1 ocorrência. Considerando os informantes *Homens*, em 32 entrevistas há 1176, isto é, uma média de 36,7; quanto às informantes *Mulheres*, em 42 entrevistas há 1516 ocorrências, isto é, uma média de 36,0.

2.3. ESTUDOS SOBRE PRONTO

Como já referido, existem dois trabalhos sobre *pronto*, o primeiro, com dados do PB, foi publicado por Christiano & Hora (1998), com o título *O item lexical pronto: marcador discursivo e interativo*. O segundo, sobre o PE, é Silva (2002): *Da semântica cognitiva à pragmática lexical: a polissemia de pronto*. O quadro teórico-metodológico é o da linguística cognitiva. No quadro da semântica cognitiva, os vários autores analisam a polissemia de *pronto* a partir da sua polifuncionalidade, segundo perspetivas de base diacrónica. De facto, ambas as

5. Estas características do género são determinantes na construção discursiva. Falamos por géneros, dizia Bakhtine, e Adam (2007:§4) explicita: os géneros são pragmaticamente necessários, porque permitem a produção discursiva e guiam a leitura.

6. Nem todas as ocorrências são MD. Veja-se o exemplo seguinte (ainda que raro): "...chega à beira dele e diz-lhe: - Anda comer que já está pronto" (81M4A).

7. Está em causa uma orientação da língua para o discurso: os usos discursivos são “derivados” de valores “na língua”. Coutinho (2008:195) sublinha esta questão e um posicionamento diferente, na linha de Bakhtine: “Em sentido completamente oposto, assumimos aqui que o discurso constitui a realidade primeira da língua.”

investigações abordam estes “usos discursivos” como progressão por extensões de um *significado básico, de categorias linguísticas para categorias discursivas*: recategorização, descategorização, gramaticalização, pragmaticização, ressemantização são conceitos manuseados pelos autores, a propósito de uma questão teórica complexa bem mais ampla que a questão dos marcadores discursivos⁷: “...nas mudanças semânticas que ocorrem com o item lexical *pronto*, (...) este item assume um novo valor semântico (...). A essa transferência de significado, denominamos ressemantização.”, referem Christiano e Hora, 1998: 198) enquanto Silva (2002:84) explicita que a “...polissemia funcional de pronto (...) [é] característica do discurso oral espontâneo e resultante da sua gramaticalização enquanto adjetivo.”

Christiano & Hora, sublinhando a função orientadora de *pronto*, pretendem evidenciar as dimensões textuais e interativas (e ilocutórias) dos seus usos. O quadro abaixo apresentado sintetiza a categorização realizada:


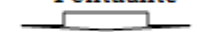

PRONTO	conclusivo
	conclusivo perifrástico
	pontuante
	concordância
	impositivo
	explicativo

Síntese da proposta de Christiano & Hora para os usos discursivos de *pronto* (1998)

Silva (2002: 91-92) procede também a uma síntese final da análise realizada:

... os usos conclusivos e retrospectivos, desde o denotacional (...) até aos discursivos conclusivo e de concordância, de fecho temático e cedência de vez. (...) os usos prospectivos (...), desde o denotacional até aos discursos impositivo e explicativo, de abertura temática e tomada de vez. (...) os usos discursivos pontuante e de transição temática e manutenção de vez – usos ambivalentes embora funcionalmente mais prospectivos que retrospectivos.

No quadro seguinte, reunimos as categorias e relações que o autor estabelece sobre os usos de *pronto*:

PRONTO	RETROSPETIVO	Conclusivo/Concordância  Fecho temático/cedência de vez
	PROSPETIVO	Pontuante  Transição/manutenção de vez
		Impositivo/explicativo  Abertura temática//tomada de vez

Síntese da proposta de A. Silva para os usos discursivos de *pronto* (2002)

Da polifuncionalidade dos usos de *pronto* que os autores acima apresentam, marcados por dimensões textuais/temáticas, interativas, acionais e enunciativas, iremos centrar-nos sobre esta última perspectiva, ainda que consideremos que estes valores podem coocorrer, adquirindo saliência em contexto. Esta particularidade é, aliás, essencial. Tomamos como pressuposto a hipótese de trabalho definida por Maury-Rouan (2001: 164): «L'hypothèse que nous présentons

ici est que *le caractère flou, inconstant, inclassable* de certains «petits mots» du discours pourrait constituer le mécanisme même de leur fonctionnement.». Por isso, a restrição aos valores modalizadores de *pronto* não invalida a consideração de outros valores contextualmente relevantes.

3. OCORRÊNCIAS E USOS DISCURSIVOS DE *PRONTO* NO FALAR BRACARENSE

Considerando a totalidade das ocorrências, há algumas características distribucionais que são salientes, nomeadamente os valores ilocutórios dos enunciados em que ocorrem e as características sintáticas do cotexto, de que sobressaem as pausas e as coocorrências com outros marcadores. Dada a restrição que operámos na nossa análise, estas questões apenas são identificadas, razão pela qual não desenvolveremos qualquer análise mais aprofundada.

3.1. DISTRIBUIÇÃO E DIMENSÕES CONTEXTUAIS ACIONAIS

É sobretudo em enunciados assertivos que *pronto* ocorre, mas alguns enunciados com valor ilocutório diretivo estão também representados:

a) Contextos assertivos

a.1) Início de turno

(7) - Quem, o pai ou o filho? •• – O filho. – Ah, *pronto*. (16H2C)

a.2) Final de turno

(8) ••• Um filho que é casado, que foi/ • era ele o meu companheiro, quase foi quase como um segundo filho para mim.

- •• Hum hum.

- *Pronto*.

- •• Pois. Às vezes os sobrinhos também acabam por ser quase como um filho, não é? (85M4C)

a.3) posição interna ao turno:

(9) Fizemos o almocinho aqui, •• nesta casinha, naquela salinha lá em cima. ••• E, *pronto*, olhe, ficámos casados. Ele ao outro dia do casamento foi trabalhar na forma do costume. ••• (81M4A)

b) Contextos diretivos:

(10) nunca fumaram à minha beira. Depois digo eu assim: - *Pronto*, pá, podes fumar à vontade (16H2C)

As características do género *entrevista sociolinguística* condicionam a ocorrência de *pronto*. Por isso, a ocorrência mais frequente é em posição interna ao turno, condicionada pela baixa interatividade do género, pelo “desequilíbrio” entre as intervenções da entrevistadora e as do informante. Quanto aos contextos diretivos, ocorrem em início de turno e são característicos de discursos relatados em discurso direto.

3.2. PROPRIEDADES DISTRIBUCIONAIS: PROSÓDIA E COCORRÊNCIA DE MD

No que concerne ao cotexto imediato, como acontece com outros marcadores discursivos característicos da oralidade coloquial, como *portanto* e *tipo*, as pausas constituem um dos cotextos mais frequentes de ocorrência de *pronto*:

(11) E ainda sou lá vigiada •• Já vai há dezassete anos. •• Ainda vou lá quinta-feira. ••• *Pronto*. ••• É a vida da gente. (81M4A)

Uma última característica do quadro cotextual de *pronto* diz respeito à coocorrência com outros marcadores discursivos. As quatro situações abaixo apresentadas são exemplo de ocorrências conjugando dois ou mais MD⁸:

8. Silva (2002:87) atribui a *pronto*, nestes contextos, o valor de conector: “Pronto comporta-se, pois, como um verdadeiro conector, podendo ocorrer como único conector, (...) ou enfaticamente acompanhado de outros de idêntico valor. Christiano e Hora (1998: 202) falam de “perífrases”.

<i>E então pronto</i>	ajudando muito o meu pai • • <i>E então pronto</i> deixei-o ficar (85M4D)
<i>E pronto</i>	E o que ela disse foi o que se cumpriu <i>e pronto</i> (81M4A)
<i>Mas pronto</i>	Era uma vidinha pobre. <i>Mas pronto</i> • • • (81M4A)
<i>Mas pronto enfim</i>	...dessa maneira do candeieiro e isso, <i>mas pronto enfim</i> • • (03H1b)

4. USOS MODALIZADORES DE PRONTO

Pronto constitui um comentário reflexivo, convoca outros discursos, quase sempre de natureza doxal, mas necessariamente partilhados pelos participantes na interação.

A ancoragem da análise no processo de enunciação dá visibilidade aos valores de *pronto* na construção dos referentes discursivos. Tomemos como exemplo o excerto seguinte:

(12) E a minha mãe, coitadinha. • • *Pronto*, era um/ • • *pronto* era uma mãe • • uma mãe/ que fazia filhos, mas não criava filhos. (79M4A)

O locutor, pelo uso de *pronto*, distancia-se do seu dizer, traz um novo ponto de vista sobre o facto que representa discursivamente, procurando, no entanto, a aproximação ao seu alocutário. O comentário, que implica o distanciamento do locutor relativamente ao conteúdo do seu enunciado, é acrescido de um valor de mitigação: o uso de *pronto* atenua a agressividade de um conteúdo que vai contra valores doxais, partilhados pela comunidade social. De facto, o locutor ativa saberes doxais relativos a *ser mãe*, à *ligação afetiva entre mãe e filhos*, que legitimam, por atenuação, o processo discursivo de referenciação. É um uso dialógico, que agrega o enunciado a discursos anteriores doxais: “Mãe há só uma”; “Não há amor como o amor de mãe”; “Respeitar pai e mãe...”, etc. Mas são discursos implícitos, que *pronto* sintetiza; o locutor deixa ao alocutário a tarefa de colmatar estas lacunas (tarefa que o leitor pode recusar, obviamente), provocando a opacificação do enunciado⁹. Voltando à proposta explicativa de Vion: «L’interlocuteur

9. L'apparition d'un modalisateur, au sein d'un énoncé, provoque une opacification du sens de l'énoncé en raison, notamment, du dédoublement énonciatif que provoque la production d'un commentaire réflexif sur cet énoncé (Vion, 2006: §40).

est alors invité à rechercher dans les discours supposés partagés ceux sur lesquels le modalisateur semble prendre appui pour donner à l'énoncé modalisé une consistance renforcée.» (Vion, 2005b: §41). Há um claro apelo à convivência que resulta da interpretação de um implícito.

Este processo de referenciação interfere ainda com questões de figuração, porque o locutor pretende fazer-se aceitar, a propósito de um tema que se torna ameaçador da sua face positiva. O comentário avaliativo, “E a minha mãe, coitadinha”, com que inicia este excerto narrativo, é uma estratégia de proteção que marca este distanciamento face ao conteúdo do enunciado.

Com o uso de *pronto*, o locutor pretende a adequação discursiva, para preservar a legitimidade do seu dizer, garantida pela proximidade instaurada com o alocutário.

Outros dados cotextuais são importantes para marcar estes processos metadiscursivos de construção partilhada do sentido. Em particular, as interrupções, retomas e hesitações na verbalização revelam um processo que não se limita à função de pontuador /marcador de hesitação (Christiano & Hora (1998); Silva (2002)). Não é apenas hesitação ou preenchimento de pausa; ou melhor, a dificuldade de raciocínio e consequentemente de verbalização é na verdade motivada por questões enunciativas heterogéneas mas fundamentais.

A convocação de saberes partilhados, deste uso modalizador de *pronto*, está ainda marcada contextualmente na coocorrência com expressões aproximativas que orientam para o mesmo processo de colmatação dos sentidos do enunciado pelo alocutário:

(13) nem •• nem/ mais bonito. •• É aquilo, falam à peixeiros *e tal*, *pronto*. •• Nós é diferente, ((risos)) •• a nossa nossa fala é é outra fala (08H1D)

(14) em casa e tudo, nem lhe falava, mas depois *assim assado* ((hesitação)), *pronto*, lá me enrodilhei outra vez com ele, •• comecei a andar com ele •• (79M4A)

Pronto, em coocorrência com enunciados incompletos, reforça também a necessidade de recuperar os implícitos:

(15) Eu ((onomatopeia)) dei cabo de tudo. •• ((risos)) •• Pronto, ele cá continuou comigo •• e a outra... Pronto. ••• Ela casou à minha frente um ano. ••• (81M4A)

(16) Saudades também. E eu sou franca, *é que sou mais...* •• Pronto. Bem para já tenho a família to/ à minha volta (71M4A)

O valor conclusivo/resumitivo que *pronto* acumula neste contextos está ancorado no saber partilhado. O locutor distancia-se do seu dizer, dá espaço ao alocutário para coconstruir com ele uma interpretação do enunciado; complexifica assim o posicionamento dos interlocutores. O valor conclusivo (Christiano & Hora (1998); Silva (2002)) contribui para o efeito de opacificação.

5. CONCLUSÕES

A polifuncionalidade de *pronto* é inseparável da coocorrência das suas funções discursivas. Uma dessas funções responde a uma estratégia de modalização: constitui um comentário, uma reflexão meta sobre o enunciado a que se agrega. Ou seja, *pronto* impõe um olhar (uma avaliação) sobre o enunciado a que se agrega. Esta é uma tarefa fundamental para a qual *pronto* convoca locutor e alocutário. O comentário instaura a partilha de saberes, discursos, opiniões, que atenuam/reforçam o ponto de vista exposto. O valor conclusivo de *pronto* coocorre - e suporta - também este valor modalizador.

Pronto reenquadra o objeto discursivo. Impõe um ponto de vista a fim de construir um espaço discursivo de consenso pela convocação de outras vozes (e onde as vozes doxais parecem ser centrais). Ancora o discurso numa intertextualidade, mais ou menos explícita, que o valida e assegura a pertinência enunciativa. A opacificação do sentido e a aproximação em termos das relações interpessoais contribuem para a legitimação do processo de referenciação, construindo um ponto de vista mais adequado à finalidade comunicativa. Intensifica o trabalho de cooperação na construção discursiva.

Este trabalho está obviamente limitado; é necessário aprofundar e alargar a análise, na perspetiva enunciativa, testar os valores dialógicos de *pronto*, ligar estas questões enunciativas à distribuição de *pronto*, nomeadamente em intervenções reativas.

REFERÊNCIAS

- Adam, J.-M. (2001). Genres de la presse écrite et analyse de discours. *Semen* 13. Acedido em 12 de setembro de 2013. URL : <http://semen.revues.org/2597>
- Briz Gómez, A. (1998). *El español coloquial en la conversación. Esbozo de pragmatogramática*. Colección Ariel Lingüística. Editorial Ariel: Barcelona.
- Christiano, M^a E. & Hora, D. (1998). O item lexical pronto: marcador discursivo e interativo, *Revista Graphos*, vol.1, nº3, p. 197-205. Acedido em 2 de setembro de 2013. URL: <http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/graphos/article/view/9411/5066>
- Coutinho, A. (2008). Marcadores discursivos e tipos de discurso. *Estudos Linguísticos/Linguistic Studies*, 2, pp. 193-210.
- Labov, W. (1972). *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.
- Maury-Rouan, C. (2001). Le flou des marques du discours est-il un inconvénient? Vers la notion de 'leurre discursif'. *Marges linguistiques*, nº2, pp.163-174. Acedido em 12 de setembro de 2013. URL: <http://www.marges-linguistiques.com>
- Silva, A. S. (2002). Da semântica cognitiva à pragmática lexical: polissemia da palavra pronto. In Duarte, I. M. et al. (org). *Actas do Encontro comemorativo dos 25 anos do Centro de Linguística da Universidade do Porto*, Porto: CLUP, pp.83-97.
- Vion, R. (2005a). Modalités, modalisations, interaction et dialogisme. In Brès, J. P., Haillet, S. Mellet, H. Nølke, L. Rosier (orgs). *Dialogisme, polyphonie: approches linguistiques*. Bruxelas: De Boeck Duculot, pp. 143-156.
- _____ (2005b). Séquentialité, interactivité et instabilité énonciative. *Cahiers de praxématique*. Acedido em 12 de setembro de 2013. URL: <http://praxematique.revues.org/111>
- _____ (2006). Modalisation, dialogisme et polyphonie. In Perrin, L. (org) *Le sens et ses voix. Dialogisme et polyphonie en langue et en discours*. Université de Metz, pp. 105-123.
- _____ (2010). Polyphonie énonciative et dialogisme. *Colloque international Dialogisme: langue, discours*. Montpellier. Acedido em 5 de julho de 2012. URL: <http://recherche.univ-montp3.fr/praxiling/spip.php?article264>.
- _____ (2012). La modalisation: un mode paradoxal de prise en charge. *Filologia Lingüística Portuguesa*, nº14 (2), pp. 203-224.

Modalização e construção do humor nas crónicas de Ricardo Araújo Pereira

PINTO, ALEXANDRA GUEDES
mapinto@letras.up.pt

Professora Auxiliar da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal
Investigadora e membro do Conselho Científico do Centro de Linguística da Universidade do Porto, Portugal

PEREIRA, CARLA
silva.pereir@sapo.pt

Pós-graduanda em Consultoria e Revisão Linguística na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Portugal
Investigadora do Centro de Linguística da Universidade do Porto, Portugal

PALAVRAS-CHAVE:
modalização;
humor;
recorrências
enunciativo-pragmáticas;
crónicas jornalísticas.

RESUMO: O presente trabalho incidiu sobre a análise de um conjunto de crónicas humorísticas e satíricas da autoria de Ricardo Araújo Pereira, publicadas entre Dezembro de 2011 e Março de 2013, na revista de grande informação *Visão*, com o objetivo de isolar um conjunto de recorrências enunciativo-pragmáticas no discurso do autor. Das recorrências identificadas, foram selecionadas para este trabalho aquelas que mais de perto se relacionam com o tema ‘modalização e géneros discursivos’, tais como certos marcadores de modalização, epistémica, deôntica e apreciativa, usados na construção do tom irónico. Outras recorrências, como a intertextualidade e interdiscursividade, e a invocação de ‘vozes’ de outros, voltadas, ora para a validação do seu próprio discurso, ora para a desqualificação do discurso do Outro, dão cumprimento à dimensão pragmática de sátira das crónicas do autor. Também as marcas de um registo informal oralizante contribuem para um estilo de escrita dialogal e expressivo. Os contrassensos (*non-senses*), ora resultantes da combinação sintagmática de expressões paradigmaticamente distantes, em termos de registo de língua, ora, da aproximação sintática de realidades semântica e pragmaticamente incompatíveis, contribuem, em conjunto com as restantes características, para configurar o estilo de escrita das crónicas de Ricardo Araújo Pereira.

KEYWORDS:
modalization;
humour;
enunciative-pragmatic
recurrences;
journalistic chronicles

ABSTRACT: This study focused on the analysis of a set of satirical chronicles of Ricardo Araújo Pereira, published between December 2011 and March 2013, in the newsmagazine *Visão*, in order to isolate a set of enunciative-pragmatic recurrences in the author’s discourse. Amongst the isolated recurrences we selected for this paper the most closely related to the topic ‘modality and the genres’ such as the markers of epistemic, deontic and appreciative modality, used to construct

the ironic tone pervasive throughout his speech. Other recurrences such as intertextuality and interdiscursivity and the invocation of other 'voices' are either directed to the validation of his own discourse, or to the disqualification of the discourse of the other, in compliance with the pragmatic dimension of social satire of his chronicles. Similarly, the marks of an oral informal register contribute to a dialogical and expressive writing style. The nonsenses, either resulting from the syntagmatic combination of paradigmatic distant expressions in terms of language registers, or from the syntactic combination of semantic-pragmatic incompatible realities, contribute, together with the rest of the markers, to the writing style of Ricardo Araújo Pereira's humorous articles.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho incidiu sobre a análise de 62 crónicas humorísticas e satíricas da autoria de Ricardo Araújo Pereira (RAP), conhecido humorista e cronista português, publicadas entre Dezembro de 2011 e Março de 2013, na rubrica *Boca do Inferno* da revista de grande informação *Visão*, nas quais se abordam os mais diversos temas da atualidade política, económica e social do país e do mundo.

O objetivo do trabalho, partindo de uma análise de cada um dos artigos em particular, foi o isolamento de recorrências enunciativo-pragmáticas no discurso do autor que permitissem detetar um padrão na sua escrita e na forma de construção do humor.

Do levantamento destes marcadores, etapa da qual resultou uma extensa lista de regularidades, demos prioridade neste trabalho a alguns de entre eles, a saber, àqueles que mais de perto se relacionam com o tema das jornadas em que o mesmo foi apresentado, a saber: “Modalização e géneros discursivos”.¹

Traço transversal a todas as crónicas de RAP é o tom irónico e sarcástico, que se confunde com / que contribui para o efeito humorístico dos seus textos. Assim, embora estes conceitos se encontrem implícitos em toda a nossa reflexão, a questão delicada da distinção conceptual entre os mesmos - a ironia, a sátira, o sarcasmo e outras formas de derrisão linguística - não será aprofundada neste trabalho, dada a complexidade desta distinção num quadro enunciativo-pragmático, enquadramento teórico que tomamos como referência neste estudo.

1. INTERDISCURSIVIDADE E INTERTEXTUALIDADE NA CONSTRUÇÃO DO HUMOR

Do conjunto dos marcadores isolados, começamos por referir a presença expressiva na escrita do autor dos mecanismos da intertextualidade e da interdiscursividade.

1. Este trabalho foi apresentado nas Jornadas Internacionais de Análise do Discurso III - JADIS III - realizadas na Faculdade de Letras da Universidade do Porto em novembro de 2013.

Para Charaudeau e Maingueneau (2002), na esteira de outros autores, todo o discurso é um interdiscurso, já que todo ele estabelece um diálogo real ou virtual com outros discursos já produzidos e apenas ganha sentido pleno dentro desse universo de outros discursos face aos quais ele se posiciona. A interdiscursividade é, assim, um fator constitutivo do próprio conceito de discurso, comparável ao conceito de dialogismo constitutivo recuperado de Bakhtine (1977, 1984) e formalizado, por exemplo, por Authier-Revuz (1985), Moirand (1988) e Fairclough (1992), entre outros.

Com efeito, noções centrais na própria definição de discurso, a intertextualidade e a interdiscursividade conhecem propostas de delimitação conceptual variáveis, de acordo com os autores. O conceito de intertextualidade introduzido nos estudos da Teoria Literária pela mão de Júlia Kristeva, na década de 1960, tem por base o dialogismo bakhtiniano e pretende formalizar a noção de que cada texto constitui um intertexto numa sucessão de textos já escritos. De facto, para Kristeva (1967: 440),

(...) tout texte se construit comme mosaïque de citations, tout texte est absorption et transformation d'un autre texte. A la place de la notion d'intersubjectivité s'installe celle d'intertextualité, et le langage poétique se lit, au moins, comme double.,

conceção que é prolongada por Roland Barthes (1973):

Tout texte est un intertexte; d'autres textes sont présents en lui, à des niveaux variables, sous des formes plus ou moins reconnaissables : les textes de la culture antérieure et ceux de la culture environnante ; tout texte est un tissu nouveau de citations révolues. [...] L'intertexte est un champ général de formules anonymes, dont l'origine est rarement repérable, de citations inconscientes ou automatiques, données sans guillemets.

Fairclough (1992) propõe uma clarificação entre os conceitos de intertextualidade e interdiscursividade, distinguindo entre uma *intertextualidade manifesta* e uma *intertextualidade constitutiva* ou *interdiscursividade*. Esta última diferencia-se da primeira porque se relaciona com o cruzamento entre géneros e estilos discursivos.

Para Charaudeau e Maingueneau (2002: 327), o termo *intertextualidade* designa o conjunto de relações explícitas ou implícitas que um determinado texto ou grupo de textos mantém com outros textos. Estes autores distinguem uma *intertextualidade interna* de uma *intertextualidade externa* (ibidem: 329), consoante estejamos perante a ligação entre um determinado discurso e outros do mesmo campo discursivo ou uma ligação entre discursos de campos discursivos distintos, por exemplo entre um discurso teológico e um discurso científico. Realçam também a questão de que se tende a falar de *intertextualidade* quando se trata de uma relação entre textos-fonte precisos (citação, paródia...) e de *interdiscursividade* nos casos em que as recuperações são mais difusas (ibidem).

Fiorin secunda esta tendência de separação entre os conceitos intertexto/interdiscurso e intertextualidade/interdiscursividade, defendendo que a intertextualidade é “um processo de incorporação de um texto em outro, seja para reproduzir o sentido incorporado, seja para transformá-lo”, e a interdiscursividade, “o processo em que se incorporam percursos temáticos ou figurativos, temas e/ou figuras de um discurso em outros.” (Fiorin, 2003: 35).

A presença mais ou menos explícita, sob a forma de citação ou alusão, de outros textos no discurso de RAP – intertextualidade - ou a incorporação de uma estrutura, de uma “armação textual” alheia num texto seu - interdiscursividade – como veremos nos exemplos abaixo, ativa a convocação de lugares comuns que apelam à memória discursiva do leitor, facilitando a sua aproximação, através de um conhecimento partilhado, implícito no dito. Importa sublinhar que se estes diálogos intertextuais/interdiscursivos instaurados pelo autor não forem reconhecidos pelo leitor, este pode não conseguir reconstituir o sentido do dito, perdendo-se assim o efeito humorístico e, com ele, as intenções do locutor. É de referir também que o diálogo que se cria entre diferentes textos e discursos permite a RAP estabelecer analogias jocosas entre duas realidades que o autor aproxima para comparar: a realidade atual, objeto de crítica por parte do autor, e uma realidade que o autor convoca para viabilizar a crítica social de forma atenuada e humorística, como podemos constatar pelos exemplos abaixo:

- 1) “*Todo o mundo é composto de mudança, eu sei. Jamais te banharás duas vezes nas águas do mesmo rio, e tal.*” (in *O mundo não quererá fazer o favor de estar quieto?*, de 17/01/2013);
- 2) “*Todas as cartas de amor são ridículas, mas não tanto como as saudações natalícias entre altos dignatários do Estado.*” (in *Um mediano Natal e um ano novo cheio de moderada felicidade*, de 03/01/2013);
- 3) “*...permitam-me que lance eu aqui o alerta do costume: Desapareceu de seu palácio Aníbal Cavaco Silva. Quando foi visto pela última vez, vestia fato escuro e gravata azul.*” (in *O fantasma do Cavaco passado*, de 14/11/2012);
- 4) “*Adão pecou e transmitiu-nos o pecado original, e ao mesmo tempo terá contraído uma dívida (provavelmente, junto do proprietário da macieira), transmitindo-nos também o endividamento original.*” (in *A culpa morre poliândrica*, de 13/09/2012);

Como vemos, a partir dos exemplos de 1) a 4), recuperando a distinção proposta pelos autores entre intertextualidade e interdiscursividade, encontramos casos explícitos de intertextualidade na recuperação de fragmentos de textos anteriormente produzidos e reconhecíveis, por exemplo em 1) e 2), e casos de interdiscursividade, entendido este fenómeno enquanto a recuperação de um modelo textual prototípico, nos exemplos 3) e 4). Nestes últimos exemplos de interdiscursividade, a intertextualidade encontra-se simultaneamente presente na recuperação de construções léxico-gramaticais prototípicas do género textual “borrowed” em cada um dos casos (Schroder & Vertergaard, 1989: 62). No exemplo 3) concentram-se marcas linguísticas de um subgénero do *aviso*: o *aviso de desaparecimento*; e, no caso 4), marcas temáticas e lexicais da lenda bíblica de Adão e do pecado original.

1.1. INTERTEXTUALIDADE: RECICLAGEM DE ‘FÓRMULAS FIXAS’²

A reciclagem de fórmulas fixas, a maior parte das vezes com modificação da fórmula original, atua também como subfenómeno da intertextualidade. Ao integrar no seu discurso expressões fixas que se cristalizaram na memória de uma comunidade, o autor apela à ‘memória discursiva’ dessa comunidade³, tornando-a mais próxima de si.

2. Utilizamos aqui a expressão ‘fórmulas fixas’ no sentido que lhe foi conferido por Grunig (1990:121).

3. Tomamos este conceito de ‘memória discursiva’ no sentido de Foucault (1969:130).

Courtine alude ao efeito de amplificação do sentido - a que nós acrescentamos a amplificação de efeitos acionais - decorrentes deste diálogo intertextual e/ou interdiscursivo que as fórmulas estabelecem entre si. Aliás, é deste diálogo que estas passagens de RAP retiram uma grande parte da sua espessura significativa e do seu efeito humorístico. A este efeito de amplificação, Courtine (1981:53) dá o nome de “effet de mémoire”:

Les objets que nous avons appelés ‘énoncés’ (...) existent dans le temps long d’une mémoire, alors que les ‘formulations’ sont prises dans le temps court de l’actualité d’une énonciation. C’est donc bien le rapport entre interdiscours et intradiscours qui se joue dans cet effet discursif particulier à l’occasion duquel une formulation-origine fait retour dans l’actualité d’une ‘conjoncture discursive’, et que nous avons désigné comme effet de mémoire.

Ao mesmo tempo, ao operar modificações sobre as fórmulas cristalizadas, o autor gera um efeito de contraexpectativa de natureza composicional, ou seja, referente à estrutura interna da própria fórmula e à probabilidade de aparição dos segmentos da lexia complexa numa determinada composição já pré-construída e fortemente inscrita na memória dos sujeitos. Grunig (1993), no quadro de uma reflexão sobre o aproveitamento de ‘lugares comuns’ no texto publicitário, propõe como conceitos analíticos o ‘efeito de banalidade’ e o ‘efeito de surpresa’ para explicar que a desmontagem de uma ‘fórmula fixa’ produz, por um fenómeno de contraexpectativa, um ‘efeito de surpresa’ inteiramente desejado no slogan publicitário. Dentro das expectativas exploráveis, a autora distingue entre a expectativa interna e a expectativa externa (ibidem: 104), consoante se trata de uma questão de natureza composicional da fórmula ou de uma questão contextual, ou seja da probabilidade de aparição da fórmula numa dada situação. No caso das crónicas de RAP, encontramos os dois efeitos de contraexpectativa combinados, pois, por um lado, o autor recupera fórmulas fixas em que produz alterações internas, estruturais pela inserção de palavras não existentes no constructo original ou pelo completamento das fórmulas através de sequências não existentes no constructo original; mas, por outro lado, o cotexto semântico e o contexto de inserção das fórmulas - em termos do género discursivo e da sua adequação pragmática - também é inesperado, gerando um efeito de *non-sense* e estranheza.

Estas modificações surtem assim um efeito de surpresa por contraposição a um efeito de banalidade fazendo subir o grau de informatividade e, logo, a ‘temperatura das mensagens’ (Pignatari, 1968: 44,45). Exemplos deste subfenómeno são as seguintes citações:

5) “...Passos Coelho interveio ainda a repressão ia no adro.” (in *Um segurança tipo Serra*, de 20/12/2012);

6) “Via verde ao peito a muitos fica bem” (in *Via verde ao peito a muitos fica bem*, de 10/05/2012);

1.2 INTERTEXTUALIDADE E POLIFONIA

A polifonia é também um marcador importante no discurso do autor que ora assume a função de sátira social, ora se encontra ao serviço da autocrédibilização.

Entendendo a noção de polifonia num sentido mais alargado, relativamente ao que lhe foi imputado por Ducrot (1984) e, dessa forma, mais próximo do conceito de dialogismo de Bakhtine, verificamos que, ao invocar outras vozes no seu discurso, algumas credenciadas, outras nem tanto, o autor suporta e valida o que vai referindo. De notar que a polifonia permite por vezes a autenticação do dito e a salvaguarda da face do autor, ao se desresponsabilizar daquilo que diz; encontrando-se, outras vezes, ao serviço da sátira social, promovendo justamente a descredibilização da voz do Outro. Por vezes, o autor convoca ainda a voz “anónima” do mundo com o objetivo de envolver o leitor e reduzir a distância entre os dois. Os exemplos que se seguem ilustram várias instâncias do uso da polifonia em RAP:

7) ““Que farei quando tudo arde?”, perguntou Sá de Miranda no século XVI. “Nada”, respondeu Cavaco em 2013.” (in *Sacudir o sangue do capote*, de 21/03/2013);

8) “E deu-se como exemplo a recente intervenção de António Borges, segundo o qual os empresários portugueses críticos da TSU não passariam do primeiro ano do curso que lecciona na universidade.” (in *E, quando nada o faria prever, um insulto*, de 11/10/2012);

- 9) “Como disse Paulo Portas numa altura em que não fazia parte do Governo, não há alternativa credível a esta coligação.” (in *Portas ao poder, abaixo Portas*, de 27/09/2012);
- 10) *Há quem sinta a tentação de se abeirar de uma destas janelas de oportunidade e de se atirar cá para baixo.*” (In *Carta aos 19%*, de 27/03/2013);
- 11) “Alguém substituiu a cortina de ferro por aquela cortina que, nos aviões, separa a ralé da primeira classe.” (in *O mundo não querará fazer o favor de estar quieto?*, de 17/01/2013);
- 12) “Quando se diz que o sistema político português é semi-presidencialista, o aspecto fundamental a reter é aquele “semi”. (in *O semicavaco, um conceito ignorado pela ciência política*, de 27/12/2012);

É de notar que em muitos dos exemplos extraídos das crónicas do autor verificamos a presença de um ‘nós inclusivo’, que atua como mecanismo de solidariedade do autor com o leitor. Atendendo ao último exemplo referido acima, 12) “Quando se diz que o sistema político português é semi-presidencialista, o aspecto fundamental a reter é aquele “semi”. Neste momento, o nosso semipresidencialismo deve-se ao facto de termos um semipresidente...” (in *O semicavaco, um conceito ignorado pela ciência política*, de 27/12/2012), verificamos que este mecanismo de solidariedade resulta numa estratégia de aproximação, pois o leitor é envolvido no discurso transformando-se em co-enunciador do mesmo⁴. Esta seria, de acordo com Brown & Levinson (1987), uma das estratégias de “claiming common ground with the addressee”, uma estratégia de delicadeza positiva orientada para o destinatário.

4. Verificar a este propósito Charaudeau (1995: 102).

2. REGISTO COLOQUIAL E CONSTRUÇÃO DO HUMOR

Outra estratégia de geração do humor e de aproximação do leitor que RAP utiliza na sua escrita é o uso do registo coloquial informal. A lexemas e expressões mais elaboradas, o autor opõe expressões mais coloquiais que desenvolvem um estilo oralizante. Exemplos disso são as citações seguintes:

- 13) “*Que diabo, isso tem de te tranquilizar...*” (in *Carta aos 19%*, de 27/03/2013);
- 14) “*Eles também não concordam com nada do que o Governo faz, mas não têm outro remédio senão amochar.*” (in *Matrioska de omissões*, de 14/02/2013);
- 15) “*Embrulhem.*” (in *Miss Povo 2012*, de 18/10/2012);
- 16) “*La Fontaine precisa mesmo de ir para o raio que o parta.*” (in *O Governo enquanto maço de cigarras*, de 04/10/2012);

Além das expressões idiomáticas que o autor convoca frequentemente, concorre para este tom coloquial uma outra marca, a saber, as frases curtas, que reforçam e comentam o dito, compartimentando o mesmo em segmentos de informação estanques, muitas vezes reduzidos ao nível do sintagma - “*De acordo.*” (in *O mundo não querará fazer o favor de estar quieto?*, de 17/01/2013); “*Não admira.*” (in *Miss Povo 2012*, de 18/10/2012); “*Tanto faz.*” (in *No tempo em que os jornais contavam*, de 13/06/2012). Estes segmentos curtos, que ora encerram atos linguísticos de comentário ora de resposta a perguntas simuladas, instaurando momentos de polifonia concordante e discordante consoante os casos, ajudam a construir o tom dialogal no discurso.

Como frequentemente um segmento com interferência do registo oral coloquial é sucedido ou precedido de um outro com marcas expressas de formalidade, a contraposição de registos numa mesma sequência discursiva causa um efeito de inesperado e gera uma quebra de expectativa da qual resulta o efeito humorístico.

3. ANOMALIAS SEMÂNTICO-PRAGMÁTICAS E CONSTRUÇÃO DO HUMOR

Esta quebra de expectativas verifica-se ainda na frequente contraposição de elementos incompatíveis nos mesmos enunciados. Nos exemplos que se seguem, a quebra de expectativas e o efeito de inesperado decorrem de anomalias semântico-pragmáticas que “originam o paradoxo humorístico e provocam a intersecção de diferentes planos cognitivos da realidade” (Adão, 2008: 41):

17) “Sabendo de antemão que os críticos não teriam o discernimento necessário para distingui-la da inactividade irresponsável, mesmo assim o Presidente arriscou levar a cabo uma inacção preta de significado, sustentada por um silêncio extremamente fecundo.” (in *Sacudir o sangue do capote*, de 21/03/2013);

18) “Os verdadeiros dinossáurios dominaram a terra durante cerca de 135 milhões de anos, e os dinossáurios autárquicos apenas poderão fazê-lo por escassos 3696.” (in *Com uma letrinha apenas*, de 07/03/2013);

19) “Percebendo que, devido à teimosia do povo, o plano está a falhar, o governo decidiu rever radicalmente as suas políticas e apresentar uma alternativa à austeridade: mais um pouco de austeridade.” (in *A austeridade é como as cerejas*, de 05/07/2013);

As anomalias semântico-pragmáticas transgridem as leis da lógica, entendida de uma forma alargada, no sentido que lhe confere Grunig quando fala de uma ‘lógica natural’ que inclui o conjunto de relações e formas de encadeamento conceptual,

(...) qui ne sont pas affectés au discours scientifique et orientent pourtant quotidiennement le cours de notre pensée mise en mots (ou même nos actions non verbales). Cette logique-là, largement différente de la précédente, est toute aussi normée et réglée qu’elle. Les lois sont autres, mais, de fait, elles existent. Nous les connaissons peut être mal, mais elles nous contraignent. On dit souvent de cette autre logique qu’elle est ‘naturelle’. Je conserverais ici le terme, même s’il m’apparaît dissimuler indument la genèse sociale des contraintes logiques et les processus d’acquisition dont elles résultent. (Grunig, 1990.91)

Os ‘ilogismos’ produzidos por RAP, por vezes explicáveis pela violação das leis da lógica clássica, por vezes pela violação de outras leis de natureza pragmática, e o efeito de estranheza que geram são frequentemente os responsáveis pela situação de humor.

4. MARCAS DE MODALIZAÇÃO E CONSTRUÇÃO DO HUMOR

As marcas de modalização que percorrem os textos de RAP permitem o seu posicionamento face ao tema que aborda e face ao seu alocutário. Nos artigos analisados são

incontáveis as marcas de modais epistémicos (expressões gramaticais que se reportam ao eixo do saber, que exprimem o grau de conhecimento/crença relativamente ao dito), deônticos (ligados ao domínio do dever, da obrigação, da recomendação) e apreciativos (usados para veicular a apreciação, o juízo de valor que o locutor transmite sobre o dito).

De referir que as marcas de atenuação constantes verificadas neste discurso, que, em contexto normal, permitiriam intervir sobre a força ilocutória dos atos de linguagem executados, minimizando a mesma (Briz e Albelda, 2013), se encontram no discurso de RAP ao serviço da construção da ironia e do humor, produzindo, assim, por vezes, um efeito contrário de reforço da força ilocutória do ato. Este reforço da força ilocutória resulta justamente da aplicação irónica dos modais epistémicos “*poder*”, “*parecer*”, do advérbio “*talvez*” ou das construções “*É provável*” e “*É possível*”, que simulam um distanciamento epistémico por parte do locutor em contextos em que esse distanciamento é falso. Vejam-se os exemplos abaixo:

20) “O teu desemprego, **embora possa ser ligeiramente desagradável para ti, é medicinal para a nossa economia.**” (in Carta aos 19%, de 27/03/2013);

21) “A grande diferença entre o povo italiano e o povo português é que os italianos votaram num palhaço e os portugueses votaram numa anedota. Eles elegeram o criador, nós elegemos a criatura. **Tanto política como humoristicamente, a escolha dos italianos parece mais sensata.** O palhaço sempre pode ir inventando piadas novas, ao passo que a anedota não muda. E, quanto mais conhecemos uma anedota, menos graça lhe achamos.” (in Subtilezas político-humorísticas, de 14/03/2013);

22) “Que farei quando tudo arde?”, perguntou Sá de Miranda no século XVI. “Nada”, respondeu Cavaco em 2013. **Quem esteve 500 anos à espera talvez preferisse uma resposta mais completa, mas esta é menos simples do que parece.** O prefácio do novo livro de intervenções públicas do Presidente da República esclarece aqueles rústicos que não sabem apreciar os vários tipos de silêncio nem os benefícios sociais da inacção.” (in Sacudir o sangue do capote, de 21/03/2013);

23) “Eu gosto muito do Natal, pois ele dá-nos o leite e a pele para fazer sapatos. Peço desculpa, entusiasmei-me com o ambiente de mensagens natalícias pueris e baralhei duas redacções que estava a preparar. **É possível que a mensagem de Natal do Presidente da República tenha exercido sobre mim uma influência muito nociva.**” (in Um mediano Natal e um ano novo cheio de moderada felicidade, de 03/01/2013);

No domínio dos deônticos, encontramos um caso semelhante, já que as ocorrências em que os diretivos surgem no discurso de RAP são ocorrências em que se enunciam regras inaceitáveis ou absurdas, pelo que estas se salientam pelo seu caráter “infeliz” no sentido que lhe dá Searle (1969).

Efetivamente, estes diretivos estão votados ao insucesso porque o locutor não pode legitimamente executar as recomendações presentes, por exemplo, nas ocorrências 24) e 25) abaixo, vinculando o alocutário à execução daqueles atos futuros, partindo do princípio de que o alocutário está disponível, qualificado e empenhado em as executar, uma vez que se trata de recomendações tais como ‘sentir-se tranquilo por estar desempregado’ e ‘abandonar a sua zona de conforto e emigrar’. Tal como indica Casanova (1996: 432), por um lado: “*a realização do conteúdo proposicional proposto não é sancionável*”; por outro lado, ainda, a sugestão, ao contrário do pedido, visa beneficiar o alocutário, sendo tipicamente favorável ao mesmo, condição que, dado o conteúdo proposicional das sugestões / recomendações em causa, não se encontra reunida:

24) “*Tem calma. E não te preocupes. O teu desemprego está dentro das previsões do governo. **Que diabo, isso tem de te tranquilizar de algum modo.** Felizmente, a tua miséria não apanhou ninguém de surpresa, o que é excelente. A miséria previsível é a preferida de toda a gente. Repara como o governo te preparou para a crise.*” (in Carta aos 19%, de 27/03/2013);

25) “*Os portugueses vivem acima das suas possibilidades. **Deviam abandonar a sua zona de conforto e emigrar. Fariam melhor** se deixassem de ser piegas. E, além do mais, são preguiçosos, como as cigarras. O povo português é, globalmente, uma cigarra caloteira, lamechas e excedentária. Que o Governo continue interessado em dirigir este lamentável insecto, é quase milagroso.*” (in O Governo enquanto maço de cigarras, de 04/10/2012);

26) “*Uma coisa é desejar “boas festas”. Outra é desejar “boas festas num quadro alargado de cooperação institucional dos organismos políticos e democráticos”. Pessoalmente, achei a troca de palavras fraterno-políticas bastante engraçada. Mas apenas tão engraçada quanto possível. Não gostaria de ultrapassar os limites do possível, também na comicidade. **Há que cortar um bocadinho em tudo.***” (in Um mediano Natal e um ano novo cheio de moderada felicidade, de 03/01/2013);

27) “*Portugal, enquanto país do segundo mundo e meio, tem de se dar mais ao respeito.*” (in *A Pórtela nunca aterrou no FMI*, de 24/01/2013);

As manifestações da modalidade apreciativa são inúmeras como seria de esperar num género de discurso que se assume como sendo opinativo-argumentativo. São momentos privilegiados de inscrição do sujeito enunciador no discurso, através de vestígios explícitos de subjetividade, tendo em consideração a proposta de Kerbrat-Orecchioni (1980) sobre os ‘subjectivèmes’.

Reunimos abaixo alguns exemplos dos mesmos:

28) “*Felizmente, a tua miséria não apanhou ninguém de surpresa, o que é excelente.*” (in *Carta aos 19%*, de 27/03/2013);

29) “*Por sorte, trata-se de um silêncio virtuoso.*” (in *Sacudir o sangue do capote*, de 21/03/2013);

30) “*Analisando friamente a nomeação, constatamos que é um escândalo e uma vergonha. (...) Mas, analisando-a ainda mais friamente, concluímos que talvez faça sentido.*” (in *Matrioska de omissões*, de 14/02/2013);

O estudo dos veículos linguísticos desta modalidade em RAP daria, por si só, corpo a uma dissertação inteira. Neste momento, salientaremos apenas que existem dois planos da expressão da modalidade apreciativa em RAP, o plano explícito e o plano implícito. O plano explícito, presente naqueles cotextos em que RAP exprime abertamente um posicionamento - quase nunca identificável com ‘o seu posicionamento’ - sobre um dado conteúdo proposicional através de um léxico ou de outras construções de carga semântica apreciativa forte (como se pode constatar pelos sublinhados nos exemplos acima) é normalmente o veículo por excelência da ironia, do sarcasmo e do humor com que este autor sobrecarrega os seus textos. Com efeito, em todos os momentos em que RAP assume um posicionamento apreciativo explícito sobre um conteúdo ele comunica normalmente duas coisas:

1- que esse não é o seu posicionamento pessoal

2- que esse posicionamento não é sequer aceitável num quadro de valores de razoabilidade, não sendo, portanto, partilhado pela comunidade leitora.

Para encontrarmos o verdadeiro posicionamento de RAP temos então de procurar o segundo plano da manifestação da modalidade apreciativa no seu texto que não se aloja nestes veículos linguísticos expressos referidos acima, mas antes na constante filigrana irônica que perpassa no seu discurso.

CONCLUSÃO

As recorrências enunciativo-pragmáticas das crônicas de RAP relevadas aqui, das quais recordamos o diálogo intertextual e interdiscursivo que o autor estabelece com outros textos e outras macroestruturas discursivas; a polifonia, através de convocação das vozes de outros ora para validar o dito, ora para desqualificar o Outro; a construção de um registo informal que promove um tom dialogal e coloquial nos seus textos; a junção de elementos semanticamente e pragmaticamente incompatíveis numa mesma sequência textual e ainda os usos irônicos e desviados de operadores de modalização epistémica, deôntica e apreciativa, são marcadores que permitem individualizar a sua escrita, trabalhando em conjunto para lhe dar o profundo tom irônico e sarcástico que a caracteriza.

REFERÊNCIAS

- Adão, T. (2008). *O lado mais sério do humor – uma perspectiva sociolinguística do discurso humorístico*. (1.^a ed.). Penafiel: Editorial Novembro.
- Authier-Revuz, J. (1984). Hétérogénéité(s) Énonciative(s). *Langages*, (73). Paris: Larousse, 98-111.
- Bakhtine, M. (1977). *Le Marxisme et le Philosophie du Langage – essai d'application de la méthode sociologique en Linguistique*. Paris: Éditions de Minuit.
- _____(1984). *Esthétique de la Création Verbale*. Paris: Éditions de Minuit.
- Barthes, R. (1973). Texte (théorie du). *Encyclopaedia universalis*. Paris: Encyclopaedia Universalis.
- Briz, A. (1998). *El español coloquial en la conversación. Esbozo de pragmatogramática*. Barcelona: Editorial Ariel.
- Briz, A. & Albelda, M. (2013). Una propuesta teórica y metodológica para el análisis de la atenuación lingüística en español e portugués. La base de un proyecto en común (ES.POR.ATENUACIÓN). *Onomazéin*, 2(28). Santiago de Chile: Universidad Católica de Chile, 288- 319.
- Casanova, I. (1996). A força ilocutória dos actos directivos. *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*. Lisboa: Caminho, 429-436.
- Charaudeau, P. (1983). *Language et Discours*. Paris, Hachette.
- _____(1995). Une analyse sémiolinguistique du discours. *Langages*, (117). Paris: Larousse, 96-111.
- Charaudeau, P. & Maingueneau, D. (2002). *Dictionnaire d'analyse du discours*. Paris: Seuil.
- Courtine, J.J. (1981). Analyse du Discours Politique. *Langages*, (62). Paris: Larousse, 9-128.
- Ducrot, O. (1984). *Le Dire et le Dit*. Paris: Éditions de Minuit.
- Fairclough, N. (1992). *Discourse and Social Change*. Cambridge: Polity Press.
- Fiorin, J. L. (2003). *Polifonia textual e discursiva. Dialogismo, Polifonia e Intertextualidade*. São Paulo: EdUSP, 29-36.
- Foucault, M. (1969). *L'Archéologie do savoir*. Paris: Gallimard.

Grunig, B.-N. (1993). Signifiants reçus, processus de saturation et paramètres – Sur l'exemple de la publicité. *Lieux Communs – Topoi, Stéréotypes, Clichés*. Paris: Editions Kimé, 103-110.

Kerbrat-Orechionni, C. (1980). *L'énonciation de la subjectivité dans le langage*. Paris: Armand Colin.

_____ (2006). *Análise da Conversação, princípios e métodos*. São Paulo: Parábola Editorial.

Kristeva, J. (1967). Bakhtine, le mot, le dialogue et le roman. *Critique*, (239). Paris: Éditions de Minuit, 438-465.

Maingueneau, D. (1998). *Analyser les textes de communication*. Paris: Dunod.

Moirand, S. (1988). *Une histoire de discours... une analyse des discours de la revue "Le Français dans le Monde" 1961-1981*. Paris: Hachette.

Pignatari, D. (1977). *Informação, Linguagem, Comunicação*. (8.^a ed.). São Paulo: Cultrix.

Pinto, A. G. (2013). Marcas de dialogismo e polifonia nos manifestos políticos das presidenciais de 2011. *Estudos Linguísticos / Linguistic Studies*, (8). Lisboa: Colibri, 195-212.

Schroder, K. & Vestergaard, T. (1989). *The language of advertising*. (3.^a ed.). Oxford: Blackwell.

Searle, J. (1969). *Speech Acts. An Essay in the Philosophy of Language*. Cambridge: Cambridge University Press.

Vion, R. (2006). Modalisation, dialogisme et polyphonie. *Le sens et ses voix. Dialogisme et polyphonie en langue et en discours. Recherches Linguistiques*, (28). Metz: Université Paul Verlaine, 105-123.

Construção dos *ethè* em discursos políticos em Portugal e no Brasil: um estudo comparativo

PITA, SARA
saratopete@ua.pt

Doutoranda em Linguística na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas na Universidade Nova de Lisboa, Portugal

PINTO, ROSALICE
rpinto@fcsh.unl.pt

Doutora em Linguística pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Portugal

PALAVRAS-CHAVE:
ethos;
atos de fala;
responsabilidade enunciativa;
mensagens final de ano políticas.

RESUMO: A noção de *ethos* foi abordada por Aristóteles nos seus estudos retóricos e, desde então, vários teóricos recuperaram o conceito nos seus estudos linguístico-textuais e discursivos. Ducrot abordou a noção de *ethos* a propósito da distinção entre locutores λ e L. Maingueneau associa o *ethos* ao estatuto do locutor e ao processo de legitimação daquilo que diz. Charaudeau relaciona também o *ethos* com o locutor, interligando-o às representações sociais, morais e ideológicas deste. Esta contribuição, que corresponde a um recorte da tese de doutoramento, pretende identificar os *ethè* construídos em mensagens políticas de final de ano de estadistas de Portugal e do Brasil de 2011 e 2012 e analisar a sua materialidade linguístico-textual. Para atingir este objetivo, realizou-se uma análise linguística centrada nos atos de discurso, nas marcas de Responsabilidade Enunciativa (Adam, 2008) e nas estruturas léxico-textuais utilizadas.

Os resultados preliminares indicam a existência de *ethè* específicos a cada estadista, bem como de *ethè* comuns, os quais apresentam similitudes e diferenças relativamente à materialização linguística. Em face destes resultados, coloca-se a hipótese das diferenças, quer dos *ethè*, quer da materialidade, se deverem a questões culturais.

KEYWORDS:
ethos;
speech acts;
enunciative responsibility;
“year-end” political messages.

ABSTRACT: The concept of *ethos* was initially used by Aristotle in his rhetorical studies. Since then, several authors recovered the concept in their linguistic-textual and discursive studies. Ducrot addressed the notion of *ethos* concerning the distinction between speakers λ and L. Maingueneau associates the *ethos* to the speaker's statute and to the process of legitimating what it says. Charaudeau also relates *ethos* with the speaker, linking it to his social, moral and ideological representations.

This contribution, corresponding to an excerpt of a doctoral thesis, aims at identifying the *ethè*

built by Portuguese and Brazilian statesmen in the “year-end” political messages of 2011 and 2012 and analyze its linguistic and textual materiality. To achieve this goal, we conducted a linguistic analysis focused on speech acts (Searle), on Enunciative Responsibility marks (Adam, 2008) and on lexical-textual structures.

Preliminary results indicate the existence of specific *ethè* of each statesman, as well as common *ethè*, which have similarities and differences regarding the linguistic realization. Given these results, raises the hypothesis of these differences, whether of *ethè* or materiality, are due to cultural issues.

1. INTRODUÇÃO

A noção de *ethos* (*ethè* no plural) remonta aos estudos retóricos aristotélicos, nos quais se apresentava uma tríade discursiva, constituída pelo *ethos* (a imagem construída pelo orador), o *pathos* (as emoções suscitadas junto do auditório) e o *logos* (a razoabilidade dos argumentos apresentados). Não obstante a importância dos outros vértices, esta contribuição centrar-se-á no estudo do *ethos* que constitui um elemento fundamental para o sucesso de um discurso, pois diz respeito aos traços de carácter que o orador mostra, por meio do discurso, ao seu destinatário para causar boa impressão e para o convencer (Barthes, 2009). Seguindo a perspetiva deste autor, o *ethos* constitui o resultado de um posicionamento ou de uma figuração do orador com a finalidade de persuadir ou criar empatia no auditório. Para tal, o orador constrói ou personifica, ao longo de um discurso, diversas imagens que pretendem corresponder às expectativas e representações do auditório.

Os traços do orador e os papéis que personifica ao longo de um discurso influenciam, seguramente, a forma como é percebido e recebido pelo auditório (Perelman & Tyteca, 1999). Vários autores consideram que existe uma relação de reciprocidade entre os intervenientes no processo comunicativo, pelo que é imperativo, aquando da construção do discurso, respeitar os comportamentos e as crenças do auditório (Kerbrat-Orecchioni, 1998; Maingueneau, 2006; Charaudeau, 2013).

Na procura pelo entendimento das diferentes imagens mobilizadas pelo orador, procedeu-se ao estudo da tipologia desenvolvida por Charaudeau, a partir de discursos políticos franceses, na qual são discriminadas duas grandes categorias, os *ethè* de credibilidade (de cariz racional) e os *ethè* de identificação (de cariz emotivo). Na primeira categoria, enquadram-se as imagens que revelam a sinceridade, a eficácia e os valores morais; a segunda categoria inclui imagens que pretendem gerar empatia e persuadir, sendo para tal necessário que o público se reveja e se identifique com o orador, com a sua causa e com o seu programa, e tal sucede se se tiverem em consideração os ideais de referência do público.

1. Adam (2008: 61) pontua que existem cinco níveis ou planos de análise textual, de entre eles estes dois que serão privilegiados ao longo deste trabalho.

A presente contribuição, que corresponde a um recorte da tese de doutoramento em curso, tem como primeiro objetivo identificar os elementos linguísticos que pontuam os textos do *corpus*, nomeadamente as marcas de responsabilidade enunciativa e os tipos de atos ilocutórios encontrados¹, os quais concorrem para a construção dos *ethè*. A seleção dos critérios linguísticos indicados relaciona-se com a importância do locutor da enunciação, uma vez que a escolha dos argumentos e das palavras, a organização destes no discurso, o ponto de vista do locutor e a forma como se apresenta ao mundo, tornam o seu carácter aceitável ou desagradável aos olhos do destinatário. O *corpus* de análise desta contribuição é constituído por 4 mensagens de final de ano, pronunciadas por chefes de governo de Portugal e do Brasil, em 2011 e 2012.

Na primeira parte deste trabalho, far-se-á um levantamento teórico sobre a noção de *ethos*, pontuando a perspectiva aqui adotada, e de seguida proceder-se-á à apresentação e discussão da materialidade linguística observada e dos *ethè* presentes nos textos do *corpus*.

2. O CONCEITO DE *ETHOS*

O *ethos* corresponde às qualidades morais que o orador transmite por via do seu discurso, facto considerado por Aristóteles como a mais persuasiva das provas.

On persuade par le caractère (*ethos*), quand le discours est de nature à rendre l'orateur digne de foi (*axiopiston*), car les honnêtes gens nous inspirent confiance (*pisteuomen*) plus grande et plus prompte sur toutes les questions en général, et confiance entière (*pantelôs*) sur celles qui ne comportent point de certitude (*akribes*) et laissent une place au doute [...] c'est le caractère qui, peut-on dire, constitue presque le plus efficace des preuves. (Aristóteles, apud Cornilliat & Lockwood, 2000: 16)

Desde então, o conceito tem sido abordado em diversos estudos, embora aqueles que maior interesse nos suscitem sejam os que vinculam o *ethos* a uma análise linguístico-textual. Por esse motivo, enunciam-se de seguida os grandes teóricos que, em diversos campos, conduziram análises desta ordem.

Ducrot (1984), no domínio da semântica pragmática, recuperou o conceito, observando a instância discursiva do enunciador. Este autor associa o *ethos*, na teoria polifónica, ao locutor L (locutor enquanto ser discursivo) para destacar a diferença teórica em relação a λ (locutor ser do mundo). Ao contrário do que vinha a ser defendido até ao momento, Ducrot não só enfatizou a importância da instância discursiva, como também explorou a existência no discurso de um ou vários enunciadores que correspondem aos vários pontos de vista dos acontecimentos.

Dans ma terminologie, je dirai que l'ethos est attaché à L, le locuteur en tant que tel : c'est en tant qu'il est source de l'énonciation qu'il se voit affublé de certains caractères qui, par contrecoup, rendent cette énonciation acceptable ou rebutant.
(Ducrot, 1984: 201)

Amossy (2005) considera que a construção de imagens de si advém da necessidade de o orador se adaptar e cativar o seu auditório, de modo a apresentar-se como um indivíduo confiável. A adaptação aqui mencionada significa que o orador, sobretudo o político, considera, no momento de produção do seu discurso, as representações sociais e discursivas do seu auditório, para, deste modo, poder corroborar, desmistificar ou dizimar as imagens prévias construídas pelo seu eleitorado. Esta pré-conceptualização do orador por parte do auditório, a que Amossy (2005) deu o nome de *ethos* prévio, consiste na imagem ou nas expectativas que o auditório constrói sobre o enunciador previamente ao discurso. Assim sendo, todo o discurso é concebido a partir da imagem prévia do orador criada pelo auditório e nos valores, crenças e ideias da comunidade a que o discurso se destina.

...la construction discursive de l'éthos se fait au gré d'un véritable jeu spéculaire. L'orateur bâtit son image propre en fonction de l'image qu'il se fait de son auditoire, c'est-à-dire des représentations de l'orateur fiable et compétent qu'il croit être celles du public. (Amossy, 1999: 133)

Em resumo, para Amossy, a construção do *ethos* é um processo complexo que implica não só o recurso ao seu estilo pessoal, às suas competências linguísticas, aos seus saberes enciclopédicos e às suas crenças, mas também aos valores e aos ideais do auditório.

Por seu turno, no campo da análise do discurso, Maingueneau (2008) aborda as noções de *ethos*, cena e cenografia em diferentes textos, desde o argumentativo ao publicitário. Para o autor, o *ethos* está presente tanto no discurso oral, como no escrito, porque ele existe devido às escolhas linguístico-textuais de um sujeito real.

Tout discours oral ou écrit suppose un éthos : il implique une certaine représentation du corps de son garant, de l'énonciateur qui en assume la responsabilité. Sa parole participe d'un comportement global (une manière de se mouvoir, de s'habiller, d'entrer en relation avec autrui...). On lui attribue ainsi un caractère (joyeux, sévère, sympathique), et une corporalité (un ensemble de traits physique et vestimentaires). (Maingueneau, 1996: 40)

Maingueneau considera que o *ethos* se relaciona com o conceito de cena enunciativa, isto é, com as circunstâncias discursivas, quer sejam questões culturais, hierárquicas ou espaciais, que suportam a circulação dos enunciados e com cenografia (a enunciação) e insere-se em determinado género (cena genérica), condicionando os papéis, os lugares, o suporte e o modo de circulação dos enunciados. Maingueneau faz a distinção entre *ethos* pré-discursivo², construído a partir das representações existentes sobre aquele enunciador, e *ethos* discursivo, criado textualmente, que pode corroborar ou refutar essas pré-conceitualizações.

Adam (2008) estuda a relação entre *ethos*, *logos* e *pathos*, focando-se na análise pragmática de conectores argumentativos, de atos de discurso e das marcas pessoais da enunciação. Este autor defendeu, em 2001, a existência de oito componentes do género, de entre os quais se destaca o componente enunciativo que integra para além do grau de responsabilização dos enunciados, também a identidade e a implicação dos co-enunciadores (*ethos* e *pathos*).

Por fim, Charaudeau (2013) considera que o *ethos* corresponde ao sujeito discursivo e, como tal, está intrinsecamente relacionado não só com os seus imaginários sociodiscursivos, como também com os do público, logo a construção das imagens depende das representações sociais, morais e ideológicas deste. Esta relação foi tida em consideração aquando da construção da sua tipologia para identificação das categorias de *ethos* presentes em discursos políticos, pois como o próprio refere:

2. Corresponde ao *ethos* prévio de que fala Amossy (1999).

No domínio político, a construção das imagens só tem razão de ser se for voltada para o público, pois elas devem funcionar como suporte de identificação, via valor comuns desejados. O *ethos* político deve, portanto, mergulhar nos imaginários populares mais amplamente partilhados, uma vez que deve atingir o maior número, em nome de uma espécie de contrato de reconhecimento implícito. O *ethos* é como um espelho no qual se refletem os desejos uns dos outros. (Charaudeau, 2013: 87).

Segundo esse autor, os *ethè*, dentro do discurso político, dividem-se em duas grandes categorias, *ethè* de credibilidade e de identificação, divididas, por seu turno, em subcategorias. A primeira integra as imagens de virtude, de competência e de seriedade; enquanto a segunda, é composta pelas imagens de caráter, potência, inteligência, humanidade, chefe e solidariedade.

No panorama português, vários estudiosos têm integrado a noção de *ethos* nos seus estudos. A título de exemplo, recupera-se o trabalho desenvolvido por Menéndez (2006) sobre a análise do poder argumentativo de Salazar nos discursos proferidos em público pelo ditador durante os onze anos em que liderou Portugal. De acordo com a autora, Salazar utilizou o *ethos* enquanto estratégia retórica para manipular o seu auditório, mas sem o mascarar, pois tornava propositadamente o “público consciente desta manipulação” (2006: 3).

Marques também abordou a questão das imagens discursivas dos interlocutores presentes em debates eleitorais (2005), bem como a construção do *ethos* de arrogância nos discursos políticos parlamentares (2008), o qual, segundo a própria, é condicionado pelas características do género textual. No primeiro trabalho, Marques pretende expor a influência do *ethos* discursivo e do *ethos* pré-discursivo na eficácia persuasiva de um debate; no segundo, evidencia os problemas que a arrogância pode acarretar para a face dos interlocutores.

Por fim, Pinto destaca-se pelos estudos que encetou sobre argumentação em vários géneros textuais, nomeadamente o político, o editorial e o judiciário, nos quais discute o poder persuasivo do *ethos* (enunciador) e do *pathos* (co-enunciador). Segundo Pinto (2010: 251), a argumentação corresponde a todos os recursos linguísticos e não linguísticos utilizados em géneros persuasivos para que determinada tese seja acatada/aceite. Nesse sentido, os argumentos não

são suficientes para atingir o objetivo central dos géneros persuasivos (convencer outrem de algo ou a fazer algo); é também necessário conferir àquele que fala uma aura de credibilidade. Neste sentido, o locutor socorre-se de múltiplas imagens de si, em função do destinatário, do contexto da situação comunicativa e do objetivo da enunciação, às quais Pinto dá o nome de engrenagem enunciativa ampliada (EEA).

Essas modulações de *ethè* (...) constituem a engrenagem enunciativa ampliada – EEA – e, partimos da hipótese de que essa flutuação imagística pode conferir ao texto um maior ou menor poder persuasivo (Pinto, 2010: 252)

No caso do género persuasivo político, Pinto procedeu à análise de alguns *outdoors* e identificou, a título de exemplo, os seguintes *ethè*: engajado, comentarista crítico, moderno / dinâmico / patriótico / agressivo e autoritário, coeso.

Neste trabalho, o *ethos* deve ser entendido como o resultado das escolhas linguístico-textuais, que permitem construir as várias figuras nas quais o orador se desdobra para criar empatia com o seu auditório.

3. SUPORTE TEÓRICO PARA ANÁLISE LINGUÍSTICA

O estudo linguístico efetuado no âmbito desta contribuição para identificação dos *ethè* incidiu exclusivamente sobre duas categorias de análise: as marcas de responsabilidade enunciativa e os tipos de atos ilocutórios de discurso.

Relativamente à responsabilidade enunciativa (RE), esta define-se como a (não) assunção de um texto por parte de um locutor ou, por outras palavras, a existência, num mesmo texto, de pontos de vista individuais ou coletivos, caso se atribuam a certas entidades ou pessoas a responsabilidade do enunciado. Nos estudos de Adam (2008), a proposição-enunciado, unidade de análise textual, é constituída por três dimensões interdependentes: a responsabilidade enunciativa ou ponto de vista que fornece informações sobre o valor de verdade ou de falsidade

do enunciado; a representação discursiva que diz respeito à reconstrução pelo interlocutor do enunciado, avaliando a sua validade; e, derivando do peso da validade aferido anteriormente, o valor argumentativo e ilocucionário do enunciado. Portanto, nas palavras de Adam,

... toda a representação discursiva [Rd] é a expressão de um ponto de vista [PdV] (relação [A] – [B]) e que o valor ilocucionário derivado da orientação argumentativa é inseparável do vínculo entre o sentido de um enunciado e uma atividade enunciativa significativa (relação [C1]-[B]). (2008: 113)

Posto isto, a RE pode ser marcada linguisticamente por:

- Índice de pessoas: pronomes pessoais, pronomes possessivos, apóstrofes, morfemas de pessoa nas formas verbais.
- Deícticos espaciais e temporais;
- Tempos verbais: presente, pretérito perfeito do indicativo; futuro imperfeito ou perifrástica de futuro;
- Modalidades: epistémica, deôntica, apreciativa;
- Modos de representação da fala: Discurso direto;
- Indicações de suporte de percepções e de pensamentos relatados.

Para a análise dos tipos de atos ilocutórios tomou-se como referente a tipologia concebida por Searle (1981).

Atos ilocutórios	Definição	Marcas Linguísticas
Assertivo	Revela compromisso do locutor em relação à verdade ou à falsidade do enunciado.	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Frases declarativas afirmativas ou negativas; ▪ Expressões verbais.
Compromissivo	Assume a intenção de realizar, no futuro, a ação proferida no enunciado.	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Verbos com valor diretivo; ▪ Expressões volitivas; ▪ Formas verbais no imperativo.
Diretivo	Conduz o alocutário a fazer ou a dizer algo expresso no enunciado.	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Verbos compromissivos; ▪ Formas verbais no futuro do indicativo ou seus substitutos.
Expressivo	Apresenta o estado psicológico do locutor relativamente ao que é dito no enunciado.	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Verbos expressivos; ▪ Expressões verbais com valor apreciativo; ▪ Expressões exclamativas com adjetivos valorativos, advérbios e verbos afetivos.
Declarativo	Institui uma nova realidade ou alteram a pré-existente através do próprio enunciado. Tal ocorre quando o locutor tem poder ou autoridade para alterar um estado de coisas.	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Verbos declarativos.

4. CORPUS DE ANÁLISE

O *corpus* de análise é constituído por quatro Mensagens de Final de Ano, correspondendo aos pronunciamentos proferidos em 2011 e 2012 pelos chefes de governo de Portugal e do Brasil, respetivamente pelo Primeiro-Ministro, Pedro Passos Coelho, e pela Presidente da República, Dilma Rousseff. O *corpus* aqui utilizado integra um mais vasto que faz parte do material empírico recolhido no âmbito do doutoramento em Linguística, composto por catorze Mensagens de Final de Ano (de 2008 a 2014) proferidas pelos responsáveis pelo executivo político, correspondendo em Portugal ao Primeiro-Ministro e no Brasil ao Presidente da República em virtude das diferenças do sistema político (república democrática semipresidencialista e república federal presidencialista, respetivamente).

Estas Mensagens de Final de Ano são transmitidas, em direto, pelos meios de comunicação televisivos e, *a posteriori*, divulgadas na íntegra ou parcialmente pela imprensa escrita. De ressaltar que para o estudo apresentado nesta contribuição apenas se analisaram as mensagens em formato escrito, as quais foram recolhidas nos sítios oficiais do governo, <http://www.portugal.gov.pt/> e <http://www2.planalto.gov.br>.

Por uma questão de organização e apresentação dos dados, as mensagens foram catalogadas com o seguinte código: abreviatura do país e ano de divulgação (ex.: PT2011). Para a análise não foi determinante o ator político, pelo que o seu nome não constou desta codificação.

De seguida, falar-se-á brevemente sobre a situação política dos dois países em 2011 e 2012, depois definir-se-á o género discursivo mensagens de final de ano e, por fim, apresentar-se-á a análise linguístico-textual dos textos do *corpus*.

4.1. A SITUAÇÃO POLÍTICA EM PORTUGAL E NO BRASIL EM 2011 E 2012

A 21 de junho de 2011, Pedro Passos Coelho assumiu a liderança do XIX Governo Constitucional de Portugal, após eleições legislativas antecipadas. Tal ocorreu, devido ao pedido de

demissão do anterior Primeiro-Ministro José Sócrates, a 23 de março de 2011, em virtude da rejeição por parte dos deputados da Assembleia da República do IV Programa de Estabilidade e Crescimento, facto que conduziu ao pedido de ajuda financeira de Portugal ao Fundo Europeu. Nas eleições legislativas de 5 de junho de 2011, o PSD, encabeçado por Passos Coelho, ganhou com maioria relativa o que obrigou à formação de uma coligação com o CDS – Partido Popular.

Quanto à situação política brasileira, a 1 de janeiro de 2011, Dilma Rousseff assumiu a Presidência da República Federativa do Brasil, após ter sido escolhida pelo Partido Trabalhista para suceder a Lula da Silva. Durante a presidência de Lula, Dilma Rousseff havia chefiado o Ministério de Minas e Energia e a Casa Civil³, mas a sua eleição para a Presidência representou um marco histórico na governação brasileira, uma vez que foi a primeira mulher a ser eleita para chefe de estado e de governo. Dilma Rousseff chega ao poder numa fase em que Lula da Silva tinha conseguido manter a estabilidade económica, promover o crescimento do país e reduzir as diferenças sociais. Apesar destes aspetos positivos, houve algumas situações durante o governo de Lula que afetaram a imagem do governo trabalhista, nomeadamente o escândalo do “mensalão”⁴.

Partindo deste contexto, as “mensagens de ano novo” analisadas neste trabalho correspondem aos primeiros anos de governação dos governos de ambos os países, facto que pode justificar as diferenças estruturais e argumentativas dos textos e, conseqüentemente, os *ethè* construídos.

4.2. GÉNERO DISCURSIVO MENSAGEM DE FINAL DO ANO

A questão genérica tem vindo a ser trabalhada por diversos autores, porém, nesta contribuição, deter-nos-emos na posição de Adam (2008), a partir dos estudos sociodiscursivos que desenvolve. Segundo este autor, o género discursivo emerge das múltiplas práticas sociais, inseridas dentro de formações discursivas. Neste sentido, considera que os géneros existem em

3. A Casa Civil é um órgão diretamente ligado ao chefe do poder executivo de uma federação ou de uma unidade da federação.

4. O Mensalão refere-se ao escândalo que envolveu alguns integrantes do governo de Lula da Silva, em 2005 e 2006, e que disse respeito à compra de votos parlamentares no Congresso Nacional do Brasil.

número elevado e evoluem constantemente, motivo pelo qual se focou na análise das sequências textuais que constituem os géneros. Seguindo a linha de Bakhtin, Adam teoriza que os géneros são limitados discursivamente, porque dependentes da prática discursiva, facto que afeta as escolhas linguístico-textuais. Sendo assim, a questão genérica não pode ser entendida sem a consideração das condições de produção do texto.

Num artigo publicado em 2001, Adam defende a existência de regularidades nos géneros pertencentes a uma determinada prática sociodiscursiva. Para as observar, devem ser considerados os seguintes componentes genéricos (Adam, 2001:40-41, apud Pinto, 2010): semântico, enunciativo, pragmático, estilístico e fraseológico, composicional, material, peritextual e metatextual. O componente enunciativo, aqui privilegiado, incide sobre o grau de tomada de posição do locutor em relação aos enunciados, bem como sobre a identidade e implicação dos co-enunciadores (*ethos e pathos*).

Em suma, a observação destes componentes dos textos integrantes do nosso *corpus* conduziu à consideração das *Mensagens de Final de Ano* como um género discursivo, na medida em que apresenta um modelo organizativo relativamente estabilizado, perpassa várias atividades (religiosa, política, empresarial...) e está dependente da evolução socio-histórica. Este novo género caracteriza-se pela apresentação das metas alcançadas no ano que termina e dos novos objetivos para o ano que se inicia. No caso da atividade política, esta prestação de contas tem como objetivo assegurar a adesão do auditório ao programa político do governo, o que implica que o orador, ao longo da exposição, assumira um estilo próprio, a partir do qual extravasam diferentes figurações, dependendo dos argumentos e dos efeitos que pretende promover no seu ouvinte.

4.3. ANÁLISE E TRATAMENTO DE DADOS

Os textos foram submetidos a uma análise linguístico-textual que recaiu sobre os seguintes elementos: marcadores da responsabilização enunciativa (RE) e tipos de atos de fala (Adam,

2008), sequências prototípicas, estruturas argumentativas e índices de polifonia (Ducrot, 1984).
Todavia, a análise apresentada nesta contribuição incidirá sobre os dois primeiros elementos.

4.3.1. A MATERIALIDADE LINGUÍSTICA

A identificação das marcas linguísticas resultou no reconhecimento de múltiplos *ethè* que pontuavam os textos. Algumas destas marcas revelaram-se similares nas duas variantes em análise (portuguesa e brasileira), porém outras díspares, o que levou à conclusão da existência de *ethè* que se materializam linguisticamente de forma diferente. Para um melhor entendimento deste fenómeno, proceder-se-á seguidamente à exposição da análise aplicada dos critérios linguísticos previamente descritos em excertos retirados do *corpus*, processo que conduziu à identificação dos *ethè*.

(1) PT2012: A esmagadora maioria das medidas que faziam parte do nosso programa está já concluída ou em fase de conclusão. Criámos uma relação de grande confiança com as instituições internacionais responsáveis por esse programa. Transformámos alguns aspetos da nossa economia que sempre tinham sido obstáculos ao investimento e à criação de riqueza e que em muitos casos se mantinha fechada à participação de todos. Iniciámos um processo de reforma das estruturas e funções do Estado, um processo tantas vezes adiado, aqui como noutros países, mas que é agora inadiável, para nós como para os nossos parceiros europeus.

(2) BR2012: Com o Pronatec, o Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e ao Emprego, já oferecemos 2,5 milhões de vagas para os jovens e para os trabalhadores. São cursos profissionalizantes e de capacitação oferecidos em parceria com o Sistema S e com os estados. Cursos de qualidade que dão aos alunos as chances de progredir no trabalho ou conseguir um emprego melhor.

Em (1), o enunciado inicia-se com a frase [A esmagadora maioria das medidas que faziam parte do nosso programa está já concluída ou em fase de conclusão.], na qual houve uma escolha deliberada do léxico em especial do adjetivo [esmagadora] que enfatiza a eficácia do governo na implementação das medidas estipuladas no programa eleitoral. Por outro lado, o

uso de frases declarativas afirmativas marca o recurso a atos assertivos e à modalidade epistémica, nos quais o locutor se compromete com a verdade do seu enunciado. Relativamente às marcas de RE, observou-se o recurso à passiva de estado [está já concluída], indicando o resultado da ação, e do pretérito perfeito do indicativo [criámos, transformámos, iniciámos], que estabelecem a atuação do governo como totalmente terminada. Também neste âmbito, a utilização dos verbos na 1.^a pessoa do plural [criámos, transformámos] e dos pronomes possessivos na mesma pessoa [nosso programa] revelam que o locutor se posiciona como um ser coletivo, isto é, como o governo. Ainda neste excerto, particularmente nas últimas duas frases, verifica-se que a demonstração de competência é construída pelo contraponto com uma ação do passado [sempre tinham sido obstáculos ao investimento e à criação de riqueza; um processo tantas vezes adiado], estratégia frequentemente utilizada nos debates políticos⁵.

À semelhança das mensagens portuguesas, também nas brasileiras se procede à apresentação de uma súmula das conquistas alcançadas, conforme se pode ver em (2). Porém, nos exemplares textuais brasileiros denota-se uma pormenorização das medidas [abreviatura e nome: Pronatec, o Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e ao Emprego] e dos resultados obtidos [2,5 milhões de vagas para os jovens e trabalhadores]. Da análise linguística destes excertos, desponta um *ethos competente*, que se revela capaz de implementar as medidas propostas previamente.

(3) PT2011: As reformas que o Governo vai executar foram pensadas para fazer dos homens e das mulheres de todo o País os participantes ativos na transformação e na recuperação de Portugal.

(4) PT2012: A minha obrigação neste momento é oferecer uma dupla garantia. Primeiro, a de que todos foram e continuarão a ser chamados a participar neste esforço nacional. Segundo, a de que todos beneficiarão das novas oportunidades que criaremos nos próximos anos.

5. A este propósito, recomenda-se a leitura do artigo “Arrogância e construção do *ethos* no discurso político português”, de Marques (2008).

(5) BR2012: No começo de 2013, vamos entregar mais quatro estádios, que serão palco da Copa das Confederações. Entramos na reta final de preparação para realizar a melhor Copa do Mundo de todos os tempos. Uma Copa que será um sucesso, dentro e fora dos gramados.

(6) BR2012: Até 2014, serão 101 mil brasileiros beneficiados por esse programa. [...] No começo de 2013, vamos entregar mais quatro estádios, que serão palco da Copa das Confederações. Entramos na reta final de preparação para realizar a melhor Copa do Mundo de todos os tempos. Uma Copa que será um sucesso, dentro e fora dos gramados.

Em todos os excertos acima apresentados, é possível observar o uso do futuro imperfeito [continuarão] ou da perífrase de futuro ir + infinitivo, [vai executar, vamos entregar] indicando a intenção de realizar a ação. A utilização deste tempo verbal é característica dos atos compromissivos, que vinculam o locutor à realização de uma ação futura. Associado ao tempo verbal, surgem, em diversos momentos, expressões temporais que determinam claramente o período de implementação das medidas/promessas [No começo de 2013..., Até 2014], fenómeno mais frequente nas mensagens brasileiras do que nas portuguesas.

No exemplo (4), a frase inicial mostra, de forma evidente, o compromisso do locutor, através do léxico com valor deôntico [a minha obrigação é oferecer uma dupla garantia]. Para além disso, verifica-se que nestes excertos se promove, de novo, o uso da 1.^a pessoa do plural, personificando o governo, o que concorre para a construção de um *ethos agente*, comprometido com a realização de determinadas ações no futuro.

(7) PT2011: Estou bem consciente dos problemas que tantos enfrentam, sobretudo o dos jovens que querem começar a realizar os seus sonhos e os daqueles mais velhos que, apesar do capital acumulado de saber e de experiência, se veem afastados do mercado de trabalho. Estou bem consciente das desigualdades e das injustiças de tantos aspetos da sociedade portuguesa.

A estrutura inicial de (7) [Estou bem consciente dos problemas que tantos enfrentam] denota um valor subjetivo, pois trata-se do assumir de um posicionamento pessoal, e simultaneamente epistémico, na medida em que há um comprometimento por parte do locutor relativamente à assunção do conhecimento do estado do país. O reconhecimento desta situação é reforçado pelo recurso a frases declarativas, que tipificam os atos ilocutórios assertivos, pelo advérbio [bem] e também pela descrição das situações experienciadas pelos concidadãos. Se, por um lado, a expressão da consciência pode ser tomada como uma falsidade pelo interlocutor, a exposição dos problemas, iniciada pelo conector [sobretudo], vem rebater esse pensamento, pelo que se parece tratar de uma escolha argumentativa deliberada. A escolha lexical também não foi arbitrária; o recurso a expressões vocabulares como [problemas que tantos enfrentam, mais velhos afastados do mercado de trabalho, desigualdades e injustiças] revela compaixão pela realidade que muitos vivem. O uso de índices de 1.^a pessoa do singular, do presente do indicativo [Estou], que localiza temporalmente o locutor face ao enunciado, bem como das marcas linguísticas previamente indicadas, colaboram na construção de um *ethos consciente e solidário*, que se manifesta, por um lado, conhecedor da realidade dos cidadãos que governa e, por outro, compassivo.

(8) BR2011: A maioria dos brasileiros vai poder dizer isso nesta virada de ano, e, como Presidenta, me sinto feliz de compartilhar esse sentimento. Igual a cada um de vocês, ainda estou longe de me sentir satisfeita. Mas tenho cada vez mais convicção de que podemos e vamos avançar muito mais.

Já em (8) há uma vontade de demonstrar que locutor e interlocutor se encontram na mesma posição, facto marcado pelo verbo [compartilhar] e pela escolha vocabular [igual a cada um de vocês]. Nas duas últimas frases que constituem este excerto, o locutor declara a sua apreciação (modalidade apreciativa) em relação ao estado da realidade: primeiro expressa que está longe de se sentir satisfeita; segundo, que está convicta da capacidade de trabalho do interlocutor.

(9) PT2011: Nestes últimos 6 meses, desde que tomei posse, ouvi muita gente de todo o País. Muitas pessoas partilharam comigo as suas ansiedades por dívidas que não conseguiam pagar, frustrações por oportunidades que não aparecem, preocupações com o futuro dos seus filhos. Muito do que eu ouvi reflete bem os tempos difíceis que vivemos. Mas também ouvi muitas palavras de coragem, de tenacidade e de esperança. Escutei muitos testemunhos de nobreza perante a adversidade de gente que não desiste, nem se resigna.

Por fim, no excerto (9) denota-se o recurso a verbos que suportam percepções, como [ouvi] e [escutei], na 1.^a pessoa do singular das formas verbais e pronominais. Estas formas verbais encontram-se no pretérito perfeito do indicativo e, juntamente com as expressões temporais [Nestes últimos 6 meses, desde que tomei posse], localizam a ação num tempo passado em relação ao momento de pronúncia da mensagem. A oração temporal [desde que tomei posse] é fundamental para construir um *ethos solidário*, um ser que se mostra atento às necessidades dos outros desde que começou a exercer funções, que partilha as suas ideias e os seus problemas, que ouve os seus desabafos e que, no fim, se responsabiliza para reverter a situação. De salientar que estas marcas linguísticas ocorrem, sobretudo, nas partes iniciais e finais dos discursos, claramente enquanto estratégia para persuadir o interlocutor.

(10) PT2012: Já o disse, e torno hoje a dizê-lo: para mim não existe forma mais elevada de coragem do que aquela que tem sido diariamente demonstrada pelos Portugueses. Não existe forma mais elevada de coragem do que enfrentar diariamente novas dificuldades, sem nunca desespearar. Sem fingir que estas dificuldades não existem. Sem as empurrar para outros. Sem renunciar às nossas responsabilidades, que subitamente se tornaram mais pesadas.

(11) BR2012: Queridas brasileiras e queridos brasileiros, estamos chegando ao Natal e, em breve, um novo ano se iniciará. Mesmo com o mundo cheio de incertezas, tivemos um ano bom e plantamos as bases para que o próximo seja ainda melhor. Trabalhamos todos com afino e dedicação para deter os efeitos da crise internacional sobre o nosso país. Ao olhar 2012 em retrospectiva, vemos que continuamos crescendo e aprofundamos nossas grandes conquistas. Os resultados deste ano falam por si. Começamos pelo mais espetacular.

No excerto (10), utiliza-se a 1.^a pessoa do singular nas formas verbais [disse, torno] e pronominais [para mim], o que revela uma individualização do locutor. Relativamente à polaridade temporal aqui manifestada, presente e pretérito perfeito do indicativo, importa frisar que se trata de uma opção argumentativa para revelar que o sentimento no presente se mantém inalterado em relação ao passado. A escolha lexical [forma mais elevada de coragem..., enfrentar novas dificuldades, sem nunca desesperar], a menção do destinatário de tal elogio [Portugueses] e, inclusivamente, a estrutura paralelística [para mim não existe forma mais elevada de coragem... Não existe forma mais elevada de coragem...; sem nunca desesperar... Sem fingir... Sem as empurrar... Sem renunciar], foram utilizadas para jogar com as emoções do interlocutores e para construir um *ethos orgulhoso* dos seus compatriotas, neste caso, ou do seu governo. Embora aqui se apresentem as marcas características de atos assertivo, deve-se ressaltar que a partir da leitura integral do texto, se parece estar na presente de atos expressivos.

Os elementos linguísticos identificados no excerto (11) também conduziram ao reconhecimento do mesmo *ethos*, de entre os quais se destaca o uso da 1.^a pessoa do plural nas formas verbais [tivemos, trabalhamos, vemos]. Ao optar por este marcador de pessoa, o locutor posiciona-se ao lado do seu interlocutor e manifesta que o sucesso obtido foi em virtude do trabalho e da dedicação de todos, enquanto comunidade. A apóstrofe inicial [Queridos brasileiros e Queridas Brasileiras] abre a mensagem com um tom familiar, criando um ambiente propício à empatia entre locutor e interlocutor. Os argumentos apresentados também são importantes para o surgimento do *ethos orgulhoso*: o locutor sente-se orgulhoso de terem tido um ano bom, de terem plantado as bases para o futuro, de terem continuado a crescer, graças ao trabalho e à dedicação de todos os brasileiros. O uso do adjetivo [espetacular] a terminar esta argumentação não parece aleatório, pois reforça o sentimento em relação a todas as conquistas.

(12) PT2012: Nalguns aspetos temos de continuar o trabalho que fizemos até aqui. Noutros temos certamente de melhorar, e noutros ainda haverá novas tarefas no futuro próximo.

A escolha lexical na frase inicial [Nalguns aspetos temos de continuar o trabalho] ou [Noutros temos certamente de melhorar], o advérbio modal epistémico [certamente], demonstrativo da consciência do locutor das falhas do seu programa ou da sua atuação, e a perifrástica [temos de continuar; temos de melhorar] com valor deôntico, revelam um locutor que assume as suas falhas e que reconhece a obrigatoriedade de mudança. Verifica-se também que a utilização da 1.^a pessoa do plural em [temos, fizemos, tínhamos] foi propositada, na medida em que pretende mostrar que a entidade governo, encabeçada pelo locutor individual real Passos Coelho, é possuidora de humildade. A polaridade temporal (presente, passado e futuro) deste excerto também é muito revelante, pois demonstra o reconhecimento da necessidade de continuar a trabalhar, ao mesmo tempo que assume no presente, perante o interlocutor, o compromisso de o fazer no futuro. Por tudo o exposto, considera-se que este excerto é indicativo de um *ethos humilde*, virtude bastante valorizada nas sociedades portuguesa e brasileira.

6. A propósito do uso da primeira pessoa do plural, uma das marcas da Responsabilidade Enunciativa, Geffroy (1985) procedeu à seguinte classificação: nós de modéstia/majestade; nós de locutor coletivo, falando em nome de um grupo estatutário; nós ideológico ou partidário, em que existe uma confluência de ideais; nós nacional, apelando à união da comunidade. Este “nós” opõe-se ao “vós” que corresponde aos adversários políticos; nós pseudo-dialógico, convocando figuras do discurso (alguns dos quais históricos) que não devem ser confundidas com o público real; nós nacional, apelando à união da comunidade.

(13) PT2012: Quando este Governo tomou posse, Portugal tinha acabado de assinar um programa de ajuda financeira com instituições internacionais, um programa cujo valor global equivalia a quase metade de toda a riqueza que produzimos num ano.

(14) BR2011: A maioria dos brasileiros vai poder dizer isso nesta virada de ano, e, como Presidenta, me sinto feliz de partilhar esse sentimento. [...] O governo acaba de reduzir para zero o PIS-Cofins sobre massas, farinha e pão. Reduzimos, também, o IPI sobre geladeiras, fogões e máquinas de lavar, para baratear o custo desses produtos. [...] Até o final do nosso governo, vamos fazer o maior esforço para retirar da miséria os 16 milhões de brasileiros que ainda vivem na pobreza absoluta.

(15) BR2012: Este é um governo que confia no seu povo... Estamos realizando concessões para portos, aeroportos, rodovias e ferrovias em uma dimensão nunca feita.

Estes excertos são indicativos da utilização frequente da 1.^a pessoa do plural, tanto nas formas verbais [produzimos, reduzimos], como nos pronomes [nosso governo], e de expressões

ou vocábulos que mencionam diretamente o cargo governativo exercido, nomeadamente [desde que tomei posse, como Presidenta, governo]. Nestes casos, a 1.^a pessoa do plural é representativa de um “nós locutor coletivo”⁶, como classifica Geffroy (1985), pretendendo simbolizar o grupo estatutário - governo. Esta distinção do valor do “nós” é fundamental, pois em outros momentos discursivos surge um “nós de locutor coletivo”, que pretende ilustrar a comunidade. A observação de diferentes tipos de atos (assertivos, compromissivos, declarativos) nestes excertos revela que o *ethos institucional*, porta-voz de um grupo, neste caso, do governo, é uma imagem que perpassa ao longo de todo o texto e que deve ser considerado sempre em concomitância com outras.

4.3.2. ESPECIFICIDADES LINGUÍSTICAS EM *ETHÈ* COMUNS

Os dados resultantes do estudo da materialidade linguística revelaram que se podia construir o mesmo tipo de *ethos*, a partir de elementos linguísticos distintos, fenómeno que será demonstrado de seguida.

(16) PT2012: Conseguimos mesmo, pelo segundo ano consecutivo, atualizar as pensões mínimas acima da inflação.

(17) BR2011: O Brasil sem Miséria retirou 16,4 milhões brasileiros da pobreza extrema. Isso foi possível porque criamos a ação Brasil Carinhoso, uma nova forma de proteger crianças e jovens. Estamos complementando o Bolsa Família, garantindo uma renda de R\$ 70 por pessoa para famílias muito pobres com filhos de zero a 15 anos. Enfrentamos, com essa ação, a raiz da desigualdade. Protegendo as crianças e os jovens estamos construindo um futuro melhor para o Brasil. A continuidade da expansão do emprego no Brasil também é uma grande conquista. Somente até outubro deste ano, criamos 1,7 milhão novos postos de trabalho.

Partindo da análise de (16) e (17) pode-se constatar que, tanto o recurso à passiva de estado [está concluída] e ao pretérito perfeito do indicativo, associado à apresentação das

medidas genéricas concretizadas pelo governo, como o uso da perífrase estar + gerúndio, [estamos complementando], indicando continuidade da ação, concorrem para a construção do *ethos competente*. Outra diferença linguística diz respeito ao uso de expressões temporais, uma vez que as mensagens portuguesas são bastante parcias na utilização destes elementos, por oposição às brasileiras [Somente até outubro deste ano]. A nível argumentativo, a opção de incluir nas mensagens brasileiras as medidas não concluídas e os seus resultados, informação que não consta das mensagens portuguesas, pode ser uma estratégia política, na medida em que enfatiza a capacidade de agir do governo e revela o volume de trabalho.

As diferenças linguísticas estão também presentes nos seguintes excertos:

(18) PT2011: Queremos colocar as pessoas, as pessoas comuns com as suas atividades, com os seus projetos, com os seus sonhos, no centro da transformação do País. [...] Para construir a sociedade de confiança que queremos temos de reformar a Justiça, temos de tornar muito mais transparentes a máquina administrativa e as decisões públicas, temos de abrir a concorrência, agilizar a regulação e acelerar a difusão de uma cultura de responsabilidade no Estado, na economia e na sociedade.

(19) BR2011: Juntos, nós, brasileiros, vamos continuar melhorando econômica, social e politicamente e reforçando nossos valores morais e éticos. Vamos continuar transformando o presente e construindo um belo futuro para nossos filhos e netos.

No exemplar (18), observou-se o uso de atos diretivos, cujo objetivo ilocutório é conduzir o interlocutor no sentido de o incitar à ação. Estes atos estão marcados linguisticamente pela expressão volitiva querer + verbo [queremos colocar], pela frase complexa [Para construir a sociedade de confiança que queremos, temos de reformar a Justiça...], do tipo fim-meio, associado à perífrase ter de + infinitivo [temos de reformar], com valor deôntico. Ao nível dos índices de pessoas verificou-se a alternância entre o “nós nacional”, nas formas verbais da primeira frase, e o “nós de locutor coletivo”, nas restantes, ambos materializados pela 1.ª pessoa do plural. Esta mudança justifica também o caráter diretivo do enunciado, na medida em que transporta para o interlocutor a responsabilidade de agir. Ainda no primeiro exemplo,

7. Esta classificação foi nomeada por Charaudeau (2013), aquando da sua tipificação dos *ethè*.

considera-se que a utilização da estrutura paralelística gradativa [temos de reformar... temos de tornar... temos de abrir] funciona também como estratégia persuasiva diretiva.

Por seu turno, em (19), o uso da estrutura apostrófica adjetivo, pronome, nome [juntos, nós, brasileiros], seguido da perífrase de continuidade no futuro [vamos continuar melhorando, vamos continuar transformando], demonstra não só a crença na continuidade da ação do interlocutor, como a obrigatoriedade de o fazer. Neste caso, a utilização do futuro, é uma marca do tipo de ato diretivo. Ambos os excertos representam o *ethos guia-pastor*⁷.

4.3.3. ESPECIFICIDADES LINGUÍSTICAS CARACTERIZADORAS DE *ETHÈ* PARTICULARES

Se, por um lado, os dados obtidos mostraram que diferentes materialidades linguísticas podiam gerar o mesmo tipo de *ethos*, por outro, fizeram transparecer *ethé* próprios de cada estadista. São essas diferenças linguísticas que a seguir se discutem.

(20) PT2012: Ainda não podemos declarar vitória sobre a crise, mas estamos hoje muito mais perto de o conseguir. É uma condição essencial para sermos vitoriosos sobre a dívida e sobre o desemprego é acreditarmos em nós próprios. [...] Cumpre agora garantir que ninguém sairá desta crise sem a capacidade plena de aproveitar essas oportunidades. Ninguém que esteve presente nos piores momentos da crise, com a sua coragem e o seu esforço, será deixado para trás nos anos de oportunidade que temos pela frente.

Encontraram-se, exclusivamente nas mensagens de final de ano portuguesas, expressões e vocábulos militares [declarar vitória, sermos vitoriosos, ninguém será deixado para trás]. Para além destas, identificaram-se verbos declarativos [declarar] e compromissivos [cumprir], típicos dos atos ilocutórios com o mesmo nome, com valor deôntico de obrigação, e formas verbais no futuro imperfeito [sairá, será], o que revela, primeiramente, um incitamento à ação

e, secundariamente, a autoridade para o fazer. A frase complexa do tipo objetivo-condição [E uma condição essencial para sermos vitoriosos sobre a dívida e sobre o desemprego é acreditarmos em nós próprios] constitui, também, uma forma implícita de conduzir o interlocutor. Por tudo isto, considerou-se que existe neste excerto um *ethos de comandante*.

(21) BR2011: Nada melhor para uma mãe, ou para um pai de família, quando, numa noite de natal, pode dizer a seus filhos: "apesar das dificuldades, graças a Deus, esse foi um ano bom; e, com certeza, o próximo será ainda melhor". A maioria dos brasileiros vai poder dizer isso nesta virada de ano, e, como Presidenta, me sinto feliz de compartilhar esse sentimento.

A partir do vocabulário utilizado neste excerto, designadamente as palavras pertencentes aos campos semânticos da família [mãe, pai de família, filhos] e da religião [graças a Deus], bem como o recurso ao discurso direto ["apesar das dificuldades, graças a Deus, esse foi um ano bom; e, com certeza, o próximo será ainda melhor"] e a atos expressivos, percebe-se que há uma tentativa de estabelecer uma aproximação com o interlocutor por meio de um tom mais popular. Em virtude desta análise, entende-se que neste excerto se fabricam os *ethè familiar e religioso*.

Nestes *ethè* específicos (comandante, familiar e religioso) há uma evidente tentativa de inflamar as emoções do interlocutor, provando-se que, muitas vezes, o *pathos* pode ajudar na construção do *ethos*.

Em síntese, os dados obtidos pela análise linguístico-textual das mensagens determinaram a existência prolífera de marcadores quer da responsabilidade enunciativa, quer dos atos de fala, a partir dos quais se deduziu a presença de diferentes tipos de *ethè*. Na tabela que se seguem são apresentadas, sumariamente, as materializações linguísticas que determinam cada *ethè*, juntamente com uma breve definição dos mesmos.

Tipo de <i>ethè</i>	Definição	Materialização linguística
Ethos humilde	Reconhece os seus erros, faltas e defeitos.	<ul style="list-style-type: none"> ▪ 1.ª pessoa do plural no presente do indicativo; ▪ Escolha lexical; ▪ Advérbio modal epistémico; ▪ Penfrástica ter de + infinitivo com valor deontico de obrigação.
Ethos competente	Apresenta a prova da sua competência em executar as medidas propostas e do seu domínio sobre diversas matérias.	<ul style="list-style-type: none"> ▪ 1.ª pessoa do plural; ▪ Passiva de estado e pretérito perfeito do indicativo ou penfrástica de continuidade.
Ethos consciente	Compreende a realidade dos factos e da situação vivida pelos seus concidadãos.	<ul style="list-style-type: none"> ▪ 1.ª pessoa do singular no presente do indicativo; ▪ Escolha lexical;
Ethos agente	Compromete-se com a realização futura de ações e com a aplicação de determinadas medidas.	<ul style="list-style-type: none"> ▪ 1.ª pessoa do plural; ▪ Verbos no futuro ou em tempos verbais com o mesmo valor; ▪ Expressões temporais; ▪ Léxico com valor deontico de obrigação.
Ethos orgulhoso	Revela-se orgulhoso dos feitos dos seus compatriotas ou do seu governo.	<ul style="list-style-type: none"> ▪ 1.ª pessoa do singular; ▪ Escolha lexical.
Ethos solidário	Revela-se atento às necessidades dos outros; partilha as suas ideias e os seus problemas; responsabiliza-se para reverter a situação.	<ul style="list-style-type: none"> ▪ 1.ª pessoa do singular; ▪ Escolha lexical; ▪ Verbos que suportam percepções.
Ethos guia-pastor	Institui-se com um guia que indica o caminho a seguir.	<ul style="list-style-type: none"> ▪ 1.ª pessoa do plural; ▪ Frase complexa do tipo fim-meio; ▪ Perífrase ter de + infinitivo com valor deontico ou continuar + gerúndio, expressando continuidade; ▪ Apóstrofe.

Ethos solidário	Revela-se atento às necessidades dos outros; partilha as suas ideias e os seus problemas; responsabiliza-se para reverter a situação.	<ul style="list-style-type: none"> ▪ 1.ª pessoa do singular; ▪ Escolha lexical; ▪ Verbos que suportam percepções.
Ethos guia-pastor	Institui-se com um guia que indica o caminho a seguir.	<ul style="list-style-type: none"> ▪ 1.ª pessoa do plural; ▪ Frase complexa do tipo fim-meio; ▪ Perífrase ter de + infinitivo com valor deontico ou continuar + gerúndio, expressando continuidade; ▪ Apóstrofe.
Ethos institucional	Constitui-se como porta-voz de um grupo estatutário.	<ul style="list-style-type: none"> ▪ 1.ª pessoa do plural nas formas verbais e pronominais; ▪ Escolha lexical.
Ethos comandante	Constitui-se como líder. Comanda as massas e, simultaneamente, responsabiliza-se por elas.	<ul style="list-style-type: none"> ▪ 1.ª pessoa do plural no futuro; ▪ Escolha lexical (campo semântico militar) ▪ Verbos declarativos e compromissivos ▪ Futuro imperfeito
Ethos religioso	Deixa transparecer a sua religiosidade e a sua fé.	<ul style="list-style-type: none"> ▪ 1.ª pessoa do singular; ▪ Escolha lexical (campo semântico da religião); ▪ Discurso direto;
Ethos familiar	Expõe o seu respeito pelo valor da Família.	<ul style="list-style-type: none"> ▪ 1.ª pessoa do singular; ▪ Escolha lexical (campo semântico da família); ▪ Discurso direto;

5. REFLEXÕES PRELIMINARES

A análise linguístico-textual aplicada às “Mensagens de Final de Ano” pronunciadas por estadistas portuguesas e brasileiros permitiu identificar a existência de *ethè* comuns, em particular de competência, de potência e de chefe, mas cuja materialização linguística pode diferir. A nível linguístico, constatou-se, então, que a construção do *ethos* competente, nas mensagens

portuguesas, faz-se pelo recurso à perífrase “estar + particípio passado” ou “estar em fase de conclusão”, indicando uma ação terminada, enquanto o mesmo *ethos* é construído nas mensagens brasileiras através da perífrase “estar + gerúndio” que indica continuidade da ação ao qual se soma a utilização de expressões temporais [Até 2014; No começo de 2013]. Relativamente às diferenças argumentativas, observou-se que nas mensagens portuguesas existe a indicação das medidas gerais implementadas, ao passo que nas brasileiras se procede à identificação detalhada.

Após reflexão, coloca-se a hipótese de estas diferenças linguísticas poderem representar especificidades culturais. Reportemo-nos, por exemplo, ao modo como se posicionam em relação à situação comunicativa e ao interlocutor (referimo-nos aqui ao uso da 1.^a pessoa do plural ou do singular).

A mesma questão cultural parece justificar a existência de *ethè* específicos a cada chefe de governo. No caso português destaca-se a construção do *ethos* comandante, marcado linguisticamente pelo uso de referências militares, por verbos declarativos e por atos assertivos, bem como pela utilização de estruturas textuais que apelam à unicidade da pátria [Devemos lembrar as comunidades portuguesas e todos os emigrantes no estrangeiro, ou os nossos militares em missões noutras regiões do planeta], à defesa da comunidade [ninguém que esteve presente nos piores momentos da crise (...) será deixado para trás].

Em suma, a identificação de diferentes *ethè* e das diferenças materiais em *ethè* comuns lança a questão sobre a influência da cultura no processo constitutivo das imagens do sujeito discursivo. Por este motivo, pretende-se, em estudos futuros, estudar a relação entre a cultura e o *ethos*, uma vez que se considera, à semelhança de Kerbrat-Orecchioni (2002), que a língua é uma forma de exprimir a cultura, logo o *ethos* discursivo é, também, um veículo de cultura.

REFERÊNCIAS

- Adam, J-M. (2001). “En finir avec les types de textes”. In: Ballabriga, M. (dir). *Analyse des Discours Types et genres: communications et interprétations*. Toulouse: Editions Universitaires du Sud.
- _____(2008). *A linguística textual: introdução à análise textual dos discursos*. São Paulo: Cortez.
- Amossy, R. (2005). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto.
- Aristóteles (1998). *Retórica*. (P. F. A. & A. do N. P. trad. e notas de Manuel Alexandre Júnior, Ed.). Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Austin, J. (1986). *How to do things with words*. Oxford: University Press.
- Barthes, R. (2009). *La aventura semiológica*. Barcelona: Editorial Paidós.
- Charaudeau, P. (2013). *Discurso Político*. São Paulo: Contexto.
- Cornilliat, F., Lockwood, R. (2000). *Ethos et Pathos: le statut du sujet rhétorique: actes du Colloque International de Saint-Denis*, Paris, 1997. Paris: Honoré Champion.
- Ducrot, O. (1984). *Le dire et le dit*. Paris: Minuit.
- Geffroy, A. (1985). “Les nous de Robespierre ou le territoire impossible”. In: *Mots*, mars 1985, Nº10. Numéro spécial. *Le nous politique* (pp. 63-90). (Retrieved from http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/mots_0243-6450_1985_num_10_1_1185)
- Kerbrat-Orecchioni, C. (2002). “Système linguistique et ethos communicatif”. In: *Cahiers de praxématique*, 38, (pp. 35-57). (Retrieved from <http://praxematique.revues.org/540>).
- Maingueneau, D. (2008). A propósito do ethos. In: Motta, A. R. & Salgado, Lu. (Eds.), *Ethos Discursivo* (pp. 11-29) São Paulo: Contexto.
- Menéndez, F. (2007). “Salazar ou a conquista discursiva do poder”. In: *Veredas - Revista de Estudos Linguísticos*, (pp. 1-12). (Retrieved from <http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2009/12/artigo111.pdf>)
- Marques, M. A. (2007). “Comentário jornalístico político: interpretação de outros discursos e argumentação”. In: *Revista Diacrítica*, 21.1 (série Ciências da Linguagem), (pp. 127-1429). Minho: Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho. (Retrieved from http://ceh.ilch.uminho.pt/publicacoes/Diacritica_21-1.pdf)

PITA, SARA & PINTO, ROSALICE; CONSTRUÇÃO DOS *ETHÈ* EM DISCURSOS POLÍTICOS EM PORTUGAL E NO BRASIL:
UM ESTUDO COMPARATIVO

REDIS: REVISTA DE ESTUDOS DO DISCURSO, Nº 3, ANO 2014, PP. 126-154

Marques, M. A. (2008). “Arrogância e Construção do ethos no Discurso Político Português”. In: *Actas do III Simpósio Internacional de Análise do Discurso*, Brasil: Belo Horizonte (pp. 1-10). (Retrieved from <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/27048>).

Perelman, C. & Tyteca, L. *O tratado da argumentação – A nova retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

Pinto, R. (2010). *Como argumentar e persuadir. Prática política, jurídica e jornalística*. Lisboa: Quid Juris.

Searle, J. R. (1981). *Os actos de fala: um ensaio de filosofia da linguagem*. Coimbra: Livraria Almedina.

Construção dos objetos de discurso em artigos mediáticos de divulgação científica para crianças

RAMOS, RUI
rlramos@ie.uminho.pt

Professor Auxiliar da Universidade do Minho, Portugal

PALAVRAS-CHAVE:
divulgação científica;
media;
criança;
hiperestrutura.

RESUMO: O presente estudo analisa aspetos da construção textual de artigos mediáticos de divulgação científica com destinatário explícito infantojuvenil. Assume como fundamento que a relação que o sujeito estabelece com as instâncias que povoam os seus discursos pode ser reconhecida a partir dos objetos de discurso nele identificáveis. Estes revelam pontos de vista ou, noutros termos, a modalização operada pela atividade discursiva e materializada nos textos. Assume igualmente a noção de “contrato de comunicação” (Charaudeau, 2006), que considera o conjunto de convenções modeladoras da troca comunicativa. Em particular, focaliza-se a identidade dos leitores potenciais, com a sua enciclopédia própria, fortemente condicionadora dos modelos textuais a adotar, da escolha dos objetos de discurso a evocar e dos objetivos pragmáticos a perseguir – nomeadamente, os de “informar e captar” (Giering & Souza, 2013).

O corpus de análise é constituído por artigos de divulgação científica integrantes das revistas *Mega Power* e *Visão Júnior* de setembro de 2013, duas publicações mensais destinadas a crianças.

KEYWORDS:
public communication of
science;
media;
children;
hyperstructure.

ABSTRACT: This study examines the relevant aspects of textual construction of science communication media articles explicitly aimed at children and youth. It assumes that the relationship established by the enunciator with the entities which are present in their discourse can be recognized from their objects of discourse. These reveal the points of view or, in other terms, the modality operated by discourse and embodied in the texts. The study also adopts the concept of “communication contract” (Charaudeau, 2006), which takes in consideration the set of conventions that shape the verbal exchange. In particular, it focuses on the identity of potential readers, with its own encyclopaedia, strongly conditioning the adoption of textual models, the choice of objects of discourse and the pragmatic objectives – in particular, to “inform and attract” (Giering & Souza, 2013).

The corpus consists of public communication of science articles published in the magazines *Mega Power* and *Visão Júnior*, two monthly publications aimed at children and youth, in September 2013.

1. OBJETIVOS E CORPUS

1. Para os efeitos operacionais do presente estudo, o conceito de *criança*, assim como os conceitos conexos de *infância* ou *infantil*, por exemplo, abrange um intervalo entre os oito e os quinze anos, aproximadamente, sem prejuízo de concepções mais abrangentes ou mais restritivas que possam estabelecer diferentes limites ou considerar conceitos próximos, como os de *adolescente* ou *jovem*, por exemplo.

2. Num estudo sobre a macro-organização de textos de divulgação científica mediática para crianças, Giering afirma: “Constatamos igualmente que nos artigos que apresentavam o fim discursivo fazer-compreender a presença da sequência explicativa era obrigatória, com as sequências narrativas, descritivas e dialogais encaixando-se como sequências inseridas à dominante explicativa. Já nos textos de fim fazer-saber, a organização se dava em torno de sequências descritivas e narrativas dominantes, surgindo também, em menor grau, sequências explicativas inseridas, enquanto a sequência dialogal não aparecia” (2011: 111). Ver também Giering, 2008, 2009a.

1.1. O presente estudo pretende descrever os mais relevantes traços da estrutura de textos de divulgação científica mediática com destinatário explícito infantil¹ no espaço editorial português, evidenciando, em particular, a construção dos objetos de discurso e do *ethos* do enunciador (Amossy, 1999, 2010), ou a imagem que este de si produz e oferece à leitura.

Para o efeito, e visto que não existem no mercado nacional publicações periódicas exclusivamente dedicadas à divulgação científica para crianças, recorre a artigos neste âmbito extraídos das revistas generalistas para crianças *Visão Júnior* (sete textos) e *Mega Power* (cinco textos), na respetivas edições de setembro de 2013. Trata-se de duas revistas mensais, de circulação nacional, que, apesar de se poderem classificar como generalistas, ou por isso mesmo, integram regularmente alguns textos de divulgação científica.

1.2. Duas precisões conceptuais e metodológicas se impõem, para o adequado enquadramento do estudo.

1.2.1. Em primeiro lugar, importa esclarecer que se considera artigo de divulgação científica aquele que é marcado por didaticidade (Moirand, 1992), ou pelo objetivo ilocutório de tornar o alocutário mais competente (idem, Ramos, 2009). Esta precisão permite distinguir a divulgação do mero relato ou notícia de factos ou eventos, mesmo os que envolvem a ciência e a tecnologia, em que o objetivo de fazer-saber está presente, mas não o de fazer-compreender. Assim, só foram selecionados textos nos quais foi possível identificar operações de denominação, reformulação ou explicação envolvendo conceitos científicos. Estas operações, determinadas pelo referido objetivo ilocutório de fazer-compreender e concretizadas por recursos linguísticos específicos², caracterizam o que recortamos como artigo de divulgação científica – que, numa formulação emprestada de M. E. Giering, adota a “intenção languageira do produtor de modificar a percepção do leitor sobre determinado tema” (2011: 111).

1.2.2. Outro esclarecimento importante é o que incide sobre a noção de ciência. Apesar de, em muitos contextos de divulgação, esta se circunscrever às ciências naturais e às tecnologias, considera-se neste estudo todas as áreas científicas, nomeadamente as ciências sociais e as humanas. Assim, a par de artigos que apresentam e explicam processos tecnológicos ou invenções de novos instrumentos técnicos, são identificados outros que abordam questões sociológicas ou históricas, por exemplo.

2. O DISCURSO DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA MEDIÁTICA PARA CRIANÇAS

2.1. O discurso de divulgação científica mediática é enformado, como referem Charaudeau (2006), Giering e Souza (2013) e Giering (2014), por um duplo objetivo: o de informar o leitor (para o tornar mais competente), mas também o de captar a sua atenção. O primeiro destes objetivos é característico do discurso didático, sendo o segundo um traço próprio do discurso mediático.

2.1.1. Quanto à questão da competencialização do leitor, lembremos que Moirand (1992) aponta três dimensões da definição de didaticidade:

- a) a situacional, que a inscreve num quadro comunicacional em que o locutor possui um saber superior ao do seu alocutário e o partilha com aquele;
- b) a formal, que a identifica através da presença na superfície discursiva de marcas como definições, exemplificações, explicações, etc., assim como elementos paralinguísticos ou não linguísticos, como mapas, esquemas, ilustrações, etc.;
- c) a funcional, que considera o objetivo ilocutório perseguido, que corresponde a “tornar o alocutário mais competente”, ou fazer-saber e fazer-compreender.

As três dimensões interseccionam-se nos textos de divulgação científica mediática para crianças. Neste cenário, o enunciador apresenta-se como possuindo um saber estável,

3. Brasquet-Loubeyre (1994) assinala, para além das três dimensões de didaticidade apontadas por Moirand (1992), uma quarta: a “representacional”, correspondente a este saber divulgado e configurado como estável e definitivo.

definitivo, não problemático, inquestionável, num discurso que *o representa*, o que contrasta com o cenário próprio do saber da investigação, que é assumidamente instável, provisório, problemático, discutível³. Raramente há, nestes artigos, o questionamento das asserções ou algum contraponto ao que é apresentado como verdade científica. A controvérsia, a divergência de pontos de vista, os espaços não preenchidos nas conclusões dos estudos ou até nos seus pressupostos e metodologias não cabem no discurso de divulgação.

A focalização nos resultados, em detrimento dos processos, é outro traço característico do discurso de divulgação científica. E esta característica pode até ser contrária aos próprios objetivos de tornar o alocutário mais competente, na medida em que apresenta realidades fraturadas, parcelares ou superficiais. A apresentação de resultados, instantâneos e “úteis”, correspondendo tipicamente a avanços tecnológicos ou sociais palpáveis, a descobertas e inventos, contrasta com a apresentação dos processos, morosos e, muitas vezes, aparentemente “inúteis”, de explicação complexa e exigindo conhecimentos específicos.

2.1.2. A captação da atenção do leitor é fundamental. Os *media* usam, para esse efeito, múltiplas estratégias verbais e visuais, vivendo sob o permanente risco de ultrapassarem a tênue barreira que separa o jornalismo sério (o da chamada imprensa de referência) do puro espetáculo sensacionalista (típico dos chamados tabloides ou imprensa popular). Na divulgação científica o risco também existe, podendo ser identificado um conjunto de traços mais ou menos comuns e reiterados que caracteriza este tipo de discurso nos *media*: a criação de contrastes e de binarização, ao serviço da dramatização e da criação de cenários agónicos; excessivo relevo atribuído às conclusões ou aos resultados e correspondente menosprezo pelas premissas ou processos (como foi referido acima); uso frequente da quantificação absoluta, sem relativizar os valores, narrativização, etc. Busca-se assim atrair o leitor, fazer-sentir, tornar próximas as questões científicas, selecionando as mais propícias a tais procedimentos ou espetacularizando o que for possível espetacularizar.

2.2. A comunicação da ciência encerra ainda outra questão que importa evocar: a da

autoridade / credibilidade do enunciador, fortemente associada à sua imagem. Amossy reflete sobre o *ethos* do enunciador, ou a “*présentation de soi*” (2010: 7), que considera “*une dimension integrante du discours*” (idem: *ibidem*), e assinala que “*l’ethos est l’image que l’orateur construit de lui-même dans son discours afin de se rendre crédible*” (idem: 25).

2.2.1. No discurso entre pares, frequentemente referido como de disseminação, há todo um conjunto fortemente formalizado de regras que é imprescindível cumprir para ter acesso aos suportes relevantes de comunicação científica: as revistas e os livros apresentam regras explícitas de publicação, há uma ética científica que obriga a referenciar outros estudos, a voz de outros enunciadores é explícita e formalmente assinalada no relato de discurso alheio. Cada texto ostenta, de forma patente, a respetiva autoria, mesmo a origem institucional do(s) autor(es) e uma lista suficientemente explícita de referências bibliográficas. Os intervenientes colocam-se em nível semelhante quanto à competência científica e ao saber que detêm, mas a divergência de leituras, o questionamento e a discussão são próprios do processo. Os textos são submetidos ao escrutínio científico dos pares, pelo menos nas revistas mais conceituadas, antes da respetiva publicação; a identificação dos membros das comissões de avaliadores é publicada; o tempo que medeia a proposta de um manuscrito e a sua aceitação definitiva é frequentemente explicitado no texto final publicado; e até é apurado o impacto científico que os textos têm pela sua citação em publicações posteriores e outros mecanismos de bibliometria, em alguns casos. Há, assim, todo um processo complexo que leva à credibilização do autor de artigos científicos.

2.2.2. No discurso de divulgação mediática da ciência para leitores adultos, ainda que com um menor formalismo e muito maior vagueza, é igualmente comum encontrar referências e citações de estudos e relatórios científicos, a voz dos cientistas, etc. Entre outros efeitos, isso permite credibilizar ou autorizar a voz do divulgador-jornalista, visto que nem sempre este recebe por mérito próprio o reconhecimento do seu público quanto à sua competência na área científica a que respeita a sua produção mediática. Num cenário ideal de divulgação, o locutor dominaria o tópico científico, assim como as formas de divulgação, mas isso nem sempre

acontece e o divulgador-jornalista, segundo Moirand (1999), vive mesmo num permanente estado de “insegurança discursiva”, sentindo a responsabilidade de divulgar um saber que, reconhecidamente, não domina como os especialistas com quem contacta. A este facto não será alheia a proletarização da figura do jornalista e a exigência de domínio de múltiplos âmbitos de interesse social e técnicas de edição dos textos, além da imediatez que caracteriza a atividade jornalística atual. Num cenário de exigências deste tipo, não é possível ao divulgador-jornalista receber, processar e divulgar os conhecimentos que lhe chegam de produtores-cientistas com conhecimento especializado, focalizado e muito mais aprofundado do que o seu. Daí o jornalista ter de se centrar em gerir a informação que recebe, alocando a responsabilidade enunciativa original às fontes institucionalmente credibilizadas, o que constitui também, para si, uma forma de credibilização.

2.2.3. No caso do discurso de divulgação científica para crianças, uma das características do contrato de comunicação (Charaudeau, 2006, 2008) passa pela aceitação do enunciador como imbuído de autoridade absoluta sobre os factos científicos evocados. Este traço é verificável tanto no discurso mediático quanto nos manuais escolares, por exemplo, e manifestado na (quase) total ausência de citações, referências ou quaisquer outras formas marcadas de relato de discurso ou de evocação explícita de uma autoridade externa.

As ilustrações (uma das marcas de didaticidade formal para Moirand (1992)), por vezes na senda da tradição da ilustração científica, mas frequentemente encontrando novos modelos, contribuem para a criação de autoridade intrínseca e para sugerir uma retórica da evidência (Ramos, 2009), “mostrando” o real, mesmo quando este é reconstruído pelo desenho – seja como ilustração de um texto verbal, seja como banda desenhada ou como alguma outra forma de interação entre texto e imagem como, por exemplo, pela caricatura ou por representações mais ou menos humorísticas e afastadas da representação mais prototipicamente fiel e “figurativa”.

Um dos traços mais recorrentes dos discursos de divulgação científica mediática para crianças reside na modalidade alocutiva de interpelação, com um uso dos pronomes que de imediato identifica o discurso como sendo dirigido a crianças, ao mesmo tempo que o afasta definitivamente de qualquer possibilidade de ser entendido como destinando-se a adultos: o uso do pronome “tu”⁴. Através deste uso, o enunciador constrói um *ethos* de autoridade, adota uma posição de superioridade – ao nível do saber, naturalmente, lembrando que neste *frame* as relações de saber são fortemente assimétricas; mas também ao nível de um posicionamento que, de alguma forma, emula as relações pai/filho, por exemplo, e que autoriza interpelações diretas, questionamentos, incentivos e conselhos, numa realização de atos diretivos diretos mais ou menos atenuados ou intensificados.

Neste quadro, são por vezes identificáveis convites à participação direta do leitor, incentivando a responder a inquéritos ou a enviar comentários, contributos, perguntas e sugestões para a redação, com a promessa de resposta em futuras edições.

Para o sucesso da comunicação, na dupla dimensão de competencialização do leitor e de atração da sua atenção, é fundamental que o locutor mostre conhecer os mundos do alocutário. Tal evidência pode ser incorporada nos tipos de texto adotados, por exemplo, mas também na referenciação, ou construção dos objetos linguísticos, num processo de recategorização desses objetos de discurso. A materialização de conceitos abstratos, de difícil apreensão pelos sentidos ou de custosa apreensão individual, nomeadamente por sujeitos com experiência de vida limitada, é estratégia adotada para dar a conhecer conteúdos científicos, procurando na imagem, na comparação, na alegoria ou na metáfora os referentes conhecidos que podem servir de âncora para tal aproximação.

Ao mesmo tempo, verifica-se normalmente um relativo apagamento do enunciador, sendo os artigos publicados “da redação”, o que também contribui para a construção da autoridade: “l’effacement énonciatif et l’élaboration d’un discours impersonnel apparaissent dès lors comme un moyen sûr de présenter une image appropriée et crédible d’homme de science” (Amossy, 2010: 192).

4. M. E. Giering, na sequência de um largo conjunto de estudos sobre a divulgação científica para crianças no Brasil, afirma que, “nos artigos DC [divulgação científica] dirigidos ao público adulto (...), a relação com o leitor se dá diferentemente, por exemplo, o produtor não implica o leitor por meio do pronome você, nem pelo uso de verbos no imperativo. Ele não faz uso da primeira pessoa para o relato de uma experiência pessoal, tampouco assinala no texto avaliações emotivas de um objeto ou ser ou de uma ação, como acontece no *corpus* infantil. Na verdade, nos artigos endereçados ao público adulto, o discurso académico exerce influência mais forte do que nos artigos para crianças, embora também se observe a pressão da condição de captação” (2009: 78).

O parcial apagamento enunciativo não é incompatível com a expressão de emoção, de surpresa, de envolvimento emocional com os conteúdos objeto de divulgação. Essa é a vertente de criação de atração, de fazer-sentir (Souza e Giering, 2008). Em alguns casos, essa atração é conseguida pela sensação de transgressão: por exemplo, pela evocação de situações ridículas em que cairia um adulto imbuído de poder, pela evocação de animais tidos como repelentes, etc. Mas também o uso de formas textuais e de técnicas visuais familiares ao alocutário são importantes, como o uso profuso de ilustração e, nomeadamente, de hiperestrutura (Adam e Lugrin, 2000; Moirand, 2006; Souza e Giering, 2009; Giering, 2012; Souza, 2013).

3. EVIDÊNCIAS DO CORPUS

3.1. Dado o perfil generalista das duas revistas, os textos apresentam, regra geral, um caráter híbrido: trata-se de artigos que propõem atividades e jogos para as crianças e sustentam tais propostas com argumentos de índole científica, que apresentam curiosidades, enfim, que aparentam ter por objetivo pragmático dominante o de divertir / entreter o leitor. O conjunto de textos que se estende entre as páginas 24 e 28 da *Visão Júnior* (VJ) ilustra este caso: sugerem vários jogos que promoveriam a “atividade mental” (pp. 27) e, ao mesmo tempo, essas propostas de atividades são justificadas com o benefício que proporcionariam ao leitor:

(1) Quando ouvimos falar de exercício, pensamos em atividades físicas como a ginástica, o futebol ou a natação. E uma parte importantíssima do nosso corpo é muitas vezes esquecida – o cérebro! Mas será que ele pode melhorar quando é exercitado? A resposta é sim. Mas um único exercício não basta para melhorar tudo. Cada região do cérebro está preparada para uma determinada função.

E, ao contrário de um computador que, com o uso, vai ficando velho e lento, quanto mais se usa a memória, o raciocínio, a linguagem ou a atenção, mais ágeis ficam essas capacidades. Portanto, o que faz o nosso cérebro melhorar é a prática! (VJ: 25)

Desta forma, o caráter diretivo do minidossiê, que integra vários textos diferentes e cujos títulos são, entre outros, “Põe ‘a cabeça a trabalhar!’” (pp. 25) ou “Exercita-te!” (pp. 27), encontra-se justificado: trata-se de conselhos e, portanto, atos em favor do alocutário.

Essa circunstância autoriza o enunciador na realização deste ato intromissivo, autorização também encontrada na explicação científica (ou quase) que resulta na conclusão que encerra o excerto (1).

O enunciador constrói, desta forma, um *ethos* de alguém com a autoridade para dar conselhos, justificando a razão dos conselhos, dominando o conhecimento relevante, numa posição de superioridade face ao seu alocutário; mas que não impõe, antes deixa ao seu interlocutor a possibilidade de optar, apresentando-lhe as boas razões para que este faça a sua escolha e mesmo aproximando-se da posição deste pelo uso repetido do “nós” inclusivo, materializado nas formas verbais “ouvimos” e “pensamos” e no determinante “nossos” (que ocorre duas vezes no excerto).

Numa caixa de texto lateral, surge ainda uma informação de teor científico que, como texto periférico, contribui para o efeito de real e reforça a explicação e a atração pela curiosidade que encerra:

(2) O cérebro possui uma “rede” de centenas de milhares de milhões de células nervosas. Embora pese apenas cerca de um quilo, gasta em média 20% de toda a energia do corpo. (VJ: 24)

Este texto periférico partilha com o texto principal uma propriedade: a construção dos objetos do discurso faz-se por aproximação ou comparação com os objetos supostamente conhecidos do alocutário e/ou sobre os quais já foi produzido discurso, neste momento evocados da sua memória interdiscursiva, seja o computador que fica lento, seja a imagem da rede. Ambos pertencem ao que pode ser designado como “fios interdiscursivos” identificáveis na estrutura e no material textual da divulgação científica. Moirand, referindo-se à divulgação científica mediática para leitores adultos, defende a existência de um intertexto constitutivo da explicação mediática:

j'ai (...) été amenée à poser l'existence de *files interdiscursifs* sous-jacents qui serviraient de "rassembleurs" à ce patchwork de dires empruntés, files interdiscursifs qui me semblent constituer un interdiscours constitutif du discours médiatique, tel qu'il s'élabore au cours du temps (Moirand, 2000: 2688).

Com as naturais restrições associadas à condição essencial do destinatário, poderá afirmar-se o mesmo relativamente à divulgação científica mediática para crianças – e a ativação, na memória interdiscursiva, da imagem do computador que vai ficando lento com o uso ou da rede com as suas múltiplas interligações parece ser uma estratégia acessível e eficaz de explicar os conceitos em causa.

Há que assinalar que a imagem da rede parece ser sentida pelo enunciador como aproximativa, eventualmente pouco rigorosa, ou que este pensará que o leitor precisa de um alerta para não a interpretar literalmente. Daí o uso de aspas, recurso paralinguístico que indicará uma aproximação metafórica. Como foi referido acima, este caso ilustra um traço do discurso mediático de divulgação científica: a construção dos objetos de discurso tendo em conta o que o produtor pensa ou conhece da realidade do recetor.

Simultaneamente, o artigo em análise mantém traços de cientificidade: vocabulário específico (“células nervosas”) e quantificações exatas (“20%”), ainda que não deixe de explorar um efeito de estranheza (e a decorrente atração) obtido pelo contraste entre o pequeno peso face ao resto do corpo e a imensa energia que o cérebro consome: a clara orientação para o limite mínimo da escala de valores decorrente do uso do restritor “apenas” em “embora pese apenas cerca de um quilo” em oposição à orientação para o limite máximo da mesma escala em “20% de toda a energia do corpo”. Sublinhe-se o notório exercício de modalização, pela relativização ou correlação, operada pelo discurso, daquilo que são os valores absolutos: o peso objetivo do cérebro e o seu consumo objetivo de energia.

O caráter didático manifesta-se ainda na opção de construção textual com a integração de uma interrogação. Trata-se de um caso de dialogismo internacional constitutivo (Moirand,

1999), em que o produtor do artigo imagina uma interrogação possível como reação do seu leitor, a incorpora no texto e lhe dá resposta. Esta estratégia cria um maior dinamismo do que a simples apresentação de uma asserção, potenciando a adesão do leitor, ou seja, cumprindo o objetivo pragmático de o atrair.



Imagem 1 – VJ, pp. 24-25

3.2. O convite à participação efetiva pode ser exemplificado pelos textos das páginas 42 a 45 ou 54 e 55 da VJ. No primeiro deles, um jovem leitor incarna o papel de repórter, sendo mesmo reproduzido o que seria um cartão de identificação. E, na primeira das quatro páginas pelas quais esta peça se alonga, são feitos dois convites à participação dos leitores, em dois balões de texto diferentes, como pode ver-se na figura abaixo:



Imagem 2 – VJ, pp. 42-43

3.2.1. Os convites são realizados na forma típica de frase interrogativa: “Queres entrevistar alguém ou fazer uma reportagem?”; “Queres ser o próximo repórter júnior?”. Como é sabido, o ato ilocutório de convite comporta dimensões diretivas e dimensões comissivas⁵; as primeiras incidem, naturalmente, sobre o destinatário do convite, enquanto as segundas incidem sobre o seu destinador. Este compromete-se explicitamente a agir, nos termos previstos pelo conteúdo proposicional do enunciado produzidos, se o leitor decidir aceitar o convite: “faremos os possíveis por tornar o teu sonho realidade...”. E, como foi igualmente assinalado, o convite envolve necessariamente algum tipo de réplica: o convite “est une activité qui implique un échange social requérant deux participants, et également un certain type d'énoncé appelant une réplique” (Conein, 1986: 112). Assim, a interação e a atração do leitor são intensificadas.

3.2.2. O convite incorpora igualmente um julgamento do enunciador sobre o que é “bom” ou “mau” aos olhos do convidado. Ou seja, dá a ver as expectativas que o enunciador tem sobre o seu interlocutor, os seus desejos, os seus valores. Isto acontece na medida em que, por definição, o convite assume uma orientação prospetiva dos estados de coisas evocados e uma avaliação positiva desses estados de coisas. Trata-se, assim, de um ato em favor do alocutário. Neste caso, é a possibilidade de os jovens leitores da revista terem uma intervenção efetiva no seu conteúdo e verem o seu texto e o seu nome impressos e divulgados. De novo, está presente nesta estratégia a dimensão de atração do leitor, o seu envolvimento com a revista.

3.2.3. No segundo dos textos, uma peça sobre animais domésticos apresenta uma criança como protagonista e dona de uma égua (VJ, pp. 54-55). Também aí se encontra uma caixa de texto que convida:

(3) Participa! Queres ver-te aqui com o teu bicho? Escreve para vjunior@impresa.pt, indicando o teu nome, idade e telefone dos teus pais. (VJ: 55)

Neste caso, não é esquecida a necessária autorização paterna, condição própria do destinatário do convite. Mais uma vez, e tal como nos casos de convite apontados acima, a modalidade alocutiva de interpelação passa pelo uso de formas verbais de segunda pessoa do singular, por

5. A este propósito, Hancher afirma: “When I invite you to do something, I am indeed trying to direct your behavior. But more than that is involved. If I invite you to my party and then refuse to let you in, you will normally have grounds to object. The reason for this is that *an invitation is not only a directive but also a commissive*: it commits the speaker to do a certain course of behavior himself» (1979: 6). Ver também Ramos, 2005.

um pronome e pelos determinantes possessivos correspondentes, o que constitui um traço recorrente nestes textos destinados a crianças.

3.2.4. Na primeira das peças há um texto periférico que segue o protótipo da referenciação científica, como se vê pelo seguinte recorte:



Imagem 3 – VJ, pp. 45

Como pode verificar-se, o modelo textual replica o da ficha taxonómica típica da ciência, ainda que ocorram igualmente elementos de exemplificação (no caso dos espécimes citados como hipónimos de pequenos mamíferos), o que manifesta o carácter divulgativo do texto.

3.3. Também na revista *Mega Power* se encontra duas peças que, a par de marcas claras de divulgação, apresentam fichas taxonómicas simplificadas. Apresenta-se abaixo um desses textos:



Imagem 4 – MP, pp. 19

Este exemplo conjuga várias características relevantes do discurso de divulgação científica mediática para crianças.

3.3.1. A primeira a apontar, na sequência do ponto anterior, é a presença de traços claros do discurso científico, nomeadamente a ficha taxonómica, simplificada, que encerra a banda-desenhada, com termos técnicos. Mas também a definição, fornecida por uma das personagens, do conceito de “efémero”.

3.3.2. Outro traço relevante a assinalar é a estrutura narrativa de que este texto se reveste. Contrariamente ao modelo expositivo mais típico da ciência para uma circunstância correspondente, este texto narrativiza a explicação e fá-lo num modelo particular, de íntima interação e interdependência entre texto verbal e texto icónico: a banda-desenhada⁶.

Esta opção não só dá a ver um enunciador preocupado em atrair o seu público, como o mostra conhecendo e dominando as preferências do leitor infantil. Sendo o conceito de “efémero” de potencial difícil apreensão para este público, o enunciador optou por materializar numa situação concreta e por dar a ver, numa representação visual algo caricatural, o que as palavras poderiam ter dificuldade em representar.

3.3.3. Acresce ainda que este texto busca no humor, pelo insólito da situação, o seu poder atrativo, provocando o riso, ou fazendo-sentir o seu leitor, para fazer-entender. A narrativa gira em torno das características de um inseto específico, mas o que é focalizado é o seu curtíssimo tempo de vida. As personagens com as quais contracena são caricaturais e grotescas, dando lugar à aura de transgressão que marca o texto.

3.4. A transgressão surge como recurso de atração em outros textos nas duas revistas.

3.4.1. Como exemplo, pode apontar-se a peça que se encontra entre as páginas 36 e 38 da VJ, acerca do hábito de alguns povos comerem insetos, possibilidade considerada estranha e mesmo repulsiva pela cultura ocidental. Contudo, nesse texto, não só é feita uma pouco frequente referência a uma autoridade externa (“um estudo da Organização para a Alimentação

6. Sobre a relação entre narrativa e explicação nos textos de divulgação científica para crianças, ver, por exemplo, Giering, 2009a, 2011; Iracet e Giering, 2011; Iracet e Lunkes, 2011.

e Agricultura, uma instituição das Nações Unidas” – VJ, pp. 36), como são apresentadas as vantagens que teria uma alimentação à base de insetos, com termos técnicos, enunciação objetivizada e segmentos reformulativos, a par de recursos que manifestam a modalização. Estes elementos configuram um tratamento “sério” e autorizado do assunto, tipicamente associado a uma divulgação científica igualmente “séria” e não à transgressão.

Veja-se o exemplo seguinte:

(4) Os insetos comestíveis (cerca de 1900 espécies) são ricos em proteínas, cálcio e ferro. Há minhocas com tanto ómega-3 (um tipo de gordura saudável) quanto um peixe!

(...)

Pitéus como as tarântulas e as centopeias são da família dos artrópodes, à qual também pertencem os camarões e as lagostas. Que tal uma mariscada de centopeia?

(...)

Quem prova diz que [os insetos] têm sabores semelhantes a alimentos que fazem parte da nossa dieta. Por exemplo, larvas de barata sabem a frutos secos e tarântulas a frango! (VJ: 37)

Neste caso, ainda que se verifique a opção pela ocultação da presença do enunciador, pelo uso de uma estrutura impessoal, a avaliação é ostensiva na classificação irónica e provocante das tarântulas e das centopeias como “pitéus”, na sugestão desafiadora da interrogativa final de uma das sequências ou na comparação entre o sabor dos insetos e o de alimentos comuns. Há ainda uma avaliação implícita no uso da reformulação que permite a apreensão do termo “ómega-3”, na medida em que o enunciador mostra que considera o seu leitor incapaz de entender esse termo.

Para potenciar o efeito de transgressão, as imagens que ilustram o texto não só apresentam os insetos cozinhados e prontos a serem comidos, como mostram crianças prontas a fazê-lo (pp. 37) ou mesmo a comer um escorpião (pp. 38):

Pioçocas de formiga
 Da colômbiana já encontramos uma alternativa para o caso de faltarem opções no almoço: as formigas-cortadeiras têm um sabor muito parecido!

Insetos fritos para toda a gente!

Dois milhões de pessoas no mundo adoram iguarias de insetos. Agora, há quem defenda que todos devíamos experimentar... Argh!

Alguns fazem birra antes de comerem a sopa, outros queixam-se quando veem cebola no prato, mas qual seria a reação perante um hambúrguer de gafanhoto? Provavelmente, um sosorro «que nojo!». Uma coisa é certo: em zonas de ganho zero têm o dobro do ferro de um bife do lombo. Um estudo da Organização para a Alimentação e Agricultura, uma instituição das Nações Unidas, defende que uma dieta que inclua insetos pode ser uma boa solução para garantir a sobrevivência de todos os

Sabias que...?
 Entomofago significa alguém que come insetos!

As vantagens das 8 patas

- Os insetos contêm níveis elevados de proteínas, cálcio e ferro. Há variedades com tanto de cálcio (um tipo de gordinha saudável) quanto em peixe!
- A criação de vacas e porcos produz uma grande quantidade de gás metano, que aumenta o efeito de estufa e obriga a cortar o solo.
- Os insetos ocupam pouco espaço, reproduzem-se rapidamente e alguns são tão caros como caril (aves de esturjo ou de salmão). Talvez ser criador de insetos seja uma profissão com futuro...
- Alguns países têm que têm sabores semelhantes a alimentos que fazem parte da nossa dieta. Por exemplo, larvas de barata sabem a frutos secos e farinha de trigo!

Imagem 5 – VJ, pp. 36-37



Imagem 6 – VJ, pp. 38

Parece poder afirmar-se, então, que o enunciador não só participa no jogo infantil da transgressão, como o promove, intensificando a atratividade e a adesão.

3.4.2. Para a adequada análise deste texto, considere-se, neste momento, a reflexão de Charaudeau (2008) sobre o funcionamento do contrato de comunicação mediático. Defende o linguista que existem quatro restrições que o enunciador deve considerar:

- a) restrição de visibilidade, com implicações nas seleções temáticas da imprensa e exigindo a escolha de temas com reconhecimento e repercussão social;
- b) restrição de legibilidade, que impõe simplicidade no discurso e apoio iconográfico eficaz;
- c) restrição de seriedade, relativa à credibilidade prévia ou construída pelo enunciador no seu discurso;
- d) restrição de emocionalidade, manifestada nos recursos capazes de emocionar, chocar, surpreender ou, de alguma forma, envolver afetivamente o leitor.

Como assinala Giering, estas questões contratuais “são potencializadas quando o destinatário das publicações são crianças” (2012: 685). A investigadora concorda com a “contradição” apontada originariamente por Charaudeau (2008) entre as restrições de seriedade e de emocionalidade, que aparentam orientar-se em sentidos opostos.

Neste caso, a participação no jogo da transgressão inscreve-se na exigência de emocionar o leitor, levá-lo a sentir uma repulsa não racional, enquanto se apresentam argumentos racionais autorizados – balanceando o texto entre a restrição de seriedade e a de emocionalidade. Se, eventualmente, por um lado, um enunciador que entra no jogo pode pôr em risco a sua imagem de seriedade e confiança, por outro ganha no capítulo da empatia.

3.4.3. Um outro texto onde a transgressão se faz presente encontra-se na página 33 da MP, apresentando uma “biologia dos piolhos da cabeça” (ver imagem 7), assunto pouco agradável, num texto organizado em hiperestrutura (ver abaixo), com forte interação texto-imagem.

De momento, apontar-se-á somente que se trata, de novo, da abordagem de um assunto desagradável, associado à higiene e do foro íntimo, ainda que comum, em particular no universo da infância. O seu tratamento linguístico, com o recurso a vários termos técnicos ou vocábulos pouco frequentes (“ninfas”, “mandíbulas”, “exoesqueleto”, “eclosão”, etc), quantificações exatas (“2,5 a 3 mm de comprimento”, “três a quatro ovos por dia durante os 16 dias seguintes”, etc), enunciação objetivizada e complementaridade entre texto e imagem aproximam-no do texto científico ou do texto de divulgação científica “séria”, mas opções como a de intitular uma das caixas de texto “crescidinhos”, com uma quantificação subjetivizada e o uso do diminutivo, contrastam com a aparência de seriedade. Em particular, a atratividade para o público infantil repousará (para além da organização hiperestrutural, tratada abaixo) sobre o tema selecionado, respondendo em primeira instância à exigência de emocionalidade.

3.5. A organização hiperestrutural testemunha um vetor importante da construção da divulgação científica mediática, e não só para crianças, indiciando, mais uma vez, um enunciador que sabe criar e gerir formas de comunicação escriptovisuais próximas das práticas das crianças que são nativas digitais e frequentam o espaço virtual. Adam e Lugrin propõem a seguinte definição de hiperestrutura:

L’hyperstructure est un élément de structuration de l’information, intermédiaire et facultatif, situé entre le journal et l’article. Elle trouve son origine dans un processus d’éclatement ou de réunion et est formée d’un regroupement d’articles et d’images graphiquement et thématiquement liés, bornés par la double page. Ce regroupement, qui doit être à l’origine d’un dédoublement symbolique et non seulement indiciel, aboutit à un processus de scénarisation de l’information. (2000)

Assim, o enunciador ganha um estatuto expandido como mediador da informação – já não só da organização das ideias no seu texto, no modelo tradicional de escrita, mas também como gestor da atenção e de novas formas de comunicar.

Naturalmente, este enunciador não é já o jornalista individual, e não é também o ilustrador ou o paginador. Apesar de, em vários casos, a VJ identificar o autor dos textos e das fotografias

das suas peças, o *layout* resulta de mais do que a justaposição de texto e imagem; e, no caso da MP, os artigos não são assinados, sendo, de facto “da redação”.

3.5.1. Como exemplo de hiperestrutura, veja-se o seguinte texto da MP, numa dupla página que inclui igualmente, na secção mais à direita, o texto “Biologia dos piolhos da cabeça”, acima abordado:

CIENCIA

COMO SE FAZ O QUEIJO

Coagulação
 É por acção da caseína e do leite em coagular, a lactose transforma-se em açúcar e a gordura do leite coagula-se para o queijo. A lactose é o açúcar do leite.

Acidificação
 A acção da lactose no leite para transformá-lo em ácido do leite (lactato) que acidifica o leite. É isto que dá ao queijo o seu sabor forte.

Corte e salga
 Os coagulos são cortados para ajudar a remover a excessiva lactose e a libertar o salgado para ajudar a salar e conservar o queijo.

Forma
 O leite é espremido e o queijo é prensado num molde, ficando muito firme. Isto faz com que o queijo fique mais firme e mais fácil de cortar.

Cura
 A maturação do queijo é o processo de cura. Durante este tempo, as bactérias continuam a agir e a melhorar o sabor do queijo.

Pasteurização
 O leite é aquecido a 72°C durante 15 segundos para matar as bactérias e evitar a contaminação do queijo.

Seja parmesão ou flamengo, só precisa de três ingredientes: chá de leite, bactérias e enzimas.

O segredo está na enzima que faz com que a proteína do leite (caseína) se junte e forme um sólido. Os grupos de caseína encontram-se por norma separados por uma camada de água regular, que precisam de ser removidas - acidificando o leite ou adicionando enzimas, como a renina, que separa as caseínas em partes pequenas para induzir o coagulo. Com a acção das bactérias adicionadas, a temperatura e a quantidade de água mudam e remove-se o sabor final do queijo. Por exemplo, a mozzarella é fermentada e prensada para que fique com uma textura elástica, enquanto o queijo suíço é acidificado a temperaturas mais altas para ajudar a fermentação, tornando bolhas de dióxido de carbono que resultam numa textura final efervescente.

QUERO SABER
TODOS OS MESES NA MÃO DA
TEMPESTADE COMETAS
 Os factos e curiosidades do mundo que te robam a imaginação de preservar

Biologia dos piolhos da cabeça Descobre como se reproduzem e espalham

SENTIDA
 Os piolhos são insectos que habitam no cabelo humano e alimentam-se de sangue.

MEIA
 A vida média de um piolho é de 30 dias.

CRESCIMENTO
 Um piolho adulto mede 2,1 a 3 mm de comprimento e atinge o seu peso máximo em 10 dias.

REPRODUÇÃO
 Os piolhos reproduzem-se rapidamente e a fêmea pode produzir até 10 ovos por dia.

POSTURA
 Um piolho pode sobreviver até 48 horas sem a cabeça humana.

Ciclo de vida do piolho

OVOS
 Os piolhos põem ovos directamente no cabelo humano. Os ovos são muito pequenos e são muito fáceis de detectar.

ECILIAÇÃO
 Os ovos eclodem e os piolhos jovens nascem no cabelo humano.

MAIS OVOS
 A fêmea pode pôr até 10 ovos por dia durante os 10 dias seguintes.

MORTE
 Em média, a vida útil de um piolho é de 30 dias.

POWER

Imagem 7 – MP, pp. 32-33

Este texto ilustra o processo de desconstrução do texto tradicional, pela sua descontinuidade e não linearidade, e pela forte interdependência entre texto verbal e imagem, pelo emprego de uma infogravura, “manifestação sincrética de imagem e verbo” (Souza, 2013: 239).

O recurso a infogravuras na composição dos textos não é propriamente novo, como assinala Souza (2013). Esta autora associa-o a uma tradição que vem desde tempos remotos, assinalando que, fixadas em pedra, couro, cerâmica ou outros materiais, as imagens acompanham os textos há séculos. Contudo, a confluência entre texto icónico (pictogramas, diagramas, gráficos, ilustrações e/ou fotografias) e texto verbal conheceu uma explosão na imprensa e, em particular, naturalizou-se com o advento da *internet*.

A imagem 7 oferece uma articulação texto-imagem fortemente atomizada, uma composição impossível de entender se eventualmente fosse apresentada somente na sua vertente verbal, sem as imagens. Esta observação confirma que a interação entre as componentes verbal e icónica é constitutiva do artigo, não um mero “arranjo” de ilustrações após a escrita do texto verbal. Ainda que a organização dos seis blocos de texto presentes na página da esquerda sugira uma orientação de leitura, dependente da respetiva tradição ocidental (de cima para baixo e da direita para a esquerda), não há necessariamente uma ordem de leitura obrigatória, encerrando cada segmento ou bloco algum grau de independência face aos restantes e ao todo, ainda que nele se integre para construir a mensagem global do artigo. Cada segmento de texto pode ser lido e relido, estando associado a uma área e a um elemento da imagem global, associação tornada bem evidente pela sua localização no espaço cénico da dupla página, pelo seu título individualizante e pela seta, elemento icónico de orientação da interpretação, que une os dois elementos.

3.5.2. O título do artigo, “Como se faz o queijo”, localizado sensivelmente no centro da dupla página, assume em pleno o seu papel catafórico, anunciando a explicação que será organizada nos vários blocos de texto e imagem.

Cada um destes blocos é formado por uma ou duas palavras (“pasteurização”, “acidificação”, “coagulação”, “corte e salga”, “forma” e “cura”), sobre fundo amarelo, e uma sequência textual, abaixo, sobre fundo cinzento. Esta organização aproxima-se da que se encontra em dicionários ou enciclopédias: uma entrada e a respetiva glosa. De facto, as “entradas” correspondem a termos técnicos desta área de atividade e a “glosa” à sua explicação adequada às possibilidades de compreensão do leitor previsto. Trata-se, então, de um conjunto de operações de reformulação, com valor explicativo – configurando, desta forma, um evidente traço de didaticidade. Contudo, a adoção de uma organização narrativa destes segmentos de texto mostra a hibridez que caracteriza o todo. Cada “glosa” não é apresentada exatamente como a definição clássica da sua “entrada”, mas como inscrição daquele procedimento numa cadeia de ações entre o início do tratamento do leite e a sua transformação final em queijo.

Várias das “glosas” apresentam, por seu lado, novas operações de reformulação ou de exemplificação, como no seguinte exemplo: “Junta-se bactérias ao leite para transformar o açúcar do leite (lactose) em ácido láctico”.

O bloco de texto presente na página da direita encerra a explicação. Também ele apresenta um conjunto de termos técnicos (“parmesão”, “flamengo”, “bactérias”, enzimas”, “caseína”, “renina”, “coalho”, etc) e alguns deles são objeto de procedimentos de reformulação e exemplificação com objetivos didáticos. Este segmento parece contrastar, pelo uso de terminologia técnica ou específica, com a acessibilidade que caracteriza o resto do texto. Será, eventualmente, o contraponto mais técnico de um todo que não renuncia a tentar explicar o que é complexo de uma forma compreensível aos leitores.

3.5.3. O tema inscreve-se num universo de experiências que a generalidades das crianças domina, na medida em que estas sabem o que é o leite e o queijo e sabem, inclusivamente, que o primeiro constitui a matéria-prima do segundo. Não é habitual dominarem, contudo, a terminologia específica nem é habitual terem a perceção do processo em si, das sequências de diferentes operações e do fator tempo envolvido na produção do queijo. A possibilidade de

nomearem cada passo, diferenciando-o dos restantes, constitui um avanço na sua perceção dos fenómenos complexos, alargando efetivamente o seu entendimento do mundo.

3.5.4. O artigo em análise cumpre, pelo tema abordado e por apresentar uma organização hiperestrutural, as restrições apontadas por Charaudeau (2008): a de visibilidade, na medida em que o artigo aborda o processo de produção de um bem alimentar comum, conhecido pelos leitores previstos e apontado como essencial na alimentação de crianças; a de legibilidade, pela eficácia discursiva e iconográfica na transmissão do saber; a de seriedade, pelo carácter científico conferido pelos termos técnicos e sua explicação, assim como pela ilustração; e a de emocionalidade, pela capacidade de envolver a curiosidade do leitor e de o atrair para a leitura.

4. NOTAS FINAIS

De forma breve, sublinha-se que o enunciador dado a ver pelos textos analisados é uma entidade coletiva, capaz de mediar a troca de informação entre a ciência e a criança leitora mantendo um difícil equilíbrio entre a autoridade conferida pela posse do saber e a atratividade que a aproximação ao leitor lhe confere. Este enunciador constrói objetos de discurso acessíveis ao leitor; antecipa as suas dúvidas (num processo que Moirand (1999) designa como dialogismo interacional constitutivo); recorre à modalidade alocutiva de interpelação direta ao leitor e ao emprego de verbos no Imperativo, incentivando à participação e à ação; usa frequentemente frases exclamativas e imagens impactantes, realiza avaliações emotivas das coisas e seus estados, incorre no campo da transgressão, com o objetivo ilocutório de fazer-sentir e, assim atrair o seu público; e recorre a organizações hiperestruturais, com uma composição fraturante face ao modelo típico de texto, optando por novas explorações ao nível verbal e icónico.

A presença do leitor nos textos, enquanto “ponto de ancoragem da didaticidade” (Moirand, 1992), é fundamental no desenho da divulgação científica mediática para crianças e o enunciador gere a sua presença de autoridade e de parceria, procurando o equilíbrio que melhor serve os seus propósitos de informar e captar o leitor.

REFERÊNCIAS

- Adam, J.-M. & Lugrin, G. (2000). L'hyperstructure: un mode privilégié de présentation des événements scientifiques?. *Les Carnets du Cediscor* (en ligne), 6, 133-149. Acedido em janeiro 8, 2015 em <http://cediscor.revues.org/327>
- Amossy, R. (1999). *Images de soi dans le discours*. Paris: Delachaux et Niesté.
- _____ (2010). *La présentation de soi. Ethos et identité verbale*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Brasquet-Loubeyre, M. (1994). Marques de didacticité dans les discours de vulgarisation scientifique à la radio. *Les carnets du CEDISCOR*, 2 (Discours d'enseignement et discours médiatiques. Pour une recherche de la didacticité), 115-125.
- Charaudeau, P. (2006). *Discurso das mídias*. São Paulo: Contexto.
- _____ (2008). *Linguagem e discurso: modos de organização*. São Paulo: Contexto.
- Conein, B. (1986). Conversation et interaction sociale: analyse de séquences d'offre et d'invitation. *Langages*, 81, 111-120.
- Giering, M. E. & Souza, J. A. C. (2013). Informar e captar: objetos de discurso em artigos de divulgação científica para crianças. *Referenciação: teoria e prática*. São Paulo: Cortez, pp. 205-232.
- Giering, M. E. (2008). A divulgação científica midiática para crianças e os fins discursivos. *Revista do Gel*, 5(1), 181- 195.
- _____ (2009). Artigos de divulgação científica midiática para jovens e o fazer-sentir. *Discursos de popularização da ciência*. Vol 1. Santa Maria, RS: PPGL Editores, pp. 71-79.
- _____ (2009a). A organização retórica de artigos de divulgação científica midiática e a organização sequencial do texto. *Desenredo*, 5(1), 78-99.
- _____ (2011). "Explicar temas científicos para crianças: regulações descendentes e ascendentes sobre a macroorganização do texto". *Revista Diadorim / Revista de Estudos Linguísticos e Literários do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro*. Volume 10, 110-124.
- _____ (2012). Referenciação e hiperestrutura em textos de divulgação científica para crianças. *Linguagem em (Dis)curso*, 12(3), 683-710.

Giering, M. E. (2014). Divulgação científica midiática para crianças e a visada de captação. *Intersecções*, 14, 85-97.

Hancher, M. (1979). The classification of cooperative illocutionary acts. *Language in society*, 8(1), 1-14.

Iracet, E. & Giering, M. E. (2011). Divulgação científica para crianças: narrar para explicar. *Notas de Pesquisa*, 1(0), 100-103.

Iracet, E. & Lunkes, F. (2011). Divulgação científica midiática para crianças: as narrativas que explicam. *Entrelinhas*, 5(1), 41-53.

Moirand, S. (1992). Autour de la notion de didacticité. *Les carnets du CEDISCOR*, 1 (Un lieu d'inscription de la didacticité. Les catastrophes naturelles dans la presse quotidienne), 9-20.

_____ (1999). Les indices dialogiques de contextualisation dans la presse ordinaire. *Cahiers de praxématique*, 33, 145-184.

_____ (2000). Les manifestations discursives dialogiques de la rencontre entre sciences, médias et politique. *Lengua, Discurso, Texto. (I Simposio Internacional de Análisis del Discurso)*, Vol. II, Madrid, Visor, pp. 2681-2697.

_____ (2006). De l'aire de la page a l'hyperstructure et a l'ecran: comment lire et analyser la presse quotidienne ordinaire. *Revista Internacional de Filologia y su Didáctica*, 29, 295-320.

Ramos, R. (2005). O acto ilocutório de convite no discurso infantil. *Ciências da Linguagem: 30 anos de Investigação e Ensino*. Braga: Centro de Estudos Humanístico - Universidade do Minho, pp. 239-260.

_____ (2009). *O discurso do ambiente na imprensa e na escola. Uma abordagem linguística*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian / Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

Souza, J. A. C. & Giering, M. E. (2008). Lendo e escrevendo divulgação científica: fazer-saber e fazer-sentir. *Anais do III Simpósio Internacional sobre Análise do Discurso*. Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais, v. 1. pp. 1-9.

_____ (2009). O infográfico: a multimodalidade e a semiolinguística. *Revista da ANPOLL*, 27(2), 73-98.

Souza, J. A. C. (2013). Texto e discurso no infográfico de Divulgação Científica Midiática (DCM). *Calidoscópio*, 11(3), 229-240.

Modalité expressive en portugais dans le texte littéraire (littérature lusophone) et sa traduction en français: l'expression de l'émotion

WARROT, CATARINA VAZ
catarinavazw@yahoo.fr

MOTS CLÉS:
modalité expressive;
modalité axiologique;
traduction;
littérature lusophone
contemporaine.

KEYWORDS:
expressive modality;
axiological modality;
translation;
Portuguese contemporary
literature.

Doutora em Estudos Portugueses e Linguística pela Universidade Paris 8 em cotutela com a Universidade Nova de Lisboa
Pós-doutoranda em Linguística no Centro de Linguística da Universidade do Porto (CLUP)
Bolsreira de pós-doutoramento da Fundação para a Ciência e Tecnologia

RÉSUMÉ: Dans cet article nous nous proposons d'établir une analyse comparative de l'expression de l'émotion par le biais de traductions en français d'œuvres littéraires lusophones contemporaines. Notre *corpus* est composé des œuvres suivantes: *Cemitério de Pianos* de José Luís Peixoto, *Tratado das Paixões da Alma* de António Lobo Antunes et *Niketche, Uma história da Poligamia* de Paulina Chiziane. A partir de ce corpus nous avons essayé de mettre en évidence quelques procédés qui représentent la modalité expressive – les phrases exclamatives, les interjections et les diminutifs et augmentatifs dans les deux langues. Nous nous sommes demandés si l'expression de l'émotion avait le même degré d'intensité en français et en portugais ou si elle était, au contraire, atténuée ou intensifiée ?

Notre *corpus* révèle l'existence de «zones de fragilité» (cf. Maria Helena CARREIRA : 1990-1991 :1) dans le passage du portugais au français, principalement en ce qui concerne l'emploi des diminutifs. Ces fragilités sont caractérisées par une fréquente réduction du degré d'intensité pouvant même arriver à son annulation. Nous avons également observé que l'ironie, présente dans quelques exemples de diminutifs, est détournée et le degré et le type de modalité sont altérés. La modalité axiologique qui se lie à l'expression de la subjectivité et qui demande la participation du lecteur semble en effet poser des difficultés au traducteur qui fréquemment les annule ou leur donne une valeur différente.

ABSTRACT: In this article we propose to establish a comparative analysis of the expression of emotion through French translations of contemporary Portuguese literature. Our *corpus* is composed of the following literary works: *Cemitério de Pianos* by José Luís Peixoto, *Tratado das Paixões da Alma* by António Lobo Antunes et *Niketche, Uma história da Poligamia* by Paulina Chiziane. From this corpus we have tried to highlight some processes which represent the expressive modality - the exclamatory sentences, interjections and diminutive and augmentative in both languages. We wondered if the expression of emotion had the same degree of intensity in French and Portuguese, or if it was, instead, attenuated or intensified?

Our *corpus* reveals the existence of “delicate areas” (cf. Maria Helena CARREIRA: 1990-1991: 1) in the translation from Portuguese to French, mainly regarding the use of diminutives. These weaknesses are characterized by frequent reduction of the intensity and can even get to its cancellation. We also observed the irony present in some examples of diminutives, is diverted and the degree and type of modality are corrupted. Axiological modality that binds to the expression of subjectivity, and which requires the participation of the reader seems to generate difficulties to the translator who frequently cancels them or gives them a different value.

1. INTRODUCTION

Un énoncé ou un discours peut comporter des unités linguistiques aussi bien objectives que subjectives liées aux sentiments, aux idées, aux croyances et aux jugements de valeur du sujet parlant et/ou écrivant.

Nous nous proposons de mettre en évidence quelques procédés de modalité expressive présents dans des œuvres littéraires – lusophones – et leur traduction en français. Est-ce que l'expression de l'émotion transmise par les phrases exclamatives, par les interjections et par les diminutifs et augmentatifs a le même niveau d'intensité dans les deux langues, ou bien est-elle atténuée ou accentuée ? Maria Helena Carreira dans «Modalidades Linguísticas do Português e sua tradução em francês: alguns aspectos»¹ a très clairement posé les enjeux d'une étude comparative du texte original en portugais et de sa traduction en français:

Uma análise comparativa de modalidades linguísticas no texto original e na sua tradução será reveladora de distorções mais ou menos acentuadas na sua transposição de uma para outra língua, pondo assim em evidência zonas de maior dificuldade para a tradução. (p.1)

2. APPROCHES THÉORIQUES DE LA MODALITÉ

Comme le précise Meunier² «le terme (modalité) est saturé d'interprétations qui ressortent explicitement ou non, selon les linguistes qui l'utilisent, de la logique, de la sémantique, de la psychologie, de la syntaxe, de la pragmatique ou de la théorie de l'énonciation».

Charles Bally a accordé une place importante à la notion de modalité, composée de «dictum» et de «modus». Ces deux notions primordiales constituent la base de la théorie de la modalité. Selon Bally, la «phrase explicite» comprend deux parties dont l'une est le «dictum», «la représentation reçue pas les sens, la mémoire ou l'imagination», et l'autre, le «modus» «l'opération psychique du sujet pensant»³.

1. Carreira, Maria Helena de Araújo. (dezembro de 1990 / Março de 1991). Modalidades Linguísticas do Português e sua Tradução em Francês: Alguns Aspectos. *Revista ICALP*, vol.22 e 23, p.15-28.

2. Meunier, A.(1974). Modalités et communication. *Langue Française*, n°21, Paris : Larousse, p.8.

3. Bally, C. (1932/ 1965). *Linguistique Générale et Linguistique Française*. 4ème édition. Berne: A. Francke, Verlag, p.36.

Pour préciser la complexité du terme de modalité, Meunier affirme que la modalité «renvoie à des réalités linguistiques très diverses («modes» grammaticaux ; temps ; aspects ; auxiliaires de «modalité» : pouvoir, devoir ; négation ; types de phrase : affirmation, interrogation, ordre; verbes «modaux» : savoir, vouloir... ; «adverbes modaux» : certainement, peut-être, etc)»⁴.

4. Meunier, A. *op.cit.* p.8.

5. Nolke, H.(1993). *Le regard du locuteur. Pour une linguistique des traces énonciatives.* Paris: Kimé, p.85.

6. *Idem*, p.143.

Nølke⁵ propose quant à lui la définition suivante : «Par modalités d'énonciation, j'entends les éléments linguistiques qui portent sur le dire, pour reprendre une expression chère à beaucoup de linguistes. Ce sont les «regards» que le locuteur jette sur son activité énonciative». Insistant sur la distinction entre les modalités d'énonciation et les modalités d'énoncé, il ajoute que «si les modalités d'énonciation portent sur le dire, les modalités d'énoncé portent sur le dit»⁶.

Il existe trois formes de base des modalités d'énonciation, qui correspondent aussi aux types de phrase : assertifs (déclaratifs), interrogatifs et injonctifs (impératifs). Dominique Maingueneau ajoute l'exclamation en affirmant que «l'exclamation fait appel à une grande diversité de structures (...). Il s'agit toujours d'exprimer un haut degré»⁷.

7. Maingueneau, D. (199). *Syntaxe du Français.* Paris: Hachete, p.58.

Les modalités d'énoncé renvoient au contenu de l'énoncé, marqué par l'attitude du locuteur vis-à-vis de ce qu'il énonce. Elles recouvrent un domaine plus vaste que les modalités d'énonciation. Les questions concernant la diversité des catégories de la modalité d'énoncé et ses interprétations sont multiples.

8. Pottier, B. (1992). *Sémantique Générale.* Paris: PUF.

Parmi les nombreuses classifications, nous fonderons notre distinction sur le classement des modalités défini par Bernard Pottier⁸. Le linguiste définit une première relation : L'Épistémique (orientée vers la perception, le savoir, le croire) et la Factuelle (orientée vers l'agir : faire ou dire). S'y ajoute le jugement sur tout ce qui est formulé avec la catégorie Axiologique. Et une généralisation qui se veut indépendante, prendra la forme de la modalité Existentielle (onthique et aléthique).

Nous avons suivi la référence faite par Bernard Pottier de quelques moyens d'expression de la modalité axiologique:

Les moyens d'expression sont multiples et souvent paralinguistiques (intonations difficilement répertoriables, emphase phonique ou gestuelle, typographie phatique....).⁹

9. *Idem*, p.218.

Le nuancement du jugement peut être exprimé par tout grammème valoratif : les laudatifs (diminutifs, affectifs) et les péjoratifs : (...).

Les formes de politesse prennent place ici, puisqu'il s'agit de la considération que l'on veut accorder à son interlocuteur.¹⁰

10. *Idem*, p.219.

3. ANALYSE COMPARATIVE

Notre *corpus* est constitué d'exemples extraits de 3 œuvres littéraires :

- JOSÉ LUÍS PEIXOTO, *Cemitério de Pianos*, [2006], 5^a ed, 2010, Lisboa, 284p.

JOSÉ LUÍS PEIXOTO, *Le cimetière de pianos*, traduit du portugais par François Rosso, 2008, 357p.

- ANTONIO LOBO ANTUNES, *Tratado das Paixões da Alma*, Lisboa, Dom Quixote [1990], ed. Ne varietur, 2005, 400p.

ANTÓNIO LOBO ANTUNES, *Traité des Passions de l'Âme*, Paris, Christian Bourgois Éditeur, traduit du portugais par Geneviève Leibrich, 1993, 420p.

- PAULINA CHIZIANE, *Niketche*, Uma história da Poligamia, Lisboa, Caminho, 2002, 334p.

PAULINA CHIZIANE, *Le Parlement conjugal, Une histoire de polygamie*, Actes Sud, roman traduit du portugais (Mozambique) par Sébastien Roy, 2006, 379p.

Nous avons orienté notre étude de la modalité expressive en portugais en restreignant notre approche aux diminutifs, aux augmentatifs et aux interjections dans des phrases exclamatives.

I.

Les diminutifs en portugais assument une forme particulière car la plupart d'entre eux sont formés par les suffixes «-inho», «-ito» ou «-eco». Ces diminutifs indiquent, en plus d'une

valeur quantitative, des informations liées à l'émotion : la tendresse, l'ironie, la moquerie. Ces informations peuvent ainsi être considérées comme des éléments axiologiques. Observons comment ils sont traduits en français où l'emploi de ce type de suffixes est plus restreint et comment le traducteur a réécrit les degrés d'émotion qu'il a perçus dans le texte de départ.

Dans quelques cas, notamment ceux où le diminutif a principalement une valeur quantitative, le traducteur emploie le mot «petit» ou un équivalent, restituant, en français, une valeur équivalente au portugais : exemples 1.1. à 1.10.:

1.1. « <u>uisquezinho</u> », p.10 (A.L.A)	« <u>un petit whisky</u> », p.8
1.2. « <u>bigodinho</u> » p.11 (A.L.A)	« <u>petite moustache</u> » p.9
1.3. « <u>bolhinhas</u> » p.11(A.L.A)	« <u>petites bulles</u> » p.10
1.4. «Basta um mês nos calaboiços da Judiciária, sem postigo e com a verruga de uma <u>ampolazinha</u> no tecto (...)» p.20(A.L.A)	«Il suffit d'un mois dans les cachots sans volets de la Judiciaire, avec <u>une petite ampoule</u> au plafond comme une verrue (...)», p.22
1.5. « <u>rugazitas</u> »; « <u>cabelitos brancos</u> » p.37 (A.L.A)	« <u>petites rides</u> », « <u>quelques petits cheveux blancs</u> » p.39
1.6. «- Não, minha senhora, era só <u>uma palavrinha</u> em privado, a gente espera.» p.50 (A.L.A)	«- Non, madame, nous voudrions juste vous dire <u>deux mots</u> en privé, nous attendrons.» p.52
1.7. «Os amigos doutores, policias e ministros dizem parabéns e desejam longa vida, tomam uma <u>bebidinha</u> , arastam as mulheres para casa, dizendo que têm outros compromissos (...)» p.110 (P.C.)	«Ses amis grands messieurs, policiers et ministres le félicitent et lui souhaitent longue vie, prennent <u>un petit verre</u> , et entraînent leur femme à la maison, disant qu'ils ont d'autres compromis (...)» p.126

1.8. «Decido preparar uma <u>conspirazãozinha</u> contra o Tony, com o apoio da minha família.» p.98 (P.C.)	«J'ai décidé de monter une <u>petite conspiration</u> contre Tony, avec l'appui de ma famille.» p.112.
1.9. «Se alguém me emprestasse um <u>dimheirinho</u> iria começar já o meu negócio.» p.118 (P.C.)	«Si quelqu'un me prêtait un <u>peu d'argent</u> , je me lancerai sans tarder dans un négoce.» p.136.
1.10. «Nunca fizeste assim uma <u>poçãozinha</u> de amor ou coisa parecida?» p.176 (P.C.)	«Tu n'as jamais concocté une <u>petite potion</u> d'amour ou quelque chose de semblable ?» p.204

Dans d'autres cas, le diminutif acquiert des modalités affectives. Le traducteur, pour ces cas-là, essaie de trouver un équivalent dans la langue d'arrivée : exemples 1.11. à 1.21.

1.11. «O meu marido, por exemplo – diz uma vizinha-, largou-me faz anos e correu atrás de uma <u>menininha</u> de catorze anos, para começar tudo de novo.» p.14 (P.C.)	«Mon mari, par exemple, dit une voisine, m'a laissée il y a des années pour courir après une <u>gamine</u> de quatorze ans et repartir de zéro.» p.14-15
1.12. «Mencione ao Homem, a <u>avozinha</u> lésbica, sugira testemunhas, e insinua uma notícia nos jornais que costuma dar um resultado e peras.» p.43 (A.L.A)	«Parlez au bonhomme de sa <u>chère grand-mère</u> lesbienne, suggérez des noms de témoins, mentionnez la publication d'un entrefilet dans les journaux, d'habitude ça donne des résultats formidables.» p.45
1.13. «- Ele namorou-me de <u>pequenina</u> (...)» p.25 (P.C.)	«-On est sortis ensemble quand j'étais <u>toute jeune</u> (...)» p.27
1.14. «Deixa o meu marido que, para além de ter já duas, mostra sinais de cansaço. Está a ficar <u>velhinho</u> , o meu Tony. Eu não te quero agredir. Só quero defender o meu lar.» p.55 (P.C.)	«Laisse mon mari qui non seulement a déjà deux femmes mais, qui en plus, montre déjà des signes de fatigue. Il <u>se fait vieux</u> , mon Tony. Je ne te veux aucun mal. Je veux seulement défendre mon foyer.» p.63
1.15. «Do fundo do corredor, vem um casal de <u>velhinhos</u> » p.61 (P.C.)	«Du fond du couloir, arrive un couple de <u>petits vieux</u> » p.70

<p>1.16. «- Afrouxei. Parei e olhei. A <u>pobrezinha</u> estava descalça, despenteada e tinha o ventre enorme, no final da gestação.» p.88 (P.C.)</p>	<p>«La <u>pauvre</u> était pieds nus, avec les cheveux en bataille et un ventre énorme, en fin de grossesse.» p.100</p>
<p>1.17. «Se entrar no seu jogo fico quieta no meu cantinho e ele fica bem mais <u>pertinho</u>.» p.130 (P.C.)</p>	<p>«Si j'entre dans son jeu, et reste tranquille dans mon coin, il reste bien plus <u>près de moi</u>.» p.151</p>
<p>1.18. «Socorro, grita o homem enquanto chama pela <u>mãezinha</u>. Quero comê-lo vivo. Apesar de gordo, caberá todo ele no meu estômago.» p.169 (P.C.)</p>	<p>«Au secours, s'écrit l'homme qui appelle sa <u>maman</u>. Je veux le dévorer tout cru. Bien qu'il soit gros, il entrera tout entier dans mon ventre.» p.197.</p>
<p>1.19. «- Como vai, <u>filhinha</u>? Estás com esse teu ar triste. O que aconteceu ?» p.191 (P.C.)</p>	<p>«- Comment vas-tu, <u>ma fille chérie</u> ? Je connais cet air triste. Que s'est-il passé ?» p.222</p>
<p>1.20. «Tenho pena das <u>velhinhas</u>, sempre sozinhas, enxovalhadas pela vida.» p.295 (P.C.)</p>	<p>«J'ai pitié des <u>petites vieilles</u>, toujours seules, souillées par la vie.» p.336</p>
<p>1.21. «O meu novo marido é um português. Nós nos amamos, muito, muito, muito. É muito meiguinho, aquele meu <u>velhinho</u>. É viuvo, esse meu homem. E tem dinheiro.» p.325 (P.C.)</p>	<p>«Mon nouveau mari est portugais. Nous nous aimons, beaucoup, beaucoup, beaucoup. Il est très gentil, <u>mon petit vieux</u>. Il est veuf, mon homme à moi. Et il a de l'argent.» p.370</p>

La traduction garde à peu près le même degré axiologique. Elle n'accentue ni n'atténue la modalité présente dans le texte de départ.

Cependant, dans de nombreux autres cas, la traduction ne restitue pas le même degré d'expression affective:

<p>1.22. «Quando a Marta deixava o Hermes falar ao telefone, ele pedia: - Anda cá, <u>avozinha!</u>», p.143 (J.L.P.)</p>	<p>«Quand Marta le laissait parler au téléphone, il lui disait : «<u>Ma petite grand-mère</u>, est-ce que tu viens bientôt ?»», p.178</p>
---	--

Dans 1.22., «avozinha» est un diminutif affectif, de tendresse. Il est traduit par «petite» qui, certes, précédé d'un possessif a une valeur affective, mais que nous ne trouverons pas aisément dans les mots d'un jeune enfant d'une classe sociale peu élevée.

Dans le cas suivant (1.23), le mot «almoçinho» est ironique, car l'homme est emprisonné et soumis à la torture du sommeil. Ses repas lui sont servis toujours au moment où il essaie de dormir. Donc la formulation affectueuse, n'en est pas une, mais bien son contraire, car il sert les propos de la torture. En français, «bectance» ne porte pas la même valeur, car c'est un mot très familier. Il peut, en effet, traduire une façon de parler au détenu, mais elle n'est pas du tout présente dans le texte en portugais:

<p>1.23. «Visitas e refeições quase sempre quando o Homem acabava de adormecer, dormia ou julgava dormir, e uma tosse, pegada à sua orelha, o desmoronava de susto: o <u>almoçinho</u>, sócio, bom proveito (...)», p.22 (A.L.A)</p>	<p>«Visites et repas qui avaient immanquablement lieu quand l'Homme venait tout juste de s'endormir, qu'il dormait ou qu'il croyait dormir, et un toussotement tout contre son oreille le jetait par terre de frayeur : <u>la bectance</u>, l'ami, bon appétit (...)» p.22</p>
--	--

Dans l'exemple 1.24, le mot «entradota» qui signifie de façon gentille que la personne n'est plus toute jeune, est accentué par le mot «croulante» qui est assez familier:

<p>1.24. «Quando você foi para lá trabalhar a Senhora era uma criatura <u>entradota</u>, não? Pelas minhas contas à roda dos sessenta, sessenta e cinco, julgo eu.» p.54 (A.L.A)</p>	<p>Quand vous êtes allée travailler là-bas, la patronne était une <u>créature croulante</u>, n'est-ce pas ? D'après mes calculs, elle n'avait pas loin de soixante, soixante-cinq ans, non ?» p.56</p>
--	--

Dans les exemples 1.25 à 1.32 le diminutif disparaît. Par exemple, en 1.25, l'accent était mis sur le mot «couple» concernant des homosexuels. La moquerie était présente dans le mot «casalinho» (1.24). Ce jugement critique et ironique disparaît de la traduction en français:

<p>1.25. «(...) numa área em que os homossexuais se esfregavam de cremes e se beijavam no verão, cuidaria tropeçar num <u>casalinho</u> de maricas a amulhar namoros.» p.25 (A.L.A)</p>	<p>«(...) dans une zone où l'été les homosexuels s'enduisaient de crème et s'embrassaient, ils se croiraient en présence d'<u>un couple</u> de tantouses en train de roucouler des mots doux.» p.26</p>
<p>1.26. «(...) um aperto de mão, uma palmada nas costas, andas mais magro e <u>a deusinho</u>, se calhava enocntrá-lo na quinta de visita aos pais.» p.28 (A.L.A)</p>	<p>«(...) une poignée de main, une tape dans le dos, Tu as maigri, <u>au revoir</u>, quand il le rencontrait dans la propriété venu rendre visite à ses parents.» p.29</p>
<p>1.27. «Neste momento do processo não há praticamente nada que eu não saiba, e ao terminar a confissão dos seus compinchas prepare-se para uns dez <u>aninhos</u>, no mínimo, a encademar livros na oficina da cadeia.» p.30 (A.L.A)</p>	<p>«Au stade où en est l'enquête, il n'y a pratiquement rien que je ne sache déjà et quand vos copains auront craché le morceau, préparez-vous à écoper <u>de dix ans</u> au minimum, que vous passerez à relier des livres dans l'atelier de la prison.» p.31</p>
<p>1.28. «(...) tenho aqui o <u>gravadorzinho</u> ligado e vou carregar no botão da geringonça para a ouvir falar-me dessa época.» p.53 (A.L.A)</p>	<p>«(...) j'ai branché <u>le magnétophone</u>, je vais appuyer sur le bouton de cet engin et vous vous allez me parler de cette époque.» p.55</p>
<p>1.29. «ah, <u>Betinho</u>, meu <u>caçulinha!</u>», p.12 (P.C.)</p>	<p>Ah, <u>Betinho</u>, <u>mon cadet!</u>» p.12</p>
<p>1.30. «Gosto deste aniversariante. <u>Bonitinho</u> como o Tony, meu marido. Faz-me lembrar o meu Betinho quando era bebê. Parece que os dois foram feitos com o mesmo molde. São iguais Iguaizinhos.» p.78 (P.C.)</p>	<p>«J'aime beaucoup cet enfant. Il <u>est beau</u> comme Tony, mon mari. Il me rappelle mon Betinho, quand il était bébé. On les dirait sortis du même moule. Ils sont pareils. En tout point pareils.» p.89</p>
<p>1.31. «Anoitece e a <u>festinha</u> acabou.» p.79 (P.C.)</p>	<p>«La nuit tombe et la <u>fête</u> se termine.» p.90</p>
<p>1.32. «Somos da velha geração do tempo em que se dançava <u>abraçadinhos</u>, <u>coladinhos</u>, <u>transpiradinhos</u> na brisa tropical.» p.260 (P.C.)</p>	<p>«Nous sommes de la vieille génération, du temps où l'on <u>dansait à deux</u>, <u>collés l'un à l'autre</u>, et <u>transpirant</u> sous la brise tropicale.» p.298</p>

Par ailleurs, l'exemple 1.33 dont le diminutif est «-ita» qui est plutôt un diminutif dépréciatif que quantitatif perd, dans la traduction, sa valeur axiologique. Le même choix de traduction surgit en 1.34 et 1.35. Le mot «inconscientezeco» indique bien plus que «petit inconscient» car il porte dans ce suffixe «-eco» une valeur dépréciative. La même valeur surgit dans le mot «aldeola» qui plus qu'un «petit village», lui donne une valeur négative:

1.33. «Prepararam o trabalho de fevereiro a maio, a vigiar as idas e vindas do sujeito, encafuado numa <u>moradiazita</u> do interior de Carcavelos (...)» p.27 (A.L.A)	«Ils avaient préparé l'opération de février à mai, surveillant les allées et venues du bonhomme qui se claquemurait dans <u>un petit pavillon</u> à l'intérieur de Carcavelos (...)» p.28
1.34. «um <u>inconscientezeco</u> » p.15 (A.L.A)	« <u>un petit inconscient</u> » p.14
1.35. « <u>aldeola</u> » p.15 (A.L.A)	« <u>un petit village</u> » p.14

En effet, dans la plupart des exemples où nous pouvons identifier une valeur quantitative et une valeur qualitative, le traducteur choisit la première, annulant de façon presque systématique la valeur affective, ironique ou dépréciative: (1.36. à 1.40)

1.36. «A <u>Mauazinha</u> vivia coladinha ao nosso Tony.» p.116 (P.C.)	«La <u>petite Mauá</u> restait toujours collée à notre Tony.» p.133
1.37. «Minhas <u>pombinhas</u> , saudou-nos ele com o sorriso mais franco do mundo, criador diante das fêmeas reunidas no curral.» p.138 (P.C.)	« <u>Mes petites colombes</u> , nous a-t-il saluées avec le sourire le plus franc du monde, étalon devant ses femelles réunies au milieu du corral.» p.160
1.38. «A gula desmedida gerou congestão de amor no estômago pequeno. <u>Pobrezinho!</u> Julgava-se capaz de pastar uma manada de esposas sem dissabores nem sacrificio.» p.146 (P.C.)	«Sa gourmandise démesurée a provoqué une indigestion d'amour dans son petit estomac. <u>Pauvre petit !</u> Il se croyait capable d'élever tout un troupeau d'épouses sans dégoût, ni sacrifice.» p.170

1.39. «- Ele não sai da tua casa porque não danças. Gosta de estar lá confinado porque descansa, com massagens, <u>miminhos</u> e <u>festinhas</u> . Eu já não tenho tempo para essas coisas – diz a Ju para a surpresa de todos.» p.261 (P.C.)	«Il ne sort pas de chez toi parce que tu ne dances pas. Il aime s'isoler là-bas, car il y trouve du repos, et aussi des massages, des <u>petits soins</u> , et des <u>petites fêtes</u> . Moi, je n'ai plus de temps pour ces choses, dit Ju à la surprise de toutes.» p.299
1.40.« Seguimos para o centro do país. Encontramos donzelas mais <u>pequeninas</u> . <u>Baixinhas</u> . <u>Escurinhas</u> . <u>Jeitosinhas</u> . <u>Bonitinhas</u> . Levamos muito tempo a tentar descobrir uma que valha a pena. Umas pareciam ser <u>boazinhas</u> , outras mais <u>teimosinhas</u> . Não serviam.» p.314 (P.C.)	«Nous avons continué par le centre du pays. Nous avons rencontré des donzelles <u>plus petites</u> . <u>Basses</u> . <u>Noires</u> . <u>Dégourdies</u> . <u>Mignonnes</u> . Nous avons mis du temps à essayer d'en trouver une qui vaille la peine. Les unes semblaient <u>gentilles</u> , les autres <u>plus têtues</u> . Elles ne convenaient pas.» p.358

Par ailleurs, l'exemple 1.33 dont le diminutif est «-ita» qui est plutôt un diminutif dépréciatif que quantitatif perd, dans la traduction, sa valeur axiologique. Le même choix de traduction surgit en 1.34 et 1.35. Le mot «inconscientezeco» indique bien plus que «petit inconscient» car il porte dans ce suffixe «-eco» une valeur dépréciative. La même valeur surgit dans le mot «aldeola» qui plus qu'un «petit village», lui donne une valeur négative:

1.41. «Eu era <u>burrinha</u> . <u>Boazinha</u> . <u>Parvinha</u> de uma forma tal que acabei nestas reuniões de partilha só para receber uma fatia semanal de tudo o que era meu.» p.260 (P.C.)	«J'étais <u>bête</u> . <u>Bien brave</u> . <u>Si stupide</u> que j'ai fini par me retrouver au beau milieu de ces réunions de partage pour ne recevoir qu'une part de ce qui était tout à moi.» p.297
--	---

En effet, dans la plupart des exemples où nous pouvons identifier une valeur quantitative et une valeur qualitative, le traducteur choisit la première, annulant de façon presque systématique la valeur affective, ironique ou dépréciative: (1.36. à 1.40)

<p>1.36. «A <u>Mauazinha</u> vivia coladinha ao nosso Tony.» p.116 (P.C.)</p>	<p>«La <u>petite Mauá</u> restait toujours collée à notre Tony.» p.133</p>
<p>1.37. «Minhas <u>pombinhas</u>, saudou-nos ele com o sorriso mais franco do mundo, criada diante das fêmeas reunidas no curral.» p.138 (P.C.)</p>	<p>«<u>Mes petites colombes</u>, nous a-t-il saluées avec le sourire le plus franc du monde, étalon devant ses femelles réunies au milieu du corral.» p.160</p>
<p>1.38. «A gula desmedida gerou congestão de amor no estômago pequeno. <u>Pobrezinho!</u> Julgava-se capaz de pastar uma manada de esposas sem dissabores nem sacrificio.» p.146 (P.C.)</p>	<p>«Sa gourmandise démesurée a provoqué une indigestion d'amour dans son petit estomac. <u>Pauvre petit!</u> Il se croyait capable d'élever tout un troupeau d'épouses sans dégoût, ni sacrifice.» p.170</p>
<p>1.39. «- Ele não sai da tua casa porque não danças. Gosta de estar lá confinado porque descansa, com massagens, <u>miminhos</u> e <u>festinhas</u>. Eu já não tenho tempo para essas coisas – diz a Ju para a surpresa de todos.» p.261 (P.C.)</p>	<p>«Il ne sort pas de chez toi parce que tu ne dances pas. Il aime s'isoler là-bas, car il y trouve du repos, et aussi des massages, des <u>petits soins</u>, et des <u>petites fêtes</u>. Moi, je n'ai plus de temps pour ces choses, dit Ju à la surprise de toutes.» p.299</p>
<p>1.40. « Seguímos para o centro do país. Encontramos donzelas mais <u>pequeninas</u>, <u>Baixinhas</u>, <u>Escuinhas</u>, <u>Jeitosinhas</u>, <u>Bonitinhas</u>. Levamos muito tempo a tentar descobrir uma que valha a pena. Umás pareciam ser <u>boazinhas</u>, outras mais <u>teimosinhas</u>. Não serviam.» p.314 (P.C.)</p>	<p>«Nous avons continué par le centre du pays. Nous avons rencontré des donzelles <u>plus petites</u>, <u>Basses</u>, <u>Noires</u>, <u>Dégourdiées</u>, <u>Mignonnes</u>. Nous avons mis du temps à essayer d'en trouver une qui vaille la peine. Les unes semblaient <u>gentilles</u>, les autres <u>plus têtues</u>. Elles ne convenaient pas.» p.358</p>

Dans l'exemple 1.41, le diminutif qui a une valeur augmentative est soit annulé, soit remplacé par un adverbe («bien») ou par une conjonction («si») qui indique cette valeur:

1.41. «Eu era <u>burrinha</u> . <u>Boazinha</u> . <u>Parvinha</u> de uma forma tal que acabei nestas reuniões de partilha só para receber uma fatia semanal de tudo o que era meu.» p.260 (P.C.)	«J'étais <u>bête</u> . <u>Bien brave</u> . <u>Si stupide</u> que j'ai fini par me retrouver au beau milieu de ces réunions de partage pour ne recevoir qu'une part de ce qui était tout à moi.» p.297
--	---

2.

En ce qui concerne les suffixes augmentatifs, ils sont préférentiellement annulés dans la traduction en français surtout quand ils portent plus qu'une valeur de quantité. Par exemple, la valeur dépréciative de «solteirona» ou «viuvona» disparaît. Dans ce dernier cas, n'existant pas un équivalent usuel en français, il est annulé. Parfois, le traducteur essaie de trouver l'équivalent axiologique comme dans le cas de «solteirão», traduit par «célibataires endurcis»:

2.1. «Mencione ao Homem, a avozinha_lésbica, sugira testemunhas, e insinua uma notícia nos jornais que costuma dar um <u>resultadão</u> e peras.» p.43 (A.L.A)	«Parlez au bonhomme de sa <u>chère grand-mère</u> lesbienne, suggérez des noms de <u>témoins</u> , mentionnez la publication d'un entrefilet dans les journaux, d'habitude ça donne <u>des résultats formidables</u> .» p.45
2.2. «- Que esposas, Tony – diz a Ju, com voz <u>tristonha</u> -, nós somos mulheres de ninguém, mulheres sozinhas com uma cruz às costas.» p.141 (P.C.)	«- Quelles épouses, Tony, dit Ju d'une <u>voix très triste</u> , nous ne sommes les femmes de personne, des femmes seules avec une croix sur les épaules.» p.164
2.3. «Nós, as restantes, viveremos na solidão das <u>solteironas</u> e das <u>viuvonas</u> . Eu não quero ser nem <u>solteirona</u> nem <u>viuvona</u> . Em algum canto deste mundo há-de existir um homem só para mim.» p.311 (P.C.)	«Nous, celles qui resteront, nous connaissons la solitude des <u>vieilles filles</u> et des <u>veuves</u> . Je ne veux être ni <u>vieille fille</u> , ni <u>veuve</u> . Dans un coin de ce monde, il doit bien exister un homme rien que pour moi.» p.355
2.4. «- Esse Tony, o que é que pensa que é? Um <u>solteirão</u> qualquer?» p.132 (P.C.)	«- Ce Tony, pour qui se prend-il ? Pour un de ces <u>célibataires endurcis</u> ?» p.153

3.

Les interjections expriment des sentiments spontanés de l'âme et nous les trouvons dans les dialogues des personnages qui se rapprochent du dialogue réel et spontané. Elles permettent de moduler les énoncés et sont le plus souvent accentuées par le point d'exclamation.

En ce qui concerne notre *corpus*, nous avons relevé de nombreuses interjections surtout dans le roman de Paulina Chiziane. Dans le roman d'António Lobo Antunes nous n'avons identifié aucune interjection ce qui nous aide également à caractériser le style d'un auteur. En effet, António Lobo Antunes prône une écriture dépouillée, sans artifices où c'est le lecteur qui doit construire le sens et donc y identifier et y créer des modalités d'expression. Ce que nous avons relevé des exemples 3.1 à 3.8, qui illustrent les nombreuses occurrences présentes dans notre corpus, c'est que la traduction maintient ces interjections et les annule très rarement. Dans certains cas, elle les adapte à la langue d'arrivée comme dans «Uf», «Ouf», ou dans «zás», «vlan»:

3.1. « <u>Oh</u> , meu Tony!» p.14 (P.C.)	« <u>Oh</u> , mon Tony !», p.15
3.2. «- <u>Ah</u> !» p.29 (P.C.)	«- <u>Ah</u> !» p.31
3.3. « <u>Uf</u> , mas que sova tão valente eu levei!» p.29 (P.C.)	« <u>Ouf</u> , mais quelle raclée je me suis prise !» p.31
3.4. «A Julieta julgava-se melhor do que eu a ponto de roubar-me o lugar, de destronar-me, mas veio esta e <u>zás</u> ! Essa terceira mulher foi fantástica, vingou o meu ciúme.» p.51 (P.C.)	«Julieta se jugeait meilleure au point de prendre ma place, de me détrôner, mais celle-ci est arrivée, <u>et vlan</u> ! Cette troisième femme s'est montrée fantastique, elle a vengé ma jalousie.» p.58
3.5. « <u>Ah</u> , meu bom Deus!» p.66 (P.C.)	« <u>Ah</u> , mon Dieu !»p.76
3.6. « <u>Ah</u> , meu bom Jesus, tu que fizeste o milagre da multiplicação dos pães, venha de novo e multiplica também os homens.» p.146 (P.C.)	« <u>Ah</u> , doux Jésus, toi qui as accompli le miracle de multiplier des pains, reviens et multiplie aussi les hommes.» p.169
3.7. « <u>Ah</u> , meu amor ingrato.» p.171 (P.C.)	« <u>Ah</u> , mon amour ingrat.» p.198
3.8. «- <u>Ah</u> , minha linda menina !» p.191 (P.C.)	«- <u>Ah</u> , ma jolie petite fille !» p.222

CONCLUSION

Nos résultats et observations rejoignent une partie de ceux auxquels Maria Helena Carreira avait fait référence dans son étude, déjà citée. En effet, notre *corpus* montre l'existence de «zones de fragilité» dans le passage du portugais au français, principalement en ce qui concerne l'emploi des diminutifs. Ces fragilités sont caractérisées par une fréquente réduction du degré d'intensité des modalités expressives qui va jusqu'à leur annulation. L'ironie présente dans quelques exemples de diminutifs est détournée et le type et le degré de modalité est altéré. Par ailleurs, au niveau de l'emploi des interjections dans des phrases exclamatives nous observons le même degré de modalité axiologique dans les deux langues.

En somme, la modalité axiologique qui se lie à l'expression de la subjectivité et qui demande un certain degré de participation du lecteur semble poser des difficultés au traducteur qui fréquemment les annule ou leur donne une valeur différente.

Nous rejoignons Maria Helena Carreira lorsqu'elle affirme en guise de conclusion à son étude:

A análise linguística de zonas que levantam problemas de tradução (...) conduz-nos a um melhor conhecimento comparativo dos recursos linguísticos utilizados em cada língua. Poderá assim dar o seu contributo não só à teoria como à prática da tradução.

L'analyse linguistique de zones qui soulèvent des problèmes de traduction (...) nous conduit à une meilleure connaissance comparative des moyens linguistiques employés dans chaque langue. Elle pourra ainsi donner son apport non seulement à la théorie mais aussi à la pratique de la traduction.

REFERÊNCIAS

Corpus:

- Chiziane, P. (2002). *Niketche, Uma história da Poligamia*. Lisboa: Caminho, 334p.
- Chiziane, P. (2006). *Le Parlement conjugal, Une histoire de polygamie*. Paris: Actes Sud, roman traduit du portugais (Mozambique) par Sébastien Roy, 379p.
- Lobo Antunes, A. (1993). *Traité des Passions de l'Âme*. Paris: Christian Bourgois Éditeur, traduit du portugais par Geneviève Leibrich, 420p.
- Lobo Antunes, A. [1990], (ed. ne varietur, 2005). *Tratado das Paixões da Alma*. Lisboa: Dom Quixote, 400p.
- Peixoto, J. L. (2008). *Le cimetière de pianos*, traduit du portugais par François Rosso, Paris: Folio, 357p.
- Peixoto, J. L. [2006], (5^a ed. 2010). *Cemitério de Pianos*. Lisboa: Quetzal, 284p.
- Bally, C. (1932/1965). *Linguistique Générale et Linguistique Française*. Berne: A. Francke, Verlag.
- Carreira, M. H. de A. (dezembro de 1990 / Março de 1991). Modalidades Linguísticas do Português e sua tradução em Francês: Alguns Aspectos. *Revista ICALP*. Lisboa: ICALP, vol.22 e 23, p.15-28.
- Maingueneau, D. (1999). *Syntaxe du Français*. Paris: Hachete.
- Meunier, A. (1974). Modalités et communication. *Langue Française*, n°21. Paris: Larousse.
- Nolke, H. (1993). *Le regard du locuteur. Pour une linguistique des traces énonciatives*. Paris: Kimé.
- Pottier, B. (1992). *Sémantique Générale*. Paris: PUF.

